

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

JULIANA DA SILVEIRA

**NAVEGANDO PELO DISCURSO POLÍTICO-ELETRÔNICO: MUTAÇÕES  
DOS/NOS ENUNCIADOS POLÍTICOS NA INTERNET**

MARINGÁ – PR

2009

JULIANA DA SILVEIRA

**NAVEGANDO PELO DISCURSO POLÍTICO-ELETRÔNICO: MUTAÇÕES  
DOS/NOS ENUNCIADOS POLÍTICOS NA INTERNET**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Lingüísticos.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Célia Cortez Passetti

MARINGÁ – PR

2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Silveira, Juliana da

S587n        Navegando pelo discurso político-eletrônico : mutações dos/nos enunciados políticos na internet / Juliana da Silveira. -- Maringá, 2009.

151 f. : il. color.

Orientador : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Célia Cortez Passetti.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

1. Discurso político-eletrônico - Análise da circulação. 2. Discurso político-midiático - Análise da circulação. 3. Requião, Roberto, 1941- - Discurso do cidadão na internet. 4. Internet - Enunciado político - Análise da circulação. 5. Análise do discurso. I. Passetti, Maria Célia Cortez, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

JULIANA DA SILVEIRA

**NAVEGANDO PELO DISCURSO POLÍTICO-ELETRÔNICO: MUTAÇÕES  
DOS/NOS ENUNCIADOS POLÍTICOS NA INTERNET**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Lingüísticos.

Aprovada em **21 de Agosto de 2009**.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Célia Cortez Passetti  
Universidade Estadual de Maringá – UEM  
- Presidente –

---

Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo  
Universidade Estadual de Maringá – UEM  
- Membro Titular –

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica Graciela Zoppi Fontana  
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP  
- Membro Titular Externo –

**Aos meus pais, Moacir e Clemira**

Dedico este trabalho a vocês que me lançaram nas águas da vida com a embarcação bem cuidada, a bagagem encaminhada, e a lição de que através do estudo eu poderia descobrir novos mares. Mas, principalmente, por serem sempre um porto-seguro para o qual posso retornar para me abrigar das tempestades e para compartilhar minhas conquistas.  
Amo vocês.

## **Diário de Bordo: Agradecimento aos navegantes**

### ***Ao Narciso, especialmente***

Pelo aconchego, calor e acalanto nas madrugadas enluaradas e nas noites de tempestade. Amigo, amante e companheiro. Obrigada por me escutar, por contribuir com seu ponto de vista sobre a Internet e sobre a política, pela paciência em deixar suspenso tantas outras coisas durante a realização deste trabalho. Obrigada pela ajuda com o computador, com as imagens e tudo mais. “Estranho seria se eu não me apaixonasse por você...”

PROFESSORES (tripulantes da navegação)

### ***À Profª. Drª. Maria Célia Passetti***

Agradeço por estar sempre a estibordo, do lado direito dessa embarcação: mudando, incentivando, aprimorando minhas rotas acadêmicas e teóricas. Visão amiga e sincera dos perigos. Companheira divertida de viagens terrestres, virtuais e ilusórias. Agradeço sempre e reconheço toda a atenção e paciência dispensada.

### ***Ao Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo***

Agradeço por ter estado muitas vezes a bombordo dessa embarcação, indicando possíveis caminhos quando nossa visão se fez turva ou nebulosa. Agradeço a indicação que me levou até a Maria Célia, os “pitacos” iniciais para este trabalho, a amizade, e as contribuições teóricas antes e durante a qualificação.

### ***À Profª. Drª. Maria Aparecida Honório (Ceci)***

Agradeço a chance de participação em sua disciplina, permitindo que eu iniciasse minha viagem pela “sua praia” teórica e, também, por estar aberta à amizade construída a partir daí. Obrigada pela gentileza de ler, também, o início desse trabalho, contribuindo com importantes observações, e, ainda, pelas dicas, conversas, risadas e tudo mais.

### ***À Profª. Drª. Mônica G. Zoppi Fontana***

Pela leitura e contribuições no momento da qualificação que me fizeram repensar partes importantes deste trabalho, permitindo-me atracar em terra firme com maior segurança.

### ***À CAPES***

Pelo financiamento de um ano de pesquisas.

FAMILIARES (meu Porto Seguro):

### ***Aos meus pais amados, Moacir e Clemira***

Que, do mirante, cuidaram, velaram, financiaram e alimentaram meus sonhos. Protegeram, vigiaram, oraram e torceram por esta embarcação.

### ***À Solange, Alessandra e Isa, queridas irmãs e sobrinha***

Pela ajuda voluntária de sempre, a torcida, as orações, e todo o auxílio (físicos, financeiros e fraternos) que me deram nas horas de precisão. Amo vocês e agradeço a Deus por serem minha família.

### ***Aos meus sogros queridos, Geni e Aleixo***

Pela torcida, pelas orações, pelas ajudas cotidianas e por compreenderem as minhas ausências nos domingos.

### ***À Maria Clara, cunhada querida***

Por todas as formas de auxílio que direta e indiretamente me permitiram concluir este trabalho.

AMIGAS E AMIGOS (turistas da navegação)

### ***À Rê, Ana, Verinha e Adriana***

Amigas, vocês são as maiores responsáveis pela existência deste trabalho, de diferentes e inúmeras formas vocês me ajudaram a construí-lo, a destruí-lo e a reconstruí-lo, em nossas paradas nos botecos, nos corredores da UEM, na rodoviária. Obrigada por estarem sempre no Píer, prontas para a “descarga” e “recarga” das incertezas e alegrias da viagem. No meio de tanta água, vocês me permitiram andar um pouco em terras secas. Agradeço pelas dicas de viagem, pelos macetes de navegação, pelas rotas indicadas, pelos livros emprestados e todos os demais auxílios. Sem vocês está viagem teria sido triste e solitária.

### ***Integrantes do GEPOMI***

Agradeço cada um dos participantes do Gepomi, pelas agradáveis noites ou tardes de leitura e partilha que me permitiram pensar melhor muitos itens deste trabalho especialmente: Sônia Benites, Verinha, Edson, Elaine, Milena, Paula, Josebely, Patricia Duarte, Eliana Greco e todos os demais.

### ***Colegas e professores do mestrado***

Aos colegas e professores do mestrado, que entre uma disciplina e outra, um café e outro, um texto e outro, fizeram esse percurso ser, de algum modo, agradável, especialmente aos professores: Pedro Navarro, Ismara Tasso e Neiva Maria Jung; e às colegas: Kátia, Aline Ramires, Elaine, Fernanda Lunkes, Marcela e Viviane Regilio.

“Senhor:  
Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os  
outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova  
do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta  
navegação se achou, não deixarei também de dar  
disso minha conta a Vossa Alteza, assim como  
eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar –  
o saiba pior que todos fazer. Tome Vossa Alteza, porém,  
minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo  
que, para aformosear nem afeiar, não porei aqui mais  
do que aquilo que vi e me pareceu.  
[...] E, se algum pouco me alonguei,  
Ela me perdoe, que o desejo que tinha,  
de Vos tudo dizer, mo fez assim pôr pelo miúdo.  
[...] Da marinhagem e singraduras do caminho  
não darei aqui conta a Vossa Alteza [...].  
Portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo:[...]”  
(Pero Vaz de Caminha)



## RESUMO

Esta dissertação tematiza os modos de circulação de enunciados políticos na Internet, bem como as transformações que estes enunciados sofrem nesta materialidade. Nossa fundamentação teórica está centrada na Análise do Discurso, baseada em conceitos de autores como Michel Pêcheux, Jean-Jacques Courtine, Patrick Charaudeau, Eni Orlandi, entre outros, mas contempla também um diálogo com teóricos das ciências sociais, para uma rápida revisão dos conceitos teóricos de político(a), além de estudiosos da comunicação e da Internet, que nos ajudaram a compreender as influências da mídia tradicional e da Internet, no discurso político contemporâneo. Problematizamos o modo como a Internet se configura em uma nova materialidade discursiva que afeta e reconfigura o discurso político na atualidade, através de uma proposta de análise do modo de funcionamento do discurso político-eletrônico, de forma a estabelecer algumas regularidades para os sujeitos e os discursos no espaço-tempo da virtualidade. Para nossas análises recortamos os enunciados que circularam sobre o político Roberto Requião, atual governador do Paraná, em duas Redes Sociais: *YouTube* e *Orkut*, e dois sites colaborativos: *Wikipédia* e *Desciclopédia*. Como recorte inicial, selecionamos um acontecimento político-midiático, sobre Roberto Requião, discursivizado em dois telejornais da Rede Globo e, posteriormente, descrevemos e analisamos a circulação desse acontecimento nos sites selecionados, bem como seus desdobramentos, repetições, comentários, deslocamentos. A análise da circulação dos enunciados nos permitiu descrever algumas regularidades para o discurso político-eletrônico, tais como as relações interdiscursivas realizadas pelo uso dos *links*, cujas recuperações nos permitiram estabelecer as diferentes posições político-ideológicas presentes nos enunciados analisados. Vimos que, a articulação entre os discursos político-midiáticos e o discurso político-eletrônico, coloca em cena uma nova/outra classe de cidadãos, que nos leva do sujeito eleitor ao sujeito e-leitor, ou seja, do sujeito restrito ao papel de receptor passivo dos discursos políticos legitimados, ao sujeito navegador, participativo, midiaticizado, que, ao entrar na ordem do discurso eletrônico, altera a estrutura discursiva do campo político, se consideradas as mudanças nas formas de leitura e escritura dos enunciados políticos. Concluímos que os enunciados político-eletrônicos analisados apresentaram condições de produção específicas, apontando para uma reconfiguração do discurso político tradicional, a partir das diferentes mutações que os enunciados políticos sofrem ao circularem na Internet.

**Palavras-chave:** Discurso político-midiático, Discurso político-eletrônico, Roberto Requião, Internet, e-leitor

## RÉSUMÉ

Cette dissertation aborde la circulation des énoncés politiques dans l'Internet et, aussi, les changements que ces énoncés traversent en entrant dans cette nouvelle matérialité. Notre base théorique est centrée dans l'Analyse du Discours en utilisant les concepts des auteurs comme Michel Pêcheux, Jean-Jacques Courtine, Patrick Charaudeau, Eni Orlandi, etc. Toutefois, on contemple aussi un dialogue avec des théoriciens des sciences sociales, pour une révision des concepts théorique du terme politico et politique et aussi des chercheurs de la communication et de l'Internet dont les études nous ont possibilité comprendre les influences du média traditionnel et de l'Internet dans les discours politique contemporain. On a pris comme problématique la façon dont l'Internet se figure dans une nouvelle matérialité discursive qui affecte et re-figure les discours politique dans notre actualité, en présentant une proposition d'analyse du mode de fonctionnement du discours politico-électronique en cherchant établir quelques régularités pour les sujets et les discours dans l'espace-temps de la virtualité. Notre *corpus* est centrée dans deux réseaux sociaux: *YouTube* e *Orkut*, et deux sites collaboratives: *Wikipédia* e *Desciclopédia*. Nous avons commencé les analyses en prenant un événement politico-médiatique, sur le politicien Roberto Requião, transformé en énoncés discursives discuté dans deux télé-journaux de la chaîne Rede Globo et, ensuite, on a décrit et on a analysé la circulation de cet événement dans les *websites* sélectionnés, et aussi leurs.dédoubléments, leurs répétitions, leurs commentaires, leurs déplacements. L'analyse de la circulation des énoncés nous a permis de décrire les relations interdiscursives réalisées par l'utilisation des *links*, dont les énoncés ont fait émerger différents thèmes politiques du scénario de l'état et national, par exemple, la loi qui a interdit les transgéniques au Paraná, la relation polémique entre le gouverneur Roberto Requião et la chaîne Rede Globo, le scandale politique national du "mensalão", entre autres. Ces faits qui ont réapparus nous a permis encore d'établir les différentes positions político-idéologiques présentes dans les énoncés analysés. Nous avons vu que l'articulation entre les discours político-médiatiques et le discours político-électronique met en scène une autre classe de cytoen, nomées dans ce travail de "é-lecteur", un sujet qui n'est plus un recepateur passive des discourses politiques legitimés, mais est un sujet navigateur, participative, médiatique, que change l'estructure discursive de le champ politique, si ont consideré les transformations des modes d'écriture et de lecture électronique. Nous avons conclu que les énoncés politico-électroniques analysés présentent des conditions de production spécifiques qui nous amènent à une reconfiguration du discours politique traditionnel, à partir des différentes mutations que les énoncés politiques subissent quand ils circulent dans l'Internet.

**Mots-clé:** discours politico-médiatique, discours político-électronique, Roberto Requião, Internet

## SUMÁRIO

	<b>PREPARANDO A VIAGEM.....</b>	<b>11</b>
<b>1</b>	<b>I NAU: NAVEGANDO PELAS TEORIAS DE POLÍTICO(A) E DE DISCURSO.....</b>	<b>19</b>
1.1	O CONCEITO DE POLÍTICO(A).....	19
1.2	DISCURSO E DISCURSO POLÍTICO.....	25
1.2.1	<b>Discurso político-midiático.....</b>	<b>30</b>
1.2.2	<b>Discurso político-eletrônico.....</b>	<b>36</b>
<b>2</b>	<b>II NAU: CAINDO NA REDE - CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO-ELETRÔNICO.....</b>	<b>43</b>
2.1	INTERNET: A REDE DE MÁQUINAS E SUA HERANÇA CONTRACULTURAL.....	43
2.1.1	<b>Imaginário discursivo da Internet: uma tecnologia libertária.....</b>	<b>46</b>
2.2	WEB: A REDE DE CONTEÚDO E O HIPERTEXTO.....	48
2.2.1	<b>Uma visão discursiva do hipertexto.....</b>	<b>50</b>
2.3	WEB 2.0: AS REDES SOCIAIS.....	53
<b>3</b>	<b>III NAU: OS SUJEITOS POLÍTICOS NO ESPAÇO-TEMPO DA INTERNET.....</b>	<b>57</b>
3.1	NOVOS SUJEITOS E UM NOVO ESPAÇO-TEMPO PARA A PRODUÇÃO DE ENUNCIADOS POLÍTICOS?.....	57
3.2	DO ELEITOR PARA O E-LEITOR.....	63
3.3	O BOATO, A PARÓDIA, E A DESQUALIFICAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO: ALGUMAS REGULARIDADES DO DISCURSO POLÍTICO-ELETRÔNICO.....	68
<b>4</b>	<b>IV NAU: ANÁLISE DA CIRCULAÇÃO DOS ENUNCIADOS POLÍTICOS NA INTERNET.....</b>	<b>74</b>
4.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS DAS ANÁLISES.....	74
4.2	DISCURSO POLÍTICO-MIDIÁTICO: A LÓGICA DO ESPETÁCULO....	75
4.3	PRIMEIRAS LIGAÇÕES: DOS TELEJORNAIS PARA O YOUTUBE....	78

4.3.1	<b>Circulando pelo mar dos comentários: sentidos que se abrem.....</b>	90
4.4	OUTRAS LIGAÇÕES: DO <i>YOUTUBE</i> PARA O <i>ORKUT</i> .....	102
4.4.1	<b>Mergulhando em outro episódio: <i>linkar</i> e deslocar sentidos.....</b>	104
4.4.2	<b>Retornando ao episódio inicial: <i>linkar</i> e recuperar sentidos.....</b>	110
4.5	OUTRAS LIGAÇÕES: ARQUIVO E MEMÓRIA .....	115
4.6	CONSIDERAÇÕES FINAIS DAS ANÁLISES.....	128
4.7	MAPA DE NAVEGAÇÃO DOS SENTIDOS ANALISADOS EM TORNO DE RR: Política, Televisão, Internet	134
	<b>O FIM DA VIAGEM: RELATANDO O PERCURSO E ATRACANDO EM AREIAS MOVEDIÇAS.....</b>	135
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	138
	<b>ANEXOS.....</b>	144

## PREPARANDO A VIAGEM

A sociedade atual se caracteriza por aquilo que se convencionou chamar *sociedade da informação*, idéia que se consolidou ao longo dos últimos trinta anos a partir do fato de que jamais se produziu, armazenou e disseminou tanta informação como nos dias atuais.

Nesse contexto, a Internet se destaca como uma das maiores representantes de um novo tempo e espaço, bem como do novo mundo moderno. Mas antes mesmo da Internet surgir, a influência da mídia na sociedade é investigada por muitos estudiosos que se dedicam a compreender como a mídia, principalmente a televisiva, provocou reconfigurações na sociedade de um modo geral.

Sempre nos chamou a atenção, e nos interessa muito, a discussão sobre as injunções que a política, e os políticos, sofreram das mídias, tais como a modernização de campanhas eleitorais, a ênfase no candidato como produto, as alterações que o discurso político sofreu e, ainda, o debate em torno de uma “certa apatia” do caráter partidário, nos discursos políticos atuais.

Embora as discussões sobre a interferência da mídia tradicional<sup>1</sup> na política, e no discurso político, estejam longe de terminar, o crescente aumento dos meios de comunicação digitais, a sua pluralidade de modelos, os seus inúmeros recursos e a sua contínua evolução, abrem um novo espaço de discussão, argumentação e opinião que afetam tanto a vida social quanto a esfera política. Nessa conjuntura, a Internet surge para embaralhar ainda mais a relação mídia-política, nos levando a considerar a relevância em pesquisar sobre esse novo espaço midiático.

No âmbito acadêmico brasileiro as investigações e pesquisas em torno da Internet têm se multiplicado cada vez mais. Podemos encontrar trabalhos que analisam o impacto da Internet em diferentes áreas como, a da informática<sup>2</sup>, da comunicação<sup>3</sup>, das ciências sociais<sup>4</sup>, e até mesmo da história. E, embora cada área aborde a questão dentro de seu campo específico, de um modo geral é possível dizer que, seja da perspectiva histórica, da comunicacional, da linguageira ou da filosófica, todas essas áreas vêem a Internet como uma das novas tecnologias da

---

<sup>1</sup> Por mídia tradicional entendemos todo o veículo midiático que se encontre fora do ambiente das novas tecnologias, entre eles: a televisão, o rádio, o jornal impresso e demais mídias convencionais.

<sup>2</sup> Leão (199), Recuero (2005), Cauduro (2003).

<sup>3</sup> Felinto (2004), Fidalgo (2004), Donati (2004), Trivinho (2003).

<sup>4</sup> Santos (2003).

informação que, de alguma forma, provoca alterações significativas nas relações sociais.

Na área dos estudos da linguagem também começam a surgir trabalhos que apontam para as transformações que a Internet tem provocado na sociedade atual e na linguagem<sup>5</sup> de um modo geral. Em sua maioria esses estudos têm se centrado em questões relacionadas ao uso da Internet como ferramenta de ensino e a questões referentes aos gêneros textuais da Internet e demais estudos do hipertexto. No campo dos estudos discursivos, que é o campo no qual esta pesquisa se insere, os principais estudos e artigos se concentram em investigar o modo como a tecnologia da Internet vem construindo novas identidades através de práticas discursivas de subjetivação desses novos sujeitos<sup>6</sup>.

Embora os estudos realizados em torno da Internet sejam inúmeros e extremamente relevantes, são escassos, no entanto, trabalhos de referência que tratam diretamente da relação entre Internet e política, principalmente no tocante aos discursos políticos eleitorais. No período de nossa pesquisa encontramos apenas uma obra publicada que se referia diretamente à relação entre política e Internet. Essa obra intitulada *Política e Internet* é fruto de artigos apresentados em um Seminário Internacional<sup>7</sup> promovido pelo Laboratório de Ciência da Computação da Universidade Estadual de Minas Gerais, e, apesar de sua relevante contribuição para essa temática, não toca questões linguageiras dessa relação.

Diante deste cenário, entendemos que nossa pesquisa ganha relevância, uma vez que compreende as preocupações atuais em torno das reconfigurações do campo político, provocadas pelos espaços midiáticos. Nesse aspecto buscamos contribuir para as reflexões entre mídia e política dentro de um projeto maior em que se insere esta pesquisa, pertencente ao Grupo de Estudos Políticos e Midiáticos – GEPOMI (CNPq/UEM).

Ressaltamos o fato de que, diferente da grande maioria dos trabalhos atuais, esta pesquisa centra-se no papel da Internet para o campo político, mais precisamente, no que se refere aos sujeitos políticos, a partir de uma perspectiva

---

<sup>5</sup> Dias (2003), Oliveira (2004), Komesu (2005), Coracini (2006), Carmagnani (2006), Ferreira (2006).

<sup>6</sup> Destacamos nesta área os trabalhos de Cristiane Dias e do grupo de pesquisas Dicit e Endici, do Laborurb/Unicamp e de alguns trabalhos coordenados pela Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Amanda Eloina Scherer no grupo de pesquisas Linguagem, Sentido e Memória, do Laboratório de pesquisas Corpus/UFSM.

<sup>7</sup> Internet, *Democracy and Public Goods*. Seminário promovido pela área de comunicação e tecnologia que visou discutir como o fenômeno da disseminação das novas tecnologias está impactando a vida política das democracias contemporâneas. (EISENBERG; CEPIK, 2002).

discursiva, contribuindo desse modo para inserir pesquisas referentes à mídia Internet nos estudos do discurso político.

Assim, iniciamos esta pesquisa pelos mares pouco navegados do discurso político eletrônico, partindo da hipótese de que a Internet institui um novo modo de produção e circulação dos discursos e que esse novo espaço material de produção, instaura novas possibilidades de pensar, dizer e ler os eventos políticos discursivizados na rede mundial de computadores. A Internet possibilita a entrada em cena de novos atores e novas formas de relação entre sujeitos-políticos e sujeitos-eleitores.

Considerando que o *corpus*, em Análise do Discurso, é resultante da construção do próprio analista (Orlandi, 2003a, p. 63), nosso objeto de análise foi se construindo em torno do sujeito Roberto Requião (RR), na Internet, segundo inquietações pessoais e teóricas. Primeiro a vontade de compreender como a linguagem eletrônica poderia ser vista discursivamente, depois o desejo de investigar os efeitos do uso dessa linguagem para o campo político, e, posteriormente, compreender os motivos pelos quais o governador RR aparecia como um dos políticos paranaenses mais discursivizados na Internet. Destacamos aqui, que optamos pela delimitação do *corpus* em torno do nome RR tanto por esse aparecer com maior frequência quanto pelo desejo de produzir pesquisas no âmbito da política Estadual<sup>8</sup>.

Para nortear nossas análises, e delimitar nosso arquivo, definimos como objetivo geral: compreender de que modo a Internet se configura como uma nova materialidade discursiva que afeta e reconfigura o discurso político na atualidade. E, como objetivos específicos: 1) Analisar a circulação de enunciados em torno de RR em duas redes sociais (*Orkut* e *You Tube*) e em dois *sites* colaborativos (*Wikipédia* e *Desciclopédia*); 2) descrever, a partir da análise dos efeitos de sentido produzidos por esses enunciados, o modo de constituição dos sujeitos políticos, bem como as condições de produção do discurso político-eletrônico, na Internet.

No decorrer de todo o trabalho buscamos descrever e explicitar como o discurso de/sobre RR se materializa na linguagem eletrônica, com suas formas de

---

<sup>8</sup> Os estudos sobre política e mídia do GEPOMI abrangem as esferas local, estadual e nacional. Como já existem trabalhos relevantes sobre a política local e nacional julgamos importante contribuir para os estudos da esfera estadual.

textualidade, com suas múltiplas linguagens, enfim, com suas condições de produção específicas e seus efeitos de sentidos diversificados.

Através da análise dos modos de circulação e dos efeitos de sentidos produzidos pelos enunciados políticos analisados foi possível compreendermos o modo de constituição dos sujeitos do discurso político-eletrônico, que passam a enunciar a partir de um novo lugar no campo do discurso político, antes reservado aos enunciadores políticos profissionais e aos enunciadores da mídia tradicional.

Um dos aspectos fundamentais que caracterizam as condições de produção do discurso eletrônico é o imaginário de que a Internet e, mais especificamente as redes sociais, é um espaço aberto, no qual se pode encontrar “toda” a “informação” necessária, e, ainda, que “todos” podem ter acesso a essas informações. Esse imaginário, por sua vez, justifica o fato de que muitos de seus utilizadores vêem a rede virtual como um objeto neutro, que permitiria o acesso direto aos fatos, aos dados, às pessoas, ao mundo enfim.

A partir desse imaginário de que “todas as informações estão na rede, disponíveis a todos, sem mediações”, tentamos realizar um percurso de busca que nos permitisse romper com algumas dessas evidências, de que existe na rede uma “unidade” dos sentidos, uma “liberdade dos sujeitos”, sustentada pelo imaginário que pensamos poder chamar, inicialmente, de virtual-democrático.

Entendemos que esse imaginário virtual-democrático produz um efeito de apagamento do ideológico na linguagem virtual, que, por sua vez, nos conduz a determinados sentidos sobre o político RR e, conseqüentemente, a determinados sentidos sobre o funcionamento do discurso político na Internet.

Tendo em vista tais objetivos nossa preocupação inicial foi pesquisar, selecionar, arquivar e observar uma vasta quantidade de material de/sobre RR, construindo, assim, um vasto arquivo de enunciados sobre o político em questão.

Inicialmente, nossa busca se realizou através do sistema de buscas do Google (escolhido por ser, entre outras razões, o sistema de busca mais utilizado pelos brasileiros). Nesse sistema perseguimos um fio discursivo deixado pelos *links* que indicavam diferentes *sites* da Internet, apontando para discursos de/sobre RR.

Buscamos, desde o início, seguir um caminho possível de ser realizado por qualquer leitor da rede, a partir de alguns procedimentos padrões (como buscar pelo nome RR). Acreditamos que esse método de busca/pesquisa nos permitiria mostrar o funcionamento do discurso eletrônico e suas implicações para o campo político,



uma vez que sabemos que o modo de funcionamento da linguagem informática não está, nos dias atuais, alheia ao modo como os usuários a utilizam, e, também, que os sujeitos não são indiferentes aos mecanismos tecnológicos que lhes permitem entrar na ordem simbólica das relações sociais mediadas pelo computador.

Iniciamos, então, nosso percurso pensando nos modos como a Internet é utilizada atualmente e, assim, navegamos pelos resultados que surgiam indicando enunciados em torno do nome de RR.

Nesse caminho (sabem muito bem todos aqueles que já viveram a experiência de navegar na rede) nos achamos, nos perdemos, encontramos muitas coisas sobre RR, ou, simplesmente chegamos a temáticas totalmente diversificadas do que buscávamos. Até aqui nenhuma novidade, estamos tratando da experiência do labirinto<sup>9</sup> proporcionada pela criação do hipertexto.

Em nossa primeira busca pelo nome Roberto Requião, obtivemos aproximadamente 343.000 resultados em 0,25 segundos. O que nos levou a delimitar o arquivo de dados à somente os 10 primeiros resultados, considerando que a tendência da grande maioria dos utilizadores desse sistema é clicar apenas nos links da página inicial de resultados. Assim, centramos nossas análises nos 10 primeiros resultados.

Após uma primeira observação dos primeiros links selecionados na página inicial, observamos que grande parte dos resultados nos remetia ou nos direcionava para algumas redes sociais<sup>10</sup>. Essa regularidade nos levou a realizar um novo recorte, delimitando como objeto de análise somente os enunciados retirados das seguintes redes sociais: *Orkut*, *YouTube*, *Wikipédia* e *Desciclopédia*.

Fundamentando-nos na perspectiva teórica da Análise de Discurso (AD), iniciada na França por Michel Pêcheux, buscamos olhar para nosso *arquivo* do ponto de vista discursivo, abandonando noções como “interação”, “troca de informação” entre outras, tão presentes no estudo das novas tecnologias. Assim, teoricamente buscamos olhar para os aspectos históricos e sociais que afetam a

---

<sup>9</sup> Faço minhas as palavras de Leão (1999, p. 25): “[...] durante a pesquisa realizada para este [trabalho], vivi profundamente o aspecto duplo e paradoxal da experiência hipermidiática. Por um lado [...] a euforia de estar conectada com o resto do planeta, discutindo questões emergentes e colhendo informações preciosas. Por outro, sofri para conseguir manusear uma profusão de dados. Senti a vertigem e a necessidade de voltar o tempo todo à já conhecida e segura tecnologia do texto impresso [...].”

<sup>10</sup> Por redes sociais entendemos os sites e veículos da internet que permitem a formação de comunidades, específicas, ou não, através das quais os sujeitos se reúnem virtualmente para trocas simbólicas.

linguagem da Internet, levando em conta que, para a AD, não há separação entre língua e história, a língua não é vista, portanto, como um sistema autônomo e isolado do social.

A perspectiva discursiva nos permite, portanto, tomar a Internet como um espaço de manifestação da língua, sobre o qual podemos nos debruçar para analisar nosso *corpus*, descrevendo quais os gestos de interpretação e de leitura estão trabalhando essa discursividade, constituindo sentidos para o discurso político, para os sujeitos políticos e para suas posições, segundo os objetivos acima propostos.

No primeiro capítulo, tecemos uma reflexão sobre o conceito de político e de política, buscando compreender de que modo o espaço da Internet pode ser entendido como um espaço constitutivamente político, por possibilitar novas formas de discussão sobre o político. Ainda, nesse capítulo, propomos uma retomada do conceito de discurso trazendo alguns dos principais pressupostos teóricos da Análise de Discurso e que, de algum modo, foram mobilizados no decorrer desta pesquisa.

Após discutir e rever os conceitos de político, política e discurso buscamos refletir sobre as modificações e releituras que o campo político sofreu em função das transformações sociais e históricas, principalmente em função do surgimento da mídia tradicional (televisão, rádio) e, agora, da Internet. As reflexões desse primeiro capítulo centraram-se no fato de que, com o surgimento da Internet, as relações políticas se tornam cada vez mais complexas, o que poderia nos indicar possíveis alterações no modo como os sujeitos passam a se organizar e a produzir novas formas de dizer e construir sentidos para e sobre a esfera política tradicional.

No segundo capítulo, buscamos traçar as condições de produção do discurso político-eletrônico<sup>11</sup>, a partir da descrição do processo histórico em que se desenvolveu a Internet, buscando destacar, principalmente, em que medida essa descrição nos permite pensar o modo como a Internet se tornou (ou se evidenciou) como uma nova fonte de acesso aos sentidos políticos, capaz de alterar a tradicional relação entre mídia, governantes e governados.

---

<sup>11</sup>Considerando nossa perspectiva teórica, e nosso entendimento do espaço virtual como um espaço discursivo singular, adotamos a definição discurso político-eletrônico em decorrência de já haver a terminologia discurso eletrônico, apresentada por Orlandi (2003).

Retomamos, então, as três principais fases da Internet, mostrando, inicialmente, seu foco em ligar máquinas e sua corrente contracultural, a partir da qual se cria o imaginário de que a possibilidade de ligar computadores instaura um novo modo de viver socialmente. Posteriormente, tratamos do período da criação da *Word Wide Web* e sua característica hipertextual que irá alterar significativamente o modo como os sujeitos se relacionam e se comunicam no interior da Internet. E, a terceira fase, em que surgem as redes sociais, cujo foco está centralizado na ligação de pessoas.

Em nosso entendimento a fase das redes sociais torna-se a mais relevante para nossa pesquisa, pois é a partir dela que nascem as comunidades, os fóruns sociais, os grupos de discussão, nos quais os debates sobre a política e o político, estão mais evidenciados, e, acima de tudo, indicam uma nova reorganização social.

No terceiro capítulo, buscamos observar, diante da teoria apresentada nos capítulos anteriores, os modos como os sujeitos estão se manifestando politicamente, reorganizando-se e produzindo sentidos nos ambientes virtuais. Buscamos, assim, mostrar como passamos de um sujeito eleitor para um sujeito e-leitor, ou seja, de um sujeito que antes estava limitado ao campo da recepção do discurso político, para um sujeito que, ao mesmo tempo em que é o receptor, torna-se produtor/autor do discurso político, por possuir livre acesso a novas formas de entrar para o debate político, publicando suas opiniões, confrontando-as e participando ativamente do fazer político.

No quarto capítulo, apresentamos as análises através de um dos caminhos de leitura possíveis no interior do ambiente virtual, no qual buscamos enunciados sobre RR, e, conseqüentemente, sobre o político. A partir da análise de um episódio político específico, em que RR coloca sementes de mamona na boca durante um encontro com o presidente Luis Inácio Lula da Silva, passamos de uma análise inicial de enunciados televisivos e, a partir daí, chegamos aos modos de discursivização desse episódio na Internet. Ao entrarmos na Internet vamos descrevendo e analisando outros enunciados em torno de RR, que surgem através das conexões e ligações (*links*), no interior das redes sociais analisadas.

Finalmente, considerando as especificidades do discurso eletrônico e os efeitos de sentidos observados nas análises, tecemos algumas considerações finais indicando as possíveis implicações dessa nova materialidade para o campo do discurso político e, também, os efeitos de sentidos que a discursivização dos

acontecimentos analisados produziu para o sujeito RR ao circularem na rede mundial de computadores. Esperamos, assim, ter lido “nosso arquivo hoje” de modo relevante, considerando que navegamos por um ambiente hipertextual e hipermidiático, cuja materialidade não nos pareceu ser em nada simples ou óbvia, mas repleta de paradoxos e incertezas.

## 1 - I NAU: NAVEGANDO PELAS TEORIAS DE POLÍTICO(A) E DE DISCURSO

*“A representação do político se transformou, assim, profundamente nos últimos anos. Não se trata aqui de se condoer ou de se encantar com essa mutação, mas de compreender o que está em jogo”. (Jean-Jacques Courtine, 2006).*

Compreender como o político e o discurso foram pensados é uma tarefa repleta de caminhos possíveis, que exige a leitura e a retomada de teorias construídas por diferentes campos do saber.

Com o desejo de construir um caminho próprio para a reflexão de nosso objeto de análise, o discurso político-eletrônico, buscamos neste capítulo “navegar” por algumas teorias em torno dos conceitos de político e/ou política, e também dos conceitos de discurso e discurso político.

Pensar o discurso não é “navegar” aleatoriamente por teorias lingüísticas, mas buscar compreendê-lo em uma localização de “entremeio” entre as concepções lingüísticas, do materialismo histórico e da psicanálise. E, pensar o político e/ou a política não implica descobrir “mares nunca dantes navegados”, mas buscar encontrar uma “onda boa” que nos traga, ainda que de longe, possibilidades de pensar materialmente o discurso político-eletrônico neste mar de infinitas possibilidades em que os conceitos de político e de política costumam ser mergulhados.

Ao “navegar” buscaremos compreender estes conceitos e, para compreender, nos diz Orlandi (2006a, p. 2), “é preciso teorizar”, é necessário “não só se reconhecer, mas fazer o esforço de conhecer”. Então, teorizemos.

### 1.1 O CONCEITO DE POLÍTICO(A)

Os pensadores políticos em geral buscaram descrever os sistemas políticos de seu tempo, conferindo ao conceito de político (e de política) diferentes interpretações. Assim, muitas concepções de político e de política foram difundidas, desenvolvidas e modificadas ao longo do tempo.

Bobbio (1999), ao tratar do modo como os pensadores políticos se dedicaram a descrever as formas de governo, nos mostra que de Platão a Hegel, passando por

Aristóteles, Políbio, Maquiavel, Bodin, Hobbes, Vico e Montesquieu, e até mesmo, Marx<sup>12</sup>, buscou-se um entendimento a respeito das relações de poder sempre remetido a um dado sistema político. Nesses pensadores, portanto, o Estado e/ou os governos exerciam papel fundamental, sendo “Hobbes identificado com o Estado absoluto, Locke com a monarquia parlamentar, Montesquieu com Estado limitado, Rousseau com a democracia, Hegel com a monarquia constitucional e assim por diante” (BOBBIO, 1999, p. 54).

Algumas dessas posições teóricas centram-se fortemente numa conceituação do político como pacificação ou conformação social que seria resolvida pelo Estado. Segundo Bobbio (1999, p. 54), “para a maioria dos filósofos clássicos, o Estado representa um momento positivo na formação do homem civil”. Assim, o Estado tem como fim ou a justiça (Platão), ou o bem comum (Aristóteles), ou a felicidade dos súditos (Leibniz), ou a liberdade (Kant), ou “trata-se de máxima expressão do *ethos* de um povo”, de acordo com Hegel.

No entanto, o que se observou em todos os períodos históricos é que a “arte de bem governar”, como bem nos mostra Maquiavel, não se faz sem luta, sem estratégias, sem persuasões. Assim, o conceito de político(a) pôde ser visto também como uma luta, que se dá no interior de uma sociedade, para se assegurar uma dominância (a influência de uns sobre os outros).

Observa-se, portanto, que, apesar de em grande parte da filosofia política haver uma glorificação do Estado, essa visão não será a mesma definida por Marx que irá considerar que o Estado é (assim como definiu Maquiavel) um mero e simples instrumento de dominação. Desse ponto de vista, o Estado não é entendido como um fim nobre, promotor de justiça e bem-estar, mas uma forma de manter o interesse específico de uma parte da sociedade (Bobbio, 1997, p. 164).

Vemos, assim, que, embora existam muitas diferenças entre as concepções de política, de Platão à Maquiavel, todos consideraram o Estado e os governos sob um ponto de vista dos governantes, ou seja, “como governar bem, quais capacidades deve possuir um governante etc.” (BOBBIO, 1997, p. 164).

---

<sup>12</sup> Embora Bobbio (1997) considere que Marx não elaborou, em toda sua obra, uma tipologia das formas de governo, é importante notar a distinção que o autor aponta sobre a concepção de Estado em Marx. Para o autor, em Marx, diferentemente de todos os pensadores políticos que o precederam, encontra-se uma visão negativa do Estado, o que talvez justifique seu pouco interesse por uma tipologia das formas de governo: para Marx “a melhor forma de governo é aquela que agiliza o processo de extinção do Estado” (Bobbio, 1997, p. 172).

Em Maar (1986, p. 12), veremos como a concepção de política referida ao poder político e à esfera institucional “goza de indiscutível unanimidade”. O mesmo, dirá esse autor, não ocorre com a concepção de política voltada para as políticas que as pessoas desenvolvem para alcançar seus objetivos no relacionamento cotidiano (trabalho, amor, lazer).

Não resta dúvida, porém que este segundo significado é muito mais vago e impreciso do que o primeiro. A evolução histórica em direção ao gigantismo das Instituições políticas – o Estado onipresente – é acompanhada de uma politização geral da sociedade em seus mínimos detalhes, por exigir um posicionamento diário frente ao Poder. Mas ao mesmo tempo traz consigo a imposição de normas com que balizar a própria aplicação da palavra política; procurando determinar o que é e o que não é “política”. Desta forma, oculta-se ao eleitor o seu ser político, atribuindo-se esta qualidade apenas ao eleito. (MAAR, 1986, p. 12)

Pensar a política do ponto de vista da sociedade e não do Estado permite aos pensadores dizer que o conceito de político não define o “bem social” ou a “conformação social”, mas sim designa o conflito existente no interior das relações sociais. Pensar o político como “bem social” é, assim, focalizar apenas práticas políticas que dizem respeito às instituições políticas (ao campo político profissional diríamos) que visam estabelecer leis e normas para todo o conjunto social; por outro lado, pensar o político como conflito é pensar o político a partir de todas as esferas de relações sociais, não importando se essas relações se dão nos espaços institucionais (Estado, Igreja, Escola) ou em outros espaços (sala de jantar, bar, rua, etc.).

Rancière (1995, p. 3), diferentemente dos pensadores políticos clássicos, dirá que a política não se trata de “grupos colocados cada um no seu lugar, cada um com seu estatuto social definido, o governo enfim”, mas sim, tudo aquilo que rompe com isso, tudo aquilo que permite a criação de novos atores e objetos capazes de romper com esta lógica que ele denominará de “*polícia*” ou “*logique policière*”<sup>13</sup>.

Segundo esse autor, a política e polícia são dois modos antagônicos da configuração do comum no interior do conjunto de dispositivos e técnicas de dominação. Para Rancière (2005, p. 17)

A polícia não é [...] o poder sobre os corpos, e sim a configuração da comunidade como totalidade orgânica, definida de maneira exaustiva por

---

<sup>13</sup> (Rancière, 1995, p. 3)

suas funções, seus lugares e suas identidades. A política, ao contrário, é a configuração da comunidade que abre essa totalidade, que faz intervir sujeitos suplementares que não são partes do corpo social, mas formas de subjetivação de um litígio. Pensar em termos de poder ou de tecnologias de poder é esquecer o espaço próprio da política como configuração conflituosa do comum da comunidade.

Na concepção de Rancière (idem, ibidem, p. 3), o homem é um “animal político” por natureza, uma vez que possui o poder natural da palavra. Poder que “altera a rota do animal social, gregário, comum”, pois é quando os seres se descobrem como “*êtres parlants*”, que eles descobrem o poder de tornar iguais os seres falantes.

Guimarães (2005, p. 15) elabora uma concepção do político que apresenta relações com o conceito de política de Rancière (1995), colocando-se “no domínio das posições materialistas” que consideram o político como “algo próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem”. Para esse autor, o político não é nem o falso nem o verdadeiro (visão negativa da política), mas sim o fundamento das relações sociais, em que a linguagem desempenha um papel central. O político (ou a política) é, segundo esse autor

[...] o conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento. [...] deste ponto de vista o político é incontornável porque o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que esta lhe seja negada.” (GUIMARÃES, 2005, p. 16)

Segundo essa concepção, o político não é visto como uma “conformação social”, mas será sempre “caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos” (idem, ibidem).

Outra autora que aproxima a concepção de política de Rancière aos estudos da linguagem é CAZARIN (2005). A partir de leituras que faz da noção de político(a) em Arendt e Rancière, ela dirá que esses dois autores se aproximam ao definirem a política como “lugar de dissenso/desentendimento” e, principalmente, quando Rancière descreve que “o próprio da política é o conflito/ o litígio/ o desentendimento que ocorrem em uma cena comum”. Para essa autora os “*êtres parlants*” de Rancière (1995) o aproximam da teoria da AD, uma vez que a posição-sujeito na qual o sujeito enunciatador se inscreve seria determinante de seu dizer.



Em AD, o dissenso/desentendimento opera quando um mesmo enunciado pode produzir sentidos distintos ou, até mesmo, opostos, dependendo da formação discursiva em que está inscrito o sujeito enunciadador, leitor ou ouvinte, ou seja, o gesto interpretativo é marcado pela ideologia e pela história, constitutivas do discurso. (CAZARIN, 2006, p. 59)

Para essa autora embora, nem Arendt nem Rancière estabeleçam uma distinção entre político e política, é possível dizer que ambos têm da política “uma dimensão mais ampla do que a política como uma área especializada do saber”. (CAZARIN, 2006, p. 64).

Vemos que Guimarães (2005), também não distingue o político da política, o que nos leva a entender que para esse autor a política também não se trata de uma área especializada, mas é tomada em um sentido amplo, ou melhor, não se limita e nem é “o dizer normativo” de instituições, nem simplesmente a “afirmação de pertencimento dos não incluídos”, mas é “a própria contradição que instala este conflito no centro do dizer”. (GUIMARÃES, 2005, p. 17).

Para delimitar o espaço da política e do político Cazarin (2006) recorre então aos estudos de Corten (1999, p. 37-52), que irá distinguir, conceitualmente, política, político e cena de representação política. Corten (1999, p. 37) define o político como “a cena das forças políticas construída pelo discurso” e a política como “uma área funcional especializada, na qual, através das instituições políticas, se realizam as atividades políticas”.

A partir dessas considerações; CAZARIN (2006, p. 55-68), entende que a política pode ser compreendida ou como uma área especializada, ou como uma atividade político-partidária. Já o político, pode ser entendido como “representação das forças políticas” que tem “como pressuposto o discurso, ‘lugar’ da representação”, no sentido colocado por Corten (1999, p. 37).

Assim como CAZARIN (idem, ibidem), julgamos produtivo operar com uma distinção entre política e político, uma vez que nosso objeto, em nosso entendimento, coloca em jogo questões que tocam tanto o político, no sentido posto por Guimarães (2005), quanto a política, enquanto uma esfera ou área especializada, no sentido estabelecido por Corten (1999).

De um lado, o espaço eletrônico será concebido como um espaço constitutivamente político, uma vez que neste trabalho o espaço virtual é visto como um espaço de linguagem e não um mero ambiente de informação. Entendemos que esse espaço se configura pelo surgimento de lugares que emergem como forma de

busca de pertencimento daqueles que historicamente sempre estiveram fora (excluídos) do espaço da política (Guimarães, 2005). Nesse ambiente os sujeitos se descobriram como “*êtres parlants*”, (Rancière, 1995), devido às possibilidades tecnológicas do ambiente eletrônico.

E, de outro lado, temos o campo da política, considerada aqui como uma atividade especializada, ligada às instituições e à atividade político-partidária, como colocam Cazarin (2006) e Corten (1999), visto que nosso recorte do ambiente eletrônico opera com o discurso político, referido também ao campo político-partidário.

Desse modo, consideramos, em nossas análises, que os sujeitos políticos não são apenas aqueles que atuam no espaço da política enquanto uma área especializada, mas sim todos aqueles que se inserem nesse espaço de linguagem produzindo sentidos políticos e, em nosso caso, sentidos para o discurso político. E, para efeitos de distinção, chamaremos de sujeitos da política (ou simplesmente políticos) aqueles referidos à esfera política especializada.

Se até aqui, “o político é descrito por uma história que é também a “História”: uma história monológica” na qual “a narrativa do poder determina, efetivamente, o fechamento do espaço “político” (Corten, 1999, p. 40), ao dizer quem são os autorizados a utilizar o discurso político e a contar a história política, acreditamos que a partir daqui, com a existência do espaço eletrônico, o espaço político abre-se para uma nova configuração do discurso político e, para a política, como atividade especializada.

Desse modo, compreenderemos o espaço da Internet como um espaço aberto à realização do político e da política, à possibilidade de emergência de novos sujeitos, à possibilidade de um espaço de discussão, sendo, assim, um espaço constitutivamente político capaz de afetar o campo da política, porque implica a mediação simbólica, a linguagem e o discurso. Porque oferece um lugar para que os sujeitos possam se manifestar politicamente, em um espaço público (já que a Internet é, também, um espaço midiático), rompendo com a ordem vigente do campo da política. Parafraseando Rancière (1995), os sujeitos podem, agora, se reinventar construindo novas formas de discussão política.

Diante dessa concepção de político e de sujeito político, situaremos no próximo item, o que entendemos por discurso e por discurso político, para

podermos, posteriormente, pensar nosso objeto: o discurso político-eletrônico. Naveguemos então por outras teorias.

## 1.2 DISCURSO E DISCURSO POLÍTICO

Após explicitarmos os conceitos de político e de política que adotaremos neste trabalho, nos interessa neste item explicitar como o discurso político se estabelece no espaço eletrônico, qual discurso político é “possível” nesse ambiente e quais mudanças ele oferece com relação ao discurso político que se realiza fora dele na atualidade.

Considerando nossa filiação a uma concepção materialista da linguagem, entendemos, como coloca Pêcheux (1993, p. 82), que o termo discurso não se resume a uma simples “transmissão de informação entre A e B”, mas é visto como “efeito de sentidos entre os pontos A e B”, ou seja, como efeito de sentidos entre locutores.

Segundo Orlandi (2006b), a crítica feita por Michel Pêcheux ao esquema elementar de comunicação<sup>14</sup>, deslocando a análise do discurso do terreno da linguagem como instrumento comunicativo, aponta para o fato de que não existe uma relação linear entre enunciador e enunciatário; e também, a língua não é apenas um código de transmissão de um ponto a outro, o que existe não é transmissão, mas sim “efeitos de sentidos entre locutores”, que resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso, dentro de circunstâncias dadas. (Orlandi, 2006b, p. 15).

Nesse sentido, o discurso estará sempre relacionado à sua exterioridade, suas condições de produção. Nas condições de produção, veremos incluídos os sujeitos e as situações.

Ainda, segundo Pêcheux (1993, p. 82), “nossa percepção é sempre atravessada pelo ‘já ouvido` e o ‘já dito`”, que atuam paralelamente às relações de força, “colocando sistematicamente em evidência as *variações de dominância*” (Pêcheux, 1993, p. 85), o que indica que o lugar social do qual falamos, determina a

---

14 Pêcheux (1993, p. 82) realiza uma leitura do esquema informacional de Jakobson, propondo uma substituição dos pólos A (destinador) e B (destinatário) em que R seria o referente e D a seqüência verbal (mensagem) emitida de A para B. Neste ponto, o autor propõe tratar D como discurso e não como mensagem, uma vez que não se trata da simples transmissão de informação, mas de efeitos de sentidos entre os pontos A e B.

força de nossa locução, que não é neutra, mas carregada do poder que esse lugar representa em nossa sociedade.

Para pensar essas condições de produção podemos considerar, ainda, o conceito de Formação Discursiva que nos indica aquilo que “numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” irá determinar “aquilo que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 1995, p. 160). Assim, o sentido de uma palavra, expressão ou proposição não é sempre um, mas se constitui em cada formação discursiva, através das relações que as palavras, as expressões, as proposições mantêm com outras palavras, expressões e proposições.

Como descreve Orlandi (2006b, p. 18), não temos uma essência dos sentidos, eles estão sempre em relação com o conjunto das formações discursivas, que forma um complexo com dominante (chamado interdiscurso) que, por sua vez, é afetado pelo complexo das formações ideológicas.

O interdiscurso é, portanto, “esse todo complexo com dominante das formações discursivas” que também está submetido à lei de desigualdade, da contradição e da subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas. (Pêcheux, 1995, p. 182).

Na concepção de Courtine (1981), os sentidos são constituídos segundo as condições em que o discurso é produzido, fazendo intervir aí, uma memória (interdiscurso) e uma formulação (intradiscurso), de modo que a formação discursiva passa a ser vista não como um bloco fechado e homogêneo, mas como constitutivamente heterogênea. A Análise do Discurso passa a considerar a partir das colocações desse autor, a questão da memória discursiva pela noção de interdiscurso que aponta que o “já dito” é constitutivo de todo dizer, pensando, ainda, o papel do intradiscurso.

Segundo Courtine (1981), os efeitos discursivos compreendem uma relação do enunciado à formulação, ou seja, uma relação da dimensão vertical, estratificada (interdiscurso, memória) - na qual se elabora o saber de uma formação discursiva – com a dimensão horizontal (intradiscurso) onde os elementos desse saber (o da FD) irão se linearizar ao se tornarem objetos da enunciação. (idem, ibidem, p. 251). Ocorre, desse modo, uma redefinição no conceito de formação discursiva, passando-se à descrição do conjunto de diferentes posições de sujeito em uma formação discursiva, a partir da qual se torna possível identificar uma modalidade

particular da identificação dos sujeitos da enunciação (nível em que o sujeito intervém) ao sujeito do saber (sujeito universal).

Orlandi (2006b, p. 18) dirá, ainda, que “ao efeito de evidência do sentido corresponde o efeito de interpelação-assujeitamento do sujeito discursivo”. Como destacou Pêcheux (1993, p. 167), as formações ideológicas comportam uma ou várias formações discursivas que derivam das condições de produção e se interligam e determinam “o que pode e deve ser dito”.

Orlandi (2005b) afirma que não só o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, mas que é “ao inscrever-se na língua” que ele é interpelado pela ideologia. Desse modo, “o sujeito precisa se submeter à língua para se significar e, ao se submeter à língua ele sofre a interpelação ideológica, daí resultando uma forma-sujeito histórica” (idem, *ibidem*, p. 2).

O quadro geral da Análise do discurso surgiu a partir da preocupação inicial dessa teoria que tinha como objeto principal o discurso político. Diversos autores reiteram essa singularidade da teoria em sua fase inicial.

Charaudeau (2006, p. 37) destaca que a Análise do Discurso, na França, desenvolveu-se “com base em um *corpus* especificamente político” e que “invocou em seu início o ‘materialismo histórico’ e ‘uma teoria das ideologias’ tal como ela foi definida por Althusser”. Encontramos a mesma afirmação em Courtine (2006, p. 60) que dirá que o discurso político “se tornou rapidamente o principal [...], o único objeto da análise do discurso que subitamente se desenvolveu na França”<sup>15</sup>. Ainda, de acordo com Gadet (1993, p. 8), um dos fatores que particularizam a Análise do Discurso francesa é que esta se apóia sobre o político.

Ela nasce na crença em uma visão de intervenção política, porque aparece como portadora de uma crítica ideológica apoiada em uma arma científica, que permitiria um modo de leitura cuja objetividade seria insuspeitável (idem, *ibidem*, p. 8).

O trabalho de Michel Pêcheux foi, portanto, uma construção teórica que buscou, antes de tudo, intervir “nos acontecimentos históricos e políticos” de seu

---

<sup>15</sup> Tanto Charaudeau (2006) quanto Courtine (2006) apontam, hoje, novos caminhos para a análise do discurso político, tendo em vista as configurações sociais e políticas da sociedade atual, que veremos mais detalhadamente no capítulo 3.

tempo<sup>16</sup> (Sargentini, 2006, p. 37). Mas, ainda que em seu início a AD tenha se pautado apenas nos discursos políticos (primordialmente nos discursos políticos escritos), esse deixará de ser o objeto principal da disciplina, por volta da década de 80 e 90, sofrendo uma “pulverização” que faz surgir trabalhos que focam outros objetos.

[...] como as situações de trabalho [...], que enfocam a análise da mídia, a análise do discurso acadêmico, do discurso didático, do discurso literário, análise do discurso das ciências” mantendo-se, também, o interesse pelo discurso político (SARGENTINI, 2006, p. 37).

Observa-se, no entanto, que apesar de ainda existir o interesse pela análise do discurso político, essa análise não se dá mais através dos procedimentos teóricos e metodológicos mobilizados em seu início.

Em seus últimos trabalhos, Michel Pêcheux já indicava a interferência dos aparelhos midiáticos para o campo do discurso político, refletindo sobre o discurso como estrutura e acontecimento.

Em sua análise, Pêcheux (2006) ressalta que o fato de o enunciado “*on a gagné*” (ganhamos), ter aparecido como “metáfora popular adequada ao campo político francês” (com sua materialidade discursiva esportiva, que não possui nem o conteúdo e nem a forma da estrutura enunciativa do campo político), convidava a “aprofundar a crítica das relações entre o funcionamento da mídia e aquele da ‘classe política’, sobretudo depois dos anos 70”. (Pêcheux, 2006, p. 21).

Desse modo, o autor propõe uma análise que, devido às injunções midiáticas e seus efeitos de circulação, pautar-se pela análise do discurso político, enquanto um acontecimento discursivo.<sup>17</sup>

Também Courtine (1999), ao questionar-se sobre o que restou do projeto inicial da Análise do Discurso, irá apontar os “deslocamentos e mutações” que sofreu a teoria, destacando que as mudanças ocorridas só podem ser compreendidas quando submetidas a um conjunto de elementos que alteraram a “ordem dos discursos” dos últimos vinte anos.

Para esse autor, embora as análises do discurso, na França, tenham sofrido uma “redução do histórico ao político, do político ao ideológico, do ideológico ao

<sup>16</sup> “a partir de 1968-1970 [...] alguns setores da pesquisa lingüística”, entre elas a Análise do Discurso, “eram, com efeito, filosoficamente amplamente dominados pelo marxismo, ao mesmo tempo em que eram concebidos como campos de atividade militante” (COURTINE, 1999, p. 7).

<sup>17</sup> Voltaremos a refletir sobre este conceito no capítulo 4.

discursivo, do discursivo ao sintático [...], o projeto de pesquisas sobre os discursos que devolvem à discursividade sua espessura histórica não está, no entanto, caduco, mas deve ser inteiramente repensado”. (Courtine, 1999, p. 17)

[...] as mudanças políticas, a evolução das sensibilidades, as mutações tecnológicas conturbaram os regimes de discursividade das sociedades ocidentais contemporâneas [...] Não se faz a mesma análise do discurso político, quando a comunicação política consiste em comícios reunindo uma multidão em torno de um orador e quando toma a forma de shows televisivos aos quais cada um assiste em casa. (idem, ibidem, p. 12)

Entendemos, neste trabalho, que o discurso político-eletrônico é um acontecimento discursivo. Noção que se torna produtiva para nossa análise, por nos permitir explicitar o funcionamento desse discurso em seu caráter próprio de circulação, descrevendo as diferentes memórias que os enunciados políticos produzidos mobilizam e quais os modos de discursivização e os posicionamentos dos sujeitos da Internet, frente ao discurso político tradicional e ao sujeito RR, objeto desses enunciados.

A noção de acontecimento é um conceito central para a Análise do Discurso, uma vez que ela possui estreita relação com a enunciação “que, quase naturalmente, é concebida como um evento, e até um evento que não se repete e por sua relação com a história” (Possenti, 2006, p. 93).

Poderíamos dizer que, por seu caráter histórico, o acontecimento aponta para o fato de que os enunciados são constituídos ao mesmo tempo por sua singularidade e por sua repetição; por sua transparência e sua opacidade, possuindo uma estreita relação com o conjunto de outros enunciados que estão em contínua relação.

Pêcheux (2006, p. 60) dirá que a análise de discurso que se desenha na atualidade “se dá precisamente como objeto (a) explicitar e (a) descrever montagens, arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados”. Nesse sentido, visamos compreender a relação dos diferentes enunciados que surgiram em torno do político RR, considerando que esses irão, conjuntamente, produzir efeitos de sentidos singulares sobre esse sujeito e, simultaneamente, indicar como o discurso político funciona nesse ambiente.

O conjunto de enunciados analisados será, portanto, considerado um acontecimento discursivo singular, uma vez que permite a construção de um arquivo

eletrônico onde os episódios políticos protagonizados por RR são reunidos, reorganizados e ressignificados, ou seja, um arquivo “no interior do qual as relações intertextuais e interdiscursivas se desenham, as diversas posições se materializam, as posições vão se repetindo ou se renovando” (Possenti, 2006, p. 95).

O acontecimento discursivo não se confunde nem com a notícia, nem com o fato designado pelo poder, nem mesmo o acontecimento construído pelo historiador. Ele é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado (GUILHAMOU; MALDIDIER, 1997, p. 166).

Em nosso entendimento ao produzirem enunciados políticos que se entrecruzam na Internet, que recuperam enunciados políticos e midiáticos em direção de “certo modo” de designar RR, o conjunto de enunciados analisados pode ser considerado como um acontecimento discursivo que reorganiza o discurso político-midiático tradicional, e instaura uma nova formação discursiva para o campo político, que não é a mesma do discurso político e do discurso midiático tradicional, ou, do discurso político-midiático, e que buscaremos descrever melhor no decorrer deste trabalho. Desse modo, julgamos pertinente estabelecer o que entendemos por discurso político-midiático.

### **1.2.1 Discurso político-midiático**

Para melhor compreendermos os efeitos que a interferência das mídias provocou, e ainda provoca, no discurso político, é necessário compreender a lógica que fez com que o campo político se misturasse ou se confundisse ao midiático.

Aventuramo-nos, neste item, a uma pequena “ancoragem” nas considerações sobre a relação entre mídia e política, desenvolvidas por alguns teóricos da comunicação. Buscamos tecer este diálogo entre teóricos da comunicação e da Análise do Discurso, certos de que esse “mergulho” em outra “praia” nos auxiliará no aprofundamento da reflexão sobre o papel da Internet no âmbito dessa relação<sup>18</sup>.

Sabe-se que, na atualidade, o campo político não pode se negar ao convívio com o campo midiático, nem “resistir” a ele. Prova disso são as inúmeras

---

<sup>18</sup> Pautamo-nos aqui em alguns dos estudos realizados no âmbito do GEPOMI, disponíveis em <http://www.gepomi.uem.br>, buscando dialogar também com as ciências políticas e da comunicação.



candidaturas que fracassam e os inúmeros discursos que “não convencem” por se negarem os benefícios midiáticos.

Os estudos sobre mídia e política, no Brasil, tendem a atravessar algumas dificuldades devido ao fato de que o debate se situa em uma zona fronteira e ser o lugar de intersecção de áreas disciplinares diferentes.

Uma dessas dificuldades está na distinção que se faz entre os dois campos (Rubim, 2000, p. 11-14). Segundo Rubim (idem, ibidem), enquanto, de um lado, os cientistas políticos superestimam o campo da política, de outro lado, os estudiosos da comunicação e áreas afins, superestimam o campo da mídia, subestimando o campo político e afirmando que este está totalmente submetido aos ditames da comunicação.

De nossa parte, buscamos nos distanciar desses posicionamentos visando “a não aceitação, sem mais, da dominância permanente de um campo sobre o outro, com base em concepções meramente instrumentais (idem, ibidem, p. 14). Mas, a partir dessa relação, acrescentar o papel da Internet como uma nova mídia que afeta o discurso político.

Nesse sentido, veremos que o surgimento da Internet, não só produz novas transformações para essa complexa relação entre mídia e política, como também nos convida, enquanto analistas do discurso, a colocar em pauta a questão levantada por Pêcheux (1994) de “não darmos as costas” para uma discussão que se dá, justamente, sobre acontecimentos que estão decidindo as novas formas de distribuição do conhecimento e, no nosso caso, mais especificamente, que estão se abrindo para novas formas de produção/reprodução do discurso político.

Entende-se com Rubim (2000, p. 19) que a relação entre mídia e política, apesar de ser descrita como uma relação contemporânea, trata-se de uma relação que sempre existiu, sendo intrínseca à própria sociedade.

No entanto, a modernidade promoveu profundas transformações na configuração política, assim, se em seu início, a política tinha uma relação basicamente instrumental com a comunicação, ou seja, a comunicação política era utilizada como mero instrumento do campo político para “amplificar” as idéias e opiniões políticas (desde a retórica política grega), o mesmo não ocorre na sociedade contemporânea, cuja nova forma de sociabilidade impediu a simples apreensão instrumentalizada, passando a impor ao campo político a lógica da comunicação. (Rubim, 2000, p. 9).

Com a transformação dos meios de comunicação de massa em um dos principais elementos na moldagem do mundo contemporâneo, a prática política passa a se fundamentar na “dupla mediação”, ou seja, os meios de comunicação estabelecem uma função mediadora nas relações entre líderes, eleitores e a realidade que os cerca. Tornam-se secundários os contatos face-a-face, as reuniões políticas, os comícios (que viraram showmícios), e centralizam-se os discursos políticos transmitidos pela televisão (Courtine, 2006).

Em contraste com a oratória de palanque, a fala transmitida pelo rádio ou pela televisão precisa se adaptar à intimidade estabelecida entre a audiência e estes aparelhos, abrigados em sua sala de estar ou cozinha. A retórica exaltada cede lugar a um arremedo de conversa tête-à-tête. Ao mesmo tempo, a incerteza quanto à composição do público que está sendo atingido favorece a diluição dos conteúdos discursivos. (idem, ibidem, p. 14).

Rubim (2000, p. 26) observa que, antes de se elaborar reflexões sobre as influências que a mídia provoca no campo político, é necessário refletir sobre algumas transformações que a própria mídia sofreu no decorrer dos tempos, e, inclusive, durante o processo histórico-político. Essas transformações, segundo o autor, apresentam, na atualidade, quatro novas modalidades: 1) a formulação da comunicação como midiaticizada; 2) a produção de bens simbólicos se realiza submetida a uma lógica de “indústria cultural” e não a uma dinâmica propriamente cultural; 3) a proposição da comunicação como novo campo social autonomizado que permite falar em um campo da comunicação ou da mídia; 4) a assimilação teórica da comunicação como rede.

Em suma, a comunicação – associada às conformações e possibilidade de mídia, lógica capitalista, campo social e rede – (re)constitui-se como mônada gravitacional específica, como esfera de poder especializado que se defronta com outros poderes e, dentre eles, a política, ressignificando não apenas essas relações, mas a própria e singular circunstância societária. (RUBIM, 2000, p. 28)

Nesse contexto, destaca o autor, ocorre “um encaixe cada vez mais vigoroso entre mídia e economia”, fazendo convergir nos setores econômicos mais dinâmicos do capitalismo a comunicação, as telecomunicações e a informática. Desse modo, ao passar da produção para o consumo, passa a ser fundamental considerar a associação essencial da mídia com o desenvolvimento capitalista.

Destacamos aqui, o trabalho realizado por Payer (2005, p. 16) que, ao pensar esta associação entre mídia e economia, a partir de outra relação (a relação entre linguagem e sociedade), irá concluir que a mídia pode ser considerada, na atualidade, como o texto fundamental do mercado, uma vez que este tem demonstrado um poder de interpelação sobre os indivíduos, que é equivalente ao poder que o texto sagrado ocupou na ordem religiosa da Idade Média.

Este grande texto da atualidade, no meu modo de entender, consiste da Mídia, daquilo que está na mídia, em um sentido amplo, e em especial no marketing, na publicidade. O valor que a sociedade vem atribuindo à mídia – ou o poder de interpelação que a Mídia vem exercendo na sociedade – passa a assegurar-lhe o papel de Texto fundamental de um novo grande Sujeito, o Mercado, agora em sua nova forma globalizada. (PAYER, 2005, p. 17)

A mídia passa a ser entendida, então, como viabilizadora da concorrência capitalista já que, em sua modalidade atual, sem publicidade e marca um produto não poderá ser transformado em mercadoria. Isso implica em aceitar que a comunicação passa a ocupar um estatuto imprescindível para a realização e reprodução do capitalismo, ou seja, “aponta para a expansão do capitalismo como modo de produção, agora não mais limitado a produzir bens materiais [...], mas incorporando setores cada vez mais significativos e bens simbólicos”. Portanto, a mídia passa a contar com um suporte indispensável para fazer transitar globalmente o capital, ao adquirir seu caráter de rede, tornando possível uma “nova circunstância societária” articulada e moldada como uma totalidade. (Rubim, 2000, p. 31-32).

Desse ponto de vista, Rubim (idem,ibidem) dirá que vivemos agora a Idade-Mídia, com uma nova circunstância societária, enfim, uma sociedade estruturada e ambientada pela mídia em seu formato de rede. Assim, a política não poderia de forma alguma estar “isenta dos meios de comunicação. Pelo contrário, é um dos campos em que é mais patente o efeito transformador ocasionado pela mídia” (Miguel, 2002, p. 13).

Courtine (2006) aponta, como um desses “efeitos” provocados pela mídia no campo da política, as “metamorfoses” fundamentais para o discurso político na atualidade, destacando entre elas: a simplificação da linguagem, como recuo das grandes retóricas e prescrições gramaticais que cede espaço a um modo de fala mais breve, mais pessoal; o apagamento da figura dos partidos em detrimento do enfoque na figura do político e seu discurso de estilo “dialogado, familiar, pessoal”; o

surgimento de uma espécie de diálogo direto entre o sujeito político e o público, sua fala em close, simples, voltada para cada um; e, principalmente, a espetacularização do discurso político que cede ao discurso midiático incorporando sua política totalmente voltada à imagem e às leis do mercado de consumo.

Para Courtine (2006, p. 131) as práticas políticas doutrinárias foram profanadas.

[...] o texto político foi trabalhado por partes no interior de novas práticas de escrita e leitura: produziu e recebeu novas formas, diálogos, entrevistas, holofotes de televisão, videoclipes políticos. Lêem-se menos freqüentemente as páginas impressas de um jornal ou livro do que se ouve ou se vê em uma tela. De agora em diante, o discurso político não pode ser dissociado da produção e recepção de imagens da mesma maneira que o discurso do homem político não poderia se separar da sua imagem. (idem. Ibidem, p. 131)

Diante dessa “metamorfose” para o discurso político atual o autor destaca o fato de que existe uma mistura entre a vida pública e privada do homem político. Fatores de ordem pessoal, como sua vida sexual e doméstica, influenciam no julgamento dos eleitores que, diante de um ato pessoal do homem político, julgará se ele está, ou não, apto a exercer um determinado cargo<sup>19</sup>.

Assim, “os costumes dos eleitos tendem a se tornar, de modo cada vez mais freqüente, o terreno onde se coloca a questão da verdade e da mentira em política”. (COURTINE, 2006, p. 129).

Outro aspecto da interferência da mídia no campo da política foi a expectativa criada em torno da idéia de que a mídia promoveria uma real participação da sociedade civil nos debates sobre o político, proporcionado, principalmente, pela televisão que desempenhou, e desempenha ainda hoje, um lugar privilegiado no campo do debate político, através do papel que invoca para si, não só de mediadora, mas de fiscalizadora, e, ainda, de porta-voz do povo, passando, por isso, a ser entendida como a maior representante de um país democrático, livre, com liberdade de expressão. Nota-se isso na crença missionária que carregam muitos jornalistas, que se posicionam como um elo entre o poder político e o cidadão, como exemplifica o autor.

---

<sup>19</sup> Destacamos aqui que o autor trata da natureza do discurso político na América (EUA), apontando inclusive algumas diferenças entre o cenário americano e o francês afirmando que, na França, embora existam muitos casos de espetacularização, “eles permanecem circunscritos a uma tradição de especulação financeira, de corrupção político-financeira ou de evasão fiscal, sem jamais se estender aos comportamentos sexuais e aos costumes domésticos dos homens públicos”.

[...] se julgando investidos de um dever de elucidação, de revelação, na verdade, de denúncia, sobretudo pelo fato de que, como dizem eles próprios, a comunicação política (isto é, o marketing político) procura ocultar os verdadeiros problemas ao fabricar imagens de seus políticos, enquanto a informação é ela própria uma forma de comunicação. Finalmente crença no poder das mídias das sociedades modernas a ponto de elevá-las ao grau de “segundo poder” e de pensar que “se não há mais debate político na televisão, isso se deve ao fato de os políticos não inovarem e não terem proposições a fazer”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 296).

Retornando a Rubim (2000), vemos que se a democracia aristotélica foi limitada por apresentar um caráter excludente, “escravos, estrangeiros e mulheres não podiam ser cidadãos, condição restrita aos homens livres nascidos na Cidade-Estado”, na política moderna instaura-se a possibilidade de uma nova democracia política, “a legitimidade viria agora da opinião pública, à qual presumivelmente os representantes teriam obrigação de representar”. (idem, *ibidem*, p. 20-23).

Desse modo, o autor indica que, embora a política moderna e a contemporânea se caracterizarem enquanto possibilidade de “inclusão formal ou real, ampliação potencial de participação, alargamento temático, caráter majoritariamente público e predominância de realização sob a forma de disputa de hegemonia”, essa “possibilidade” inscrita no jogo da contemporaneidade ainda não se realizou. (Rubim, 2000, p. 23).

Segundo o autor, no mundo capitalista os movimentos imanentes e antidemocráticos se desenvolvem impedindo o “possível de se realizar”. O poder econômico e burocrático acaba por subtrair o poder da atividade política, que se submete aos encantos da economia e da globalização.

Decorre disso que o capital político e a política passam a ser encarados de forma restrita, sendo um campo fechado de atuação dos “políticos profissionalizados” e não como atividade de todos os cidadãos, “abrindo um fosso entre a política institucionalizada e uma participação política mais ampliada” (Bourdieu *apud* Rubim, 2000, p. 25), conforme prometera a mídia tradicional quando de seu surgimento<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Courtine (2006, p.144), ressalta que embora a mídia esteja “comprometida com a degradação do debate político”, não se pode considerar que houve, entretanto, uma “idade de ouro da inocência política, na qual o debate democrático desenvolvia-se em sua pureza, antes que a televisão viesse se apoderar dela para corrompê-la.”

Nesse contexto, a Internet é considerada uma das mídias que, ainda, permitem pensar essa “possibilidade” de maior participação política, uma vez que o controle que se cristalizou na mídia tradicional (televisão, rádios, jornais), ainda é incerto (e “até impossível como querem alguns”) nesta “nova mídia conformada pelas redes informáticas” (RUBIM, 2000, p. 60). Em outras palavras, a Internet permite pensar, ainda, a possibilidade de participação política, devido a sua história recente e destino incerto.

Em nosso ponto de vista, essa “possibilidade” de que na Internet poderá existir uma maior participação política - possibilidade, aliás, já anunciada como existente por alguns e descartada por outros<sup>21</sup> - não se dará nos moldes idealizados por alguns teóricos da comunicação e da política, uma vez que a própria participação política já se encontra modificada, absorvida por todas as “metamorfozes” que afetam os demais campos da sociedade. Afinal, uma maior participação política conquistada nos dias atuais não estará isenta da lógica espetacular midiática atual, antes ela irá nos revelar “a existência, na sociedade, de uma estrutura midiática avançada em duplicidade paradoxal com as cidades concretas.” (TRIVINHO, 2003, p. 169).

Considerando as relações entre mídia e política, acima colocadas, e, ainda, a interferência que a Internet vem produzindo para uma maior complexidade dessa relação, é que propomos investigar os enunciados políticos que circulam na Internet, compreendendo-os como próprios de um discurso político. Propomos assim, pensarmos um pouco sobre essa nova prática do discurso que estamos chamando de discurso político-eletrônico.

### 1.2.2 Discurso político-eletrônico

Ao se referir ao cenário político americano, Courtine (ibidem) levanta uma questão que julgamos importante para nos auxiliar a pensar o nosso objeto, uma vez que julgamos que o cenário brasileiro se assemelha bastante ao americano, descrito pelo autor, senão em todos os aspectos pelo menos nos aspectos midiáticos que ele irá chamar de *personalização da esfera pública*. Segundo o autor:

---

<sup>21</sup> Referimo-nos aqui tanto ao modo positivo como autores, como Pierre Lévy (1994), exaltam a existência de uma “inteligência coletiva”, quanto aos estudos de autores como Trivinho (2003) e Baudrillard (2009), para os quais o elogio da tecnologia digital, e da Internet, é uma limitador, apontando que é difícil avaliar esse momento.

[...] vemos as sensibilidades à fala pública se transformarem profundamente. As tradições da retórica cívica, que ampararam os fundamentos discursivos da democracia americana, cedem então o lugar a outros estilos linguageiros, mais bem adaptados à emergência das classes médias, às exigências políticas e comerciais de uma sociedade de massa. (COURTINE, 2006, p. 132)

Essa personalização revela a transformação sofrida, no decorrer do século XIX, na relação entre a esfera pública e a esfera privada, fazendo com que o equilíbrio entre as duas esferas oscilasse e os domínios se tornassem menos distintos, “toda vida pública é pouco a pouco absorvida pelo espetáculo do eu e todas as relações sociais se psicologizam” (idem, ibidem, p. 133).

O aspecto espetacular da esfera pública articulado pela mídia acaba, portanto, reduzindo a vida dos sujeitos da política a seus atos individuais a ponto de o fato de um sujeito ser, ou não ser, fiel a sua esposa ser determinante para que ele ganhe ou não uma eleição.

No Brasil, o cenário político se apresenta bastante semelhante. Como exemplo, podemos citar os muitos acontecimentos e argumentos discutidos durante as últimas eleições em que o governador RR se elegeu e que giraram, basicamente, em torno de seus atos individuais e de sua postura pessoal. Entre os inúmeros episódios que poderiam ilustrar esse fato, podemos citar a repercussão de um vídeo veiculado pelo candidato Osmar Dias (opositor de RR), durante o Horário Eleitoral Gratuito.

O vídeo mostrava o então candidato RR, que em visita eleitoral a uma empresa se volta para uma das balconistas do local e pergunta: “Você é casada? Trai o marido?”. Os efeitos desse vídeo, reproduzido de modo totalmente descontextualizado, geraram um enorme debate em torno da moralidade do candidato, de sua fidelidade, de sua falta de respeito, e inúmeros outros temas que produziram outros discursos: de explicação, de justificação e de desculpas, deixando evidente que a redefinição da esfera pública e privada, como apontou Courtine (2006), afeta os modos de recepção dos discursos políticos.

Ela vai fazer com que cada vez mais a crença política dependa estreitamente da percepção psicológica da autenticidade do orador, do espetáculo de sua sinceridade, da encenação de seus sentimentos [...]. Quando a mensagem política não é mais concebida como expressão de

uma vontade divina, nem carregada de sentido por uma ordem política e social transcendente, então, é na dimensão humana e psicológica das intenções e dos sentimentos que se forja uma nova legitimidade. (COURTINE, 2006, p. 133)

Para o autor, as condenações morais e sua multiplicação ocorrem devido ao desenvolvimento dos aparelhos midiáticos e de sua lógica instantânea, em que as notícias precisam ser dadas em primeira mão, de minuto em minuto; e a política, por seu lado, vale-se muito dessa lógica. Principalmente, para desviar a atenção pública de ações e práticas que se desenrolam na esfera política, absorvendo a atenção do público para as intenções morais e para os traços psicológicos da personalidade do homem público.

Em nosso entendimento, essa condição do discurso político contemporâneo, ganha novas transformações com o surgimento da Internet e sua característica midiática, que podem ser observadas, por exemplo, nos modos como o caso citado acima foi discursivizado na Internet. O uso dessa mídia não apenas deu nova visibilidade ao fato, prolongando a exibição do vídeo para muito além do Horário Eleitoral Gratuito (de pouquíssima duração), como também mostrou que a visibilidade que a mídia confere aos sujeitos da política, imprescindível ao espetáculo político contemporâneo, torna-se ainda mais complexa com a exposição que estes sujeitos sofrem diante da materialidade hipermidiática, cujas redes associativas deixam os “nós” do discurso político ainda mais emaranhados.

O que se pode observar é que a Internet, além da divulgação midiática no programa eleitoral, cujos efeitos negativos eleitorais foram consideráveis, propiciou novas discursividades em torno do episódio político ocorrido com RR. Essas novas discursividades, por sua vez, serão armazenadas, disponibilizadas, recuperadas e transformadas indefinidamente no arquivo virtual.

Uma simples busca no Google pelo enunciado ***Você é casada? Trai o marido?*** indica o modo como esse enunciado se reproduz nos discursos da Internet, remetendo a uma mistura não só das esferas pública e privada, como também de diversas mídias (televisiva, impressa, digital).

Assim, veremos que a esposa de RR aparece na mídia (televisiva, impressa e digital) para justificar o ato “impróprio” de seu marido



[Travessa dos Editores](#)

"O Paraná precisa de **Requião**" - por Marcio Renato dos Santos ... Maristela há quase 37 anos, pergunta a uma outra mulher: "Você é **casada? Trai o marido?**". ... [www.travessadoseditores.com.br/index.php?tras=secao.php&area=11&id=2&idmodelo=2&outra=19](http://www.travessadoseditores.com.br/index.php?tras=secao.php&area=11&id=2&idmodelo=2&outra=19) - 22k - [Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)

*E Maristela não deixou pergunta sem resposta. Falou, com muita articulação, até mesmo sobre o vídeo que o candidato Osmar Dias, do PDT, exhibe no horário eleitoral onde Roberto Requião, marido de Maristela há quase 37 anos, pergunta a uma outra mulher: "Você é casada? Trai o marido?".*

Ou, veremos o enunciado exprimir sentidos preconceituosos para adesões femininas a RR,

[Blog Política em debate » Estilo brucutu - Bem Paraná](#)

No texto ele fala que **Requião** exagera na truculência e na falta de educação, .... "Você é **casada? Vc trai o marido?**" Foi no papo! 14 Carlos Vilas Boas ... [www.bemparana.com.br/politicaemdebate/index.php/2007/07/02/estilo-brucutu/](http://www.bemparana.com.br/politicaemdebate/index.php/2007/07/02/estilo-brucutu/) - 24k - [Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)

*Com certeza Shirley (Ramos)... criadora do "Requião Fã-Clube" deve ter sido seduzida pela cantada mais conhecida do governador: Vc é casada? Vc trai o marido? Foi no papo!*

E, ainda, sua repetição em torno de outros sentidos já existentes sobre a imagem de que RR é um político "truculento", "boçal"

[Bem Paraná - O show do Brucutu](#)

... de um frequentador de botequim (com escusas aos botequeiros): "Você é **casada ? Trai o marido?**" ... O agressor seria o próprio **marido**, Roberto **Requião**. ... [www.bemparana.com.br/index.php?...](http://www.bemparana.com.br/index.php?...) - 63k - [Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)

*O espetáculo de truculência e boçalidade do governador Requião, ontem na "Escolinha", [...] demonstram claramente quão verdadeiros são os vídeos exibidos na campanha do ano passado em que o peemedebista abusava da grosseria ao ao "apresentar-se" a funcionárias com indagações típicas de um frequentador de botequim (com escusas aos botequeiros): "Você é casada? Trai o marido?"*

O cenário acima apresentado demonstra que a interferência da mídia tradicional no campo político, e, agora, os seus desdobramentos no interior da Internet, tornam ainda mais complexas as “metamorfoses” provocadas pela mistura entre público e privado, que, como indicou Courtine (2006), acabaram por reduzir o político ao passional. Metamorfose apontada também por Charaudeau (2006), uma vez que o autor nos dirá que

Os debates que supostamente alimentam o espaço de discussão, confrontando opiniões diferentes e contrárias com o intuito de esclarecer o público são apresentados como torneios oratórios, na verdade, espetáculos retóricos, que, ao final das contas, convertem as opiniões em julgamentos passionais (CHARAUDEAU, 2006, p. 284)

Entendemos, assim, que inserido nesse cenário, no qual o homem público é destituído de sua privacidade, passando todos os seus atos pessoais a influenciar na sua imagem pública, o político RR passa a ser uma personalidade bastante singular, já que seu estilo polêmico e seu modo direto acabam produzindo farto material midiático em função de sua fácil espetacularização.

Isso o transforma em um alvo fácil para uma “perseguição midiática” e, conseqüentemente, para a produção de “acontecimentos espetaculares” que incitam o público a “julgamentos passionais”.

Esse quadro, portanto, apresenta um agravante quando estendido para os domínios da Internet, pois enquanto na mídia tradicional apenas os atos do homem privado se misturavam à sua imagem pública, na Internet os julgamentos pessoais desses atos, que antes também eram limitados a domínios mais restritos, como reuniões partidárias, conversas de bairros, de ruas, agora passam a circular também em um espaço público comum: a Internet. Em outras palavras, quando a opinião pública encontra, na Internet, a possibilidade de se tornar “publicizada” as opiniões e impressões políticas, terão uma maior complexidade nas relações entre o campo público e o privado. Temos, assim, não apenas uma exposição midiática de atos privados, mas, também, uma exposição midiática da opinião publicada sobre o ato privado midiaticizado, ou ainda, uma opinião pública, e publicada, da esfera privada.

Nesse contexto, acreditamos que a “cultura da desconfiança” originada pela “orquestração dos escândalos”, apontada por Courtine (2006, p. 142), encontra um

forte eco no discurso político-eletrônico. Na Internet, portanto, do mesmo modo vemos que a

a máquina de escândalos engendra, com efeito, uma grande quantidade de “pseudo-acontecimentos” [...] a noção de informação perde sua referencialidade, a realidade política se enfraquece. A lógica dos *tablóides* e da *trash TV* apodera-se de maneira crônica da vida política e torna triviais os discursos públicos: o debate se empobrece e os fatos mais anedóticos tendem a ocupar a dianteira da cena, em detrimento dos problemas políticos cruciais do momento. (idem, *ibidem*, p. 143).

Na Internet, no entanto, os discursos não são tão passageiros quanto os da televisão e das mídias tradicionais, mas circulam por tempo indeterminado se confundindo com os acontecimentos que surgem a cada minuto.

Ao pensar o papel de uma análise do discurso político, na atualidade, Courtine (2006) dirá que os escritos doutrinários deveriam ser abandonados um pouco, e que se deveria questionar, também, os discursos orais do homem comum, saindo um pouco da produção dos discursos políticos e passando para a análise dos sistemas de recepção de enunciados políticos, uma vez que esses não são apenas “imagens inversas” uma da outra, mas trazem suas próprias estratégias para o jogo”

Para o autor (idem, *ibidem*), a análise do discurso político, por ter tomado como objeto os discursos de doutrina política “enunciados pelos porta-vozes legítimos de máquinas políticas”, e por não ter se interessado pelo “funcionamento oral, comum, ordinário do enunciado político nem pelos efeitos da recepção dos discursos da máquina”, parece não ter atingido verdadeiramente seu objetivo de tentar oferecer um relato dos processos da dominação ideológica através do discurso. Essa concepção levou, portanto, a uma concepção mecanicista da comunicação política, e, conseqüentemente, ao pressuposto de que os sujeitos para quem os enunciados políticos eram produzidos não tinham mais nada a fazer além de repeti-los indefinidamente.

Entendemos com Courtine (2006) que analisar o discurso político em uma dimensão que não é propriamente a de uma doutrina política é bastante relevante nas atuais conjunturas político-midiáticas em que o discurso político está inserido. E, ainda, que é preciso se preocupar com os discursos disseminados e fragmentados,

[...] em seu envolvimento com o oral, o comum, a diferença, por meio dos quais os indivíduos se apropriam do discurso político, recebem-no, falam sobre ele à sua maneira, criam armadilhas, preconceitos, aceitam-no ou a ele resistem” (COURTINE, 2006, p. 82).

No entanto, nossa proposta neste trabalho se diferencia um pouco da proposta de Courtine que enfatiza a análise do discurso político em seu aspecto basicamente oral em direção a uma análise que ele chamará de “semiologia política”.

Se a mídia, para esse autor, afeta o discurso político de tal modo que se torna necessário conferir à sua análise um estatuto privilegiado ao aspecto oral e a interações verbais (Courtine, 2006, p. 82), voltadas para uma efemeridade e rapidez, segundo prática midiática, o surgimento da Internet, por sua vez, exigirá, em nosso entendimento, uma análise dos enunciados políticos que consiga não só dar conta dessas mutações no discurso político, considerando os aparatos áudio-visuais da mídia, como também deverá retomar objetos escritos e, ainda, compreender como se estrutura o discurso *do* político e sua relação direta com o discurso *sobre* o político, ambos colocados no interior de um mesmo ambiente público.

Aprendemos que, em Análise do Discurso, não podemos pensar o discurso isoladamente de suas condições materiais de produção. Desse modo, para pensar o discurso político-eletrônico é necessário dissociá-lo dos modos de produção do discurso político tradicional ou midiático e investigar suas especificidades. A Internet não é um veículo midiático comum, é uma mídia singular que congrega diferentes veículos midiáticos<sup>22</sup>.

Para entendermos melhor o funcionamento da Internet, buscando descrever como os sujeitos e os sentidos se constituem através dos enunciados políticos que aí circulam, nos lançamos agora ao “mar da virtualidade”, nas águas de silício, caindo, enfim, nas malhas da rede da Internet.

---

<sup>22</sup> Por veículos midiáticos entendemos os diferentes meios midiáticos existentes na Internet que possibilitam aos mais diferentes sites funcionarem como mídias auditivas, visuais e textuais, tanto isoladamente (apenas textual), quanto simultaneamente (utilizando recursos midiáticos textuais, auditivos, visuais, conjuntamente).

## 2 - II NAU: CAINDO NA REDE - CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO-ELETRÔNICO

“[...] A maré subiu demasiada  
 E tudo aqui está que é água [...].  
 Água pra encher. Água pra manchar.  
 Água pra vaziar a vida [...].”  
 (Água, Djavan)

Falar sobre o surgimento da Internet pode parecer, inicialmente, algo repetitivo, visto que já são inúmeros os trabalhos que contam essa história das mais variadas maneiras. No entanto, buscaremos contar a história da Internet a partir de um lugar que nos permita compreender seu papel para o campo do discurso político especificamente.

Conhecer o modo como se deu o processo histórico do surgimento da Internet nos permitiu, muitas vezes, compreender como a Internet pôde ser entendida como uma nova fonte de acesso aos sentidos políticos, capaz de alterar significativamente as relações entre os sujeitos que se aventuram nessa nova materialidade discursiva que surge na sociedade contemporânea.

### 2.1 INTERNET: A REDE DE MÁQUINAS E SUA HERANÇA CONTRACULTURAL

A Internet surgiu, inicialmente, como uma *rede de máquinas*, que visava somente à passagem de dados armazenados de um computador para outro, num sentido de mão única em que a informação era somente “acessada” por diferentes pontos.

Seguindo o ponto de vista de Castells (2000), um modo bastante interessante de olhar para a história da criação da Internet seria compreendendo que ela está situada, no âmbito da Revolução Tecnológica, como “a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC) dos anos 90”, sendo na realidade, “uma rara mistura de estratégia militar, grande cooperação científica e inovação contracultural”. Estratégia militar, porque tudo começou com o projeto militar da ARPA<sup>23</sup> de proteção de informações estatais. Grande cooperação

---

<sup>23</sup> Agência de Projetos de Pesquisa Avançada, que funcionava no interior do Pentágono e concentrava informações militares sigilosas. Essa agência criou em 1969 o projeto ARPANET que tinha por objetivo criar uma rede sem ponto central de controle, permitindo que a informação pudesse ser acessada mesmo em caso de suspensão de um dos pontos de comunicação (Leão, 1999, p. 22).

científica, porque o projeto foi desenvolvido dentro de um ambiente basicamente universitário que levou seus principais formuladores a se desviarem, em função de objetivos científico-acadêmicos, dos objetivos militares iniciais. E inovação contracultural porque deu abertura a uma corrente “libertária” composta por informáticos-programadores e pesquisadores que passaram a contribuir para o projeto de construção da Internet visando, principalmente, a proteção e garantia de que seu uso não seria restrito aos meios acadêmicos e institucionais.

Nesse aspecto, observamos que, diferentemente de outros meios midiáticos ou de comunicação, a Internet nasce como um espaço que ao mesmo tempo em que é institucional (militar, acadêmico, científico) está fora de um controle institucional específico, pois também se desenvolve pelas mãos e pelo trabalho de sujeitos sem vínculos com as instituições que iniciaram a sua criação. Segundo Castells (2000), o papel dessa contracultura computacional foi extremamente fundamental para o desenvolvimento da Internet como a conhecemos hoje, sendo que as características da rede atual foram moldadas por muitos pesquisadores e personagens da área tecnológica da década de 50 a 70, que, independente de seus vínculos profissionais, trabalhavam e disseminavam seus conhecimentos.

Para o autor, criava-se um ambiente de inovações em rede que apresentavam propósitos que não dependiam ou se relacionavam com os “objetivos específicos de estratégia militar ou de ligações de supercomputadores. Tais profissionais eram cruzados tecnológicos convencidos de que estavam mudando o mundo, como afinal o fizeram”. (CASTELLS, 2000, p. 377).

Observa-se, portanto, que a Internet, desde seu início até os dias atuais, está sempre envolvida entre seu fechamento, seguindo as regras capitalistas de direitos autorais, e sua abertura, seguindo a filosofia de movimentos libertários como o do software livre, entre outros, que visam uma modificação cultural, influenciada pelo movimento contracultural, instituído pelos pesquisadores da Internet que não possuíam vínculos institucionais.

Do ponto de vista do discurso político, as ações dessa corrente contracultural podem ser bastante produtivas, uma vez que incentivam a divulgação e discursivização de acontecimentos políticos importantes através da rede de computadores. Por exemplo, foi através de ações da corrente contracultural que nasceram as comunidades virtuais. Alguns programadores, interessados na pura e simples produção de um meio de compartilharem informações sobre o uso de

computadores, criaram uma forma de comunicação que não dependia de redes sofisticadas e funcionava apenas com um computador, um modem e uma linha telefônica, facilitando o acesso a qualquer um que possuísse esse conjunto de equipamentos.

Entendemos que o nascimento das comunidades virtuais, do ponto de vista do discurso político, é um dos fatores mais marcantes do ambiente da Internet, pois se trata da materialização de um novo espaço de linguagem, através do qual os sujeitos passam a construir formas diferenciadas de interpretação dos acontecimentos políticos<sup>24</sup>. Para Castells (idem, ibidem) a cultura dos primeiros usuários e suas “subcorrentes utópicas, comunais e libertárias” foi o que moldou definitivamente a estrutura da Internet, tanto no que diz respeito a sua arquitetura quanto à cultura de seus usuários.

Ao mesmo tempo em que a posição radical das primeiras tribos cede às novas posições, preserva das origens contraculturais aspectos importantes como a informalidade, a capacidade auto-reguladora de comunicação e a idéia de que todos contribuem mutuamente, todos possuem vozes individualizadas e esperam respostas igualmente individuais, o que reflete de alguma maneira, “a tensão surgida nos anos 60 entre a “cultura do eu” e os sonhos comunais de cada indivíduo” (Castells, 2000, p. 381).

Talvez seja possível afirmar com Levyne (2000, p. 21), que milhões de pessoas recorreram à Internet rapidamente porque ela lhes oferecia algum tipo de qualidade não encontrada na vida moderna

[...] em acentuado contraste com a alienação de uma mídia homogeneizada, uma “cultura” de massa pasteurizada e a anonimidade imposta pelas organizações burocráticas, a Internet conectou pessoas umas às outras e ofereceu um espaço no qual a voz humana seria rapidamente redescoberta. (idem, ibidem, p. 21)

Uma das maiores singularidades deste meio está, portanto, no fato de oferecer um processo de comunicação que sempre foi bastante espontâneo, desorganizado e variado em sua finalidade e adesão, pois, apesar de todos os

---

<sup>24</sup> Um exemplo da força política das comunidades virtuais foi a criação dos Sistemas de Boletins Informativos (BBS), através dos quais formou-se uma rede de relações capazes de produzir a primeira manifestação política eletrônica, promovida por estudantes chineses que moravam fora da China e protestaram, eletronicamente, contra os acontecimentos da Praça da Paz celestial, na China, em 1989. (Castells, 2000, p. 379).

esforços de regulação e privatização, a Internet continua tendo como características a penetrabilidade a descentralização multifacetada e a flexibilidade que, certamente, refletirão interesses comerciais à medida que incorporarem as lógicas de mercado, mas que opostamente à mídia de massa, manterá as propriedades de interação e individualização tecnológica que lhe são culturalmente embutidas. (CASTELLS, 2000, p. 381).

### **2.1.1 Imaginário discursivo da Internet: uma tecnologia libertária?**

Diante do cenário acima explicitado, vemos que a Internet se desenvolve acompanhada por discursos revolucionários e libertários que, até hoje, fazem parte do imaginário de que a rede pode ser usada por todos e, ainda, pode ser uma arma capaz de alterar a estrutura da sociedade atual, e, principalmente, de que ela seria um caminho para uma sociedade verdadeiramente democrática.

Constrói-se, desse modo, um imaginário através do qual a Internet se constitui como um espaço de comunicação multifacetada, sem controle e aberta à todo tipo de manifestação humana.

Desse modo, a Internet se mostra como a representação de um espaço de enunciação coletivo e heterogêneo, não centralizado em instituições, mercados, ou por processos midiáticos tradicionais, sustentando o imaginário de que, na Internet, todos teriam o direito de se manifestar publicamente sem controle e sem regras.

Charaudeau (2006, p. 209-241) destaca alguns imaginários de verdade do conceito de política que nos ajudam a explicar o imaginário libertário que envolve a criação da Internet. O autor distingue em seu livro os imaginários da tradição, da modernidade e da soberania popular.

Para o autor o “imaginário da modernidade” surge contra “o passado e o sonho”, ou seja, é um imaginário de justificação do tempo presente que se destaca pela oposição de um tempo anterior que lhe seria inferior. Esse seria um imaginário que indica um conjunto de representações que determinado grupo social constrói sobre a maneira como “percebem ou julgam seu instante presente, em comparação com o passado, atribuindo-lhe um valor positivo”. Perpassam o imaginário da modernidade, portanto, dois tipos de discurso: o da *economia* (responsável pela imposição de uma regulação social com vistas a estabelecer o equilíbrio entre produção e consumo) e o da *tecnologia* (que supõe que “a técnica constrói



ferramentas que permitem gerir da maneira mais eficaz possível a criação e a circulação de riquezas (CHARAUDEAU, 2006, p. 222).

Entendemos, portanto, que o imaginário da modernidade encontra espaço nos discursos que circulam na Internet uma vez que estes estão fortemente ancorados nesse ideal de que o uso das novas tecnologias implica em progresso social. Ou, se considerarmos o papel da Internet como mídia, poderíamos dizer que essa acarreta a produção de um imaginário de que é mais democrática que a mídia anterior que lhe antecedeu.

Como exemplo dos discursos que carregam o imaginário da modernidade e apontam para uma soberania da Internet com relação a um modelo anterior, podemos recuperar a fala de Sérgio Amadeu Silveira<sup>25</sup>, que em entrevista para a revista *Byte* em 2006 declarou:

Com a expansão das redes informacionais nunca a humanidade esteve tão próxima de tamanha possibilidade em democratizar os benefícios e riquezas de um dado momento histórico [...]. Contudo, exatamente devido as atuais possibilidades técnicas do compartilhamento do conhecimento e de seus desdobramentos re-distributivos de renda e poder, que um forte movimento reacionário se apresenta na conjuntura mundial. Sua finalidade é bloquear a distribuição do conhecimento para controlar os fluxos de riqueza e mantê-la nos mesmos grupos que dominaram o capitalismo global. (SILVEIRA, 2006)

Desse ponto de vista, a Internet é considerada como tecnologia progressista não apenas por ser “democrática”, ou por contrariar a ordem capitalista vigente, redistribuindo o conhecimento, ligando pessoas e descentralizando o poder, mas por fazer isso de uma forma que não foi possível em tempos anteriores.

Segundo Charaudeau (2006, p. 225), cada sociedade possui o seu imaginário de modernidade e em nossa época esse imaginário vem marcado pela tecnologia da informação, pela fabricação de modos de transmissão sofisticados, e pela organização de conexões em rede que permitem a rápida circulação da informação e colocam as pessoas em contato direto.

Segue-se, assim, a emergência daquilo que Patrice Flichy (*apud* Charaudeau, 2006, p. 225) chama de imaginário cooperativo, “que se funda em três crenças: *domínio total do saber*, existência de uma *comunidade virtual*, possibilidade de uma *auto-regulação total*.”

---

<sup>25</sup> Presidente do Instituto nacional de Tecnologia da Informação do governo Lula.

A primeira crença, a de um *domínio total do saber*, representa a “impressão de que todos podem ter acesso a todas as informações que circulam no mundo e que essas seriam imediatamente compreendidas por todos”. Deste modo teríamos na vulgarização, a única forma de saber possível a qual todos teriam igual acesso.

A segunda crença, a da *comunidade virtual*, expressa um acúmulo das trocas interativas imediatas através de “grupos de discussão e, mais além, de opinião, formando assim espécies de diásporas comunitárias em torno da posição assumida em relação a acontecimentos do mundo”.

E, por fim, a terceira crença que pressupõe uma *auto-regulação total*, que é resultante das duas primeiras crenças, por conjugar a relação entre indivíduos distantes em comunidades virtuais, com acesso a todo e qualquer tipo de informação, sendo que mais nenhuma instituição poderia lhe “aplicar sanções” e onde ninguém disporia de poder sobre os demais. (CHARAUDEAU, 2006, p. 226).

Para nós, o imaginário da Internet mobiliza as três crenças acima descritas, e, ainda, apresenta discursos fortemente libertários que demonstram a crença no domínio da “informação verdadeira” e no fato de que nesse ambiente não existe nenhum tipo de controle. Assim a partir daqui chamaremos este imaginário de imaginário técnico-libertário. É, a partir do reconhecimento desse imaginário que podemos estabelecer, em nosso trabalho, como o sujeito do discurso político-eletrônico constrói seus enunciados sob um tipo de interpelação que não é a mesma a qual se submete o sujeito do discurso político e, também, apresenta divergências com o sujeito do discurso político-midiático tradicional.

## 2.2 WEB: A REDE DE CONTEÚDO E O HIPERTEXTO

A Web foi criada em 1991, por Tim Berners-Lee, e baseia-se numa interface gráfica que permite o acesso a dados diversificados, como textos, músicas, sons, animações, filmes, entre outros. (LEÃO, 1999). Sua criação significa a passagem de uma rede de máquinas (a Internet) para uma rede de conteúdo, a chamada WWW: Word Wide Web. De acordo com Levyne (2000), a criação da Web foi “um dos acontecimentos mais quentes” da Internet, “resultado de esforços para criar notas de rodapé eletrônicas”, permitindo assim a materialização do hipertexto.

Quando criou a Web, TIM Berners-Lee “imaginava-a como um ‘cérebro’ super-humano formado pelos vínculos entre os conhecimentos de muitos indivíduos do mundo inteiro”. (DERTOUZOS, 1997, p. 68).

Sua invenção foi possível através da combinação de duas idéias: redes e hipertexto. Criou-se uma combinação entre um sistema de endereçamento similar ao de ruas e números, que servia para localizar arquivos, imagens, áudio e vídeo em variados pontos da Internet. Posteriormente, juntou-se a essa combinação uma linguagem simplificada para reunir essas informações em páginas (*home pages*), em qualquer tipo de computador, a partir de um tipo de convenções que ligavam e transportavam essas informações pela Internet. (DERTOUZOS, 1997, p. 68).

A criação da Web e a invenção dos *browsers*<sup>26</sup> foram responsáveis pelo acesso facilitado, já que após sua criação possibilitou-se a materialização do hipertexto, ou seja, “a genialidade da Web reside na ampliação da idéia de hipertexto de um único livro para uma comunidade inteira de computadores interligados” (DERTOUZOS, 1997, p. 68).

Em resumo, a Web é a criação da interface que nos permite, pela utilização do mouse, avançar de um bloco de informações para outro, através da seleção de palavras chaves que se destacam na tela e representam o que conhecemos por *link*.

Na definição de Leão (1999, p. 24), o hipertexto é um documento digital que reúne diferentes lexias (blocos de informação) interconectadas, amarradas por *links* (vínculos eletrônicos) que ligam esses elementos. Para se construir um sistema (ou *site*) é necessário a elaboração e o desenvolvimento de ferramentas básicas de navegação (ou leitura), tais como, sair do sistema, retornar, avançar, indo e voltando de um ponto a outro no momento da navegação. (LEÃO, 1999, p.28).

Do ponto de vista da linguagem, a definição do hipertexto como ligação de blocos de informação torna-se insuficiente para a análise dos discursos hipertextuais, uma vez que considera apenas suas característica de suporte informativo e a interação de um conteúdo a outro. Propomos então pensarmos quais as características discursivas do hipertexto.

---

<sup>26</sup> Segundo Dertouzos (1997) o browser foi uma invenção pioneira de um programador de 22 anos, Marc Andressen. Browsers, como o Internet Explorer e o Mozilla Firefox, são ferramentas que nos permitem o acesso à variadas *home pages*, identificando o endereço específico de cada informação dentro da Internet.

### 2.2.1 Uma visão discursiva do hipertexto

Para nossa pesquisa, portanto, o que nos interessa no sistema da Word Wide Web é justamente sua característica hipertextual, mas segundo uma visão específica da linguagem: a do discurso. Isso porque o hipertexto, segundo uma perspectiva discursiva, não pode ser visto somente como um simples suporte que possibilita a circulação da informação como um dado neutro, mas que as informações são linguagem e, portanto, são discursos, sendo necessário considerar sua historicidade.

Nesse sentido, concordamos com Murillo (2007, p. 229) que o problema que se impõe está em como definir a relação entre a materialidade lingüística e a virtualidade eletrônica:

[...] a língua “social” e a linguagem HTML que estruturam os hipertextos? Ou, ainda, em termos analíticos, como promover a substituição de nossa unidade de análise do texto para o hipertexto – assumindo todas as conseqüências de um deslocamento, sem incorrer em um mero transporte, desatento a uma devida transposição. (MURILLO, 2007, p. 229).

Seguindo os empreendimentos teóricos elaborados por alguns trabalhos do grupo de pesquisadores do LABEURB/UNICAMP, que operam com a construção da ENDICI (Enciclopédia Discursiva da Cidade), Murillo (2007) tece considerações relevantes para pensarmos as especificidades do discurso eletrônico. Uma dessas considerações diz respeito à necessidade de nos ocuparmos de um problema teórico-metodológico que implica “a passagem do *texto* como objeto de análise do discurso para o *hipertexto*”.

Poderíamos, inicialmente, traçar uma série de concepções que relacionam texto e hipertexto destacando, principalmente, o fato de que, em sua grande maioria, linguistas e outros pesquisadores da Internet, realizam seus estudos centrando-se em diferenciar hipertexto de texto por suas características básicas. Para muitos pesquisadores o hipertexto difere do texto porque é: 1) não-linear (apresenta várias formas de narrativa); 2) multi-midiático (comporta diferentes mídias visuais e auditivas), 3) polissêmico (direciona para diferentes sentidos); 4) interativo (autor e leitor participam conjuntamente do processo de criação).

Beiguelman (2003, *apud* Koch, 2005), por exemplo, ao interrogar-se sobre o contexto de leitura mediado por interfaces e conectado em rede, chama atenção

para o fato de que o livro impresso ainda é a principal referência do universo de leitura on-line e que existe uma dificuldade de conceituação do termo hipertexto, devido ao fato de que a maioria dos autores que se ocupam do hipertexto continua a tomar como parâmetro o texto impresso.

Nesse aspecto, destacamos que, assim como compreendemos o texto segundo o ponto de vista da análise do discurso, ou seja, como um objeto lingüístico-histórico considerado como o lugar de manifestação material do discurso (Orlandi, 2005a, p. 89), buscamos, também, compreender o hipertexto segundo uma perspectiva discursiva, considerando, claro, suas especificidades.

No entanto, a discussão comparativa entre texto e hipertexto não nos parece produtiva uma vez que, segundo os aspectos apontados como fundamentais do hipertexto, este não se diferencia em nada de um texto. Nesse sentido, podemos relembrar os apontamentos de Koch (2005) ao defender que todo texto é um hipertexto, uma vez que considera que todo texto é plurilinear em sua construção, sendo que a diferença, para essa autora, entre um texto tradicional e um texto virtual está no aspecto tecnológico, ou seja, no suporte que possibilita a materialização do caráter intertextual pela presença dos *links* (Koch, 2005, p.3).

O que é importante observarmos nessa discussão é que, a despeito da comparação com o texto, as principais definições encontradas sobre hipertexto destacam a força da tecnologia e as implicações de seu uso para os processos de leitura. Os *links* são, portanto, um dos fatores fundamentais do caráter democrático e interativo possibilitado pelo suporte, uma vez que autor e leitor atuam juntos para a construção do texto final.

Ainda com relação à leitura do hipertexto, Possenti (2002) observa que o caráter hipertextual no ambiente da web está provocando uma grande confusão no que se refere à leitura como atividade que envolve muitas outras subdivisões quase institucionais (comprar, vender, editar, controlar o autor, considerar o prestígio dos grandes leitores, ler anotando ou na espreguiçadeira etc.) e como atividade de apreensão de determinado discurso, por exemplo, “reler Édipo Rei para conferir se a interpretação de Freud é mais ou menos defensável que a de Foucault ou que a de Deleuze & Guattari”.

Embora todas essas considerações sejam relevantes para uma teoria hipertextual, as definições das características centrais do hipertexto “no que diz respeito à superfície textual” não são suficientes “para um trabalho preocupado com

o ordenamento particular sobre o textual do político e do histórico” (Murilo, 2007, p. 230). Desse modo, a noção de memória e interdiscurso passa a ter um estatuto importante para nossa pesquisa com a materialidade hipertextual, uma vez que essas noções são indispensáveis para pensarmos o funcionamento do discurso eletrônico em seu caráter constitutivamente político e em sua ligação/relação com discursos políticos produzidos fora dela.

Orlandi (2005a) distingue três noções de memória que trabalham na construção dos sentidos de um texto, sendo elas: a memória discursiva, conhecida como interdiscurso e que se constitui pelo esquecimento de que “algo fala antes, em outro lugar independentemente” produzindo o efeito do já dito. (Pêcheux, *apud* Orlandi, 2005a); a memória institucional, concebida pela autora como o arquivo, ou seja, a memória institucional é “aquela que não esquece”, encontrada nas escolas, nos museus e que normatizam o processo de significação auxiliando no processo de individualização dos sujeitos pelo Estado; e a memória metálica que, na distinção da autora é aquela que se produz pela mídia e pelas novas tecnologias de linguagem.

A memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador etc.). Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai-se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma. Quantidade e não historicidade. (idem, *ibidem*).

Essas diferentes memórias indicam, portanto, que no hipertexto existem diferenças significativas no eixo constituição, formulação e circulação, proposto por Orlandi (2005a). O hipertexto é, assim, “um ponto de confluência de línguas e memórias bastante específicas que marca

[...] o lugar de articulação da memória dos computadores (numérica, sistemática) com a memória discursiva (lacunar, aberta ao confronto) ao promover o encontro da língua “social” (a língua do ponto de vista da análise do discurso – atravessada pela historicidade) com as linguagens de programação [...]. (MURILLO, 2007, p. 230)

O hipertexto é assim considerado como uma língua artificial, o texto a língua social/material, e o *link* (ou *hiperlink*), é, nesse contexto, um produto da confluência dessas linguagens. Nesse espaço também estariam representadas tanto uma memória discursiva, quanto uma memória metálica.

O que se pode entender da proposta anterior é que o hipertexto se apresenta como uma linguagem artificial que suporta uma linguagem social/material (o texto) mobilizando, através dos *links* existentes na linguagem, diferentes tipos de memória.

Acreditamos, no entanto, que a Internet, diferentemente da televisão que tende a apresentar uma memória horizontal, apresenta a possibilidade material de existência e convergência de variados tipos de memórias, dependendo das posições que os sujeitos assumem no interior de cada arquivo e o modo como eles utilizam a materialidade hipertextual.

Assim, do ponto de vista discursivo, um *link* pode então ser compreendido como um “fato discursivo estruturador do processo de escrita do conhecimento, em suas relações possíveis”, já que “discursivamente, qualquer relação significa.” Morello (2003, p. 121).

Ainda sobre o hipertexto é possível destacar que este se constrói tanto pelo gesto do programador-autor, quanto pelo gesto do usuário-leitor. Essa dupla construção é, por sua vez, possibilitada pela existência dos *links* que permitem ir e vir, seguindo este ou aquele percurso de leitura, indo de uma lexia à outra, de acordo com a ordem pré-estabelecida pelo sistema e segundo determinadas filiações históricas.

### 2.3 WEB 2.0: AS REDES SOCIAIS

A Internet, como vimos, passou de uma rede de máquinas para uma rede de conteúdo e, hoje, vive um terceiro momento: o das redes sociais. Atualmente todas as atenções dos profissionais e usuários da Internet se voltam não só para o conteúdo, mas para a capacidade da rede em “ligar pessoas”.

Em Novembro de 2007, o inventor da Web, Tim Berners-Lee, postou em seu blog um artigo, intitulado *Giant Global Graph*<sup>27</sup>, afirmando que atualmente a Web se destina principalmente em reunir pessoas. Isso porque, enquanto todo mundo possui interesses particulares, “biólogos estão interessados em proteínas, drogas, e empresários em produtos e clientes”, todos estão interessados em amigos, família, conhecidos, o que leva os profissionais da Internet a focarem em serviços que visem ligar pessoas atingindo, dessa maneira, um público maior e variado.

---

<sup>27</sup> Berners-Lee. TIM, 2007, disponível em: <http://dig.csail.mit.edu/breadcrumbs/node/215>)

Neste contexto, investigar a existência de Redes Sociais torna-se relevante para nossa pesquisa já que, cada vez mais, elas fortalecem a criação de comunidades específicas em torno de diferentes temáticas, entre elas a política.

Em uma concepção mais geral, o termo **rede social** designaria uma forma de representação dos relacionamentos afetivos ou profissionais que os seres humanos estabelecem entre si, em torno de agrupamentos de interesses mútuos. Já o termo **comunidade** é uma construção sociológica que “evolui de um sentido ideal de família, comunidade rural, passando a integrar um maior conjunto de grupos humanos com o passar do tempo”. (RECUERO, 2005, p. 12)

Com o advento das novas tecnologias de comunicação e diante de uma sociedade que busca sempre novas formas de conectar-se e estabelecer relações, muitos autores começaram a definir as novas comunidades como “comunidades virtuais”. Assim os elementos responsáveis pela formação de uma comunidade virtual passam a ser, segundo a autora

[...] as discussões públicas; as pessoas que se encontram e reencontram, ou que, ainda, mantêm contato através da Internet (para levar adiante a discussão); o tempo; e o sentimento. Esses elementos, combinados através do ciberespaço, poderiam ser formadores de redes de relações sociais, constituindo-se em comunidades. A comunidade virtual é, assim, um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais, que permaneçam um tempo suficiente para que elas possam constituir um corpo organizado, através da comunicação mediada por computador. (RECUERO, 2005, p. 12)

Embora se estude a questão das redes há muito tempo, esse conceito tem sido resgatado atualmente por diferentes autores de diversos campos da ciência. Isso indica que se busca uma definição de padrões comuns para se compreender o funcionamento das redes sociais, principalmente as que têm se constituído no espaço da Internet. (RECUERO, 2005).

Segundo Scherer-Warren (2003), a noção de rede social é bastante polissêmica e tem sido construída como conceito analítico ao mesmo tempo em que é um conceito “propositivo dos próprios movimentos sociais”. Em sua concepção, esse fenômeno pode ser explicado, segundo um ponto de vista sociológico da sociedade contemporânea, a partir de, pelo menos, três respostas teóricas: 1) as redes são estruturantes da sociedade contemporânea (permeiam os níveis culturais e institucionais da maioria das sociedades atuais); 2) a análise de redes é



considerada uma metodologia adequada para se estudar a complexidade da sociedade contemporânea; 3) redes se referem a um modo de articulação e relação que sempre existiu, mas que se modifica, consideravelmente, na sociedade globalizada.

A capacidade das redes em propiciar novos elementos para uma ação política se concentra, basicamente, na possibilidade de ações coletivas a partir de uma interação entre redes telemáticas.

Na sociedade contemporânea, complexa, globalizada, informatizada, três dimensões são relevantes para se pensar a perspectiva de redes inerentes à dinâmica dos movimentos sociais: a sociabilidade, a espacialidade e a temporalidade. (SCHERER-WARREN, 2003, p.31).

Na visão desta autora, essas três dimensões poderiam ser resumidas da seguinte maneira: 1) a **sociabilidade** permitiria a identificação de novas formas de relações sociais capazes de ampliar a ação dos diferentes grupos sobre a arena pública contemporânea; 2) a **espacialidade** estaria voltada para aspectos como a emergência de novas territorialidades que acabariam por influenciar nas ações políticas por irem além das fronteiras espaciais estabelecidas tradicionalmente; 3) a **temporalidade** se refere à possibilidade de armazenamento e circulação de informação, cujas características facilitariam a interação sobre o tempo e sobre a história entre os diferentes atores sociais.

De um modo geral, o que a maioria dos autores destaca sobre as comunidades virtuais “de nossa sociedade em rede”, é que elas se diferenciam das formações de redes sociais tradicionais, principalmente porque antes da Internet a formação de redes sociais era dificultada pela falta de meios de comunicação eficazes, ou seja, meios que permitissem aos indivíduos estarem em permanente contato.

Do ponto de vista discursivo seria possível dizer que as três dimensões propostas por Warren (2003), para se pensar os movimentos sociais, podem, também, nos auxiliar a pensar o funcionamento do discurso político-eletrônico, uma vez que este se mostra sensivelmente afetado por essas três dimensões (social, espacial e temporal) e suas reconfigurações.

Segundo Lévy (1999), o grupo líder da Internet – os jovens – tem como palavra de ordem, na atualidade, o desenvolvimento de comunidades, levando a

uma significativa alteração no modo como os sujeitos se relacionam em nossa sociedade em rede. Percebe-se, assim, que a emergência dessas comunidades, ou redes sociais, acaba afetando a própria constituição dos sujeitos políticos que se inserem nessa prática discursiva, uma vez que nessas comunidades predominam o registro do discurso do sujeito político comum e não dos sujeitos da política e da mídia, com seus lugares legitimados.

Nessa direção, buscaremos no capítulo seguinte, compreender qual seria o estatuto do sujeito do discurso político-eletrônico, bem como suas singularidades. Avancemos um pouco mais em nosso exercício teórico. “Mar à dentro”!

### 3 - III NAU: OS SUJEITOS POLÍTICOS NO ESPAÇO-TEMPO DA INTERNET

*“[...] É o frevo, a jogar pernas e braços  
No alarido de um povo a se inventar;  
É o conjuro de ritos e mistérios  
É um vulto ancestral de além-mar.”  
(Caribenha Nação, Lenine)*

Pensar o sujeito político imerso no mar da virtualidade é pensar o sujeito de um modo bastante singular, pois sua “inscrição” se dá em um tipo particular de linguagem (a virtual), na qual a relação sujeito-mundo aparece totalmente ressignificada.

Um dos aspectos que acreditamos ser fundamental para esta análise é o fato de que a Internet, juntamente com as tecnologias de linguagem que surgem dia a dia, institui uma relação particular dos sujeitos com o mundo.

“[...] Na pós-modernidade nascente, a tecnologia favorece um real reencantamento do mundo” (Mafessoli, 2003, p. 47) que nos leva a considerar o espaço virtual em que a relação sujeito-linguagem-mundo se dá de uma maneira inteiramente nova. Neste capítulo buscamos, portanto, descrever a relação entre os sujeitos políticos e o espaço-tempo da Internet, apontando para suas possíveis transformações.

#### 3.1 NOVOS SUJEITOS E UM NOVO ESPAÇO-TEMPO PARA A PRODUÇÃO DE ENUNCIADOS POLÍTICOS

A forte presença das comunidades virtuais indica, a nosso ver, uma nova forma de estruturação social, na qual o discurso político ganha diferentes formatações. A construção de narrativas do político em torno de instituições, Estado, governo, figuras legitimadas: povo, herói, líderes políticos, representantes políticos, aparece diluída em um complexo quadro discursivo em que “uma persona [...] desempenha diversos papéis nas tribos às quais adere. A identidade fragiliza-se. As diferentes identificações, em contrapartida, multiplicam-se” (MAFESSOLI, 2003, p. 45).

Um novo desenho pode ser vislumbrado no quadro do discurso político, afetado agora pelo espaço virtual. Como vimos anteriormente nesse trabalho, o

espaço virtual, frequentemente, funciona sob o imaginário de que a Internet viria restabelecer a “democracia”. Desse modo, os enunciados sobre episódios, temas, fatos ou personalidades políticas apareceriam sob um efeito de evidência de que, nesse ambiente, governantes e governados enunciam do mesmo lugar.

Um primeiro fator que se pode observar no processo discursivo da Internet é a emergência de enunciações daqueles que antes não faziam parte do cenário discursivo político: os sujeitos-cidadãos. Isso poderia indicar uma equivalência dos discursos, ou seja, uma vez suprimida a força do lugar social que os sujeitos políticos ocupam, e garantida a visibilidade midiática dos sujeitos-cidadãos, todos estariam autorizados e/ou legitimados para “fazer política” e participar da cena política pública.

É inegável que na Internet há a emergência de um lugar discursivo que dá voz aos sujeitos que, anteriormente, não estariam autorizados, ou melhor, não faziam parte do cenário discursivo político, mas não se pode medir, ainda, a equivalência dos lugares discursivos desses sujeitos e dos sujeitos da política.

Portanto, o discurso político que sofreu alterações significativas com a interferência midiática, irá se modificar, mais uma vez, com a entrada da Internet e a visibilidade conferida aos sujeitos comuns.

Ocorre que, nesse espaço, os papéis são reorganizados. O discurso político tradicional, com seus enunciadores legitimados (políticos, comunicadores, jornalistas), passa a ocupar um lugar secundário e/ou diferenciado, já que não estará mais isolado dos discursos produzidos por sujeitos anônimos, comuns. No espaço político-eletrônico, aliás, há a tendência de se conferir maior visibilidade aos enunciados políticos produzidos por estes sujeitos anônimos e comuns. Essa mudança não produz efeitos apenas no plano da virtualidade, mas também afeta o discurso político tradicional e, mais uma vez, o discurso político terá que se adaptar a essa nova prática discursiva.<sup>28</sup>

Observamos, no entanto, que os sujeitos políticos da Internet não podem ser considerados como equivalentes aos cidadãos, ao povo, ou a outros conceitos definidores de uma coletividade social como se entendeu até aqui. Em outras palavras, os sujeitos políticos da Internet não correspondem ao sujeito-cidadão do

---

<sup>28</sup> Relembramos aqui dois enunciados das eleições presidenciais de 2006 - “Alô companheiros que navegam no *Orkut!*...” (Luis Inácio Lula da Silva -13/10/2006); “Quero agradecer todo o pessoal do *Orkut* pela postura cívica...” (Geraldo Alkimin -14/09/2006)- que já indicavam a nova relação entre Política e Internet.

discurso político tradicional. Trata-se, assim, de outra espécie de sujeito, de outra prática de discurso político. Os lugares e as posições não são equivalentes.

A Internet e as tecnologias oferecidas pelos recursos eletrônicos permitem a esse sujeito uma utilização de recursos áudio-visuais que, no interior de um ambiente que funciona em torno de comunidades, podem recriar sua identidade, intervindo nos sentidos produzidos pelos discursos políticos tradicionais. No cenário eletrônico dois aspectos afetam consideravelmente as características desse sujeito e seu modo de enunciar: o tempo e o espaço. Estamos, agora, em um espaço-tempo de relatividades gerais

Assim como o espaço, o tempo absoluto desfez-se; em matéria de duração tudo depende do olhar dirigido e da época do “ponto de vista”, e não mais das condições supostamente naturais da experiência [...]. A ciência e as suas tecnologias sempre contribuem para modificar a observação, a medida e, finalmente, a própria aparência do que é observado. (VIRILIO, 2003, p. 105).

São, portanto, tempos e espaços móveis que abrigam maneiras específicas de “direcionar” e “dirigir” os variados pontos de vista. Tudo, agora, passa a ser observado sob uma ótica diferenciada, possibilitada pela tecnologia das redes informáticas.

Para pensar o sujeito do discurso político nesse espaço-tempo, podemos retomar alguns estudos de Orlandi (2005b) que, ao realizar análises que visam compreender o sujeito em suas relações com o espaço urbano, nos fornece diretrizes enriquecedoras para pensarmos o sujeito do espaço eletrônico, visto que tratamos aqui do sujeito contemporâneo, do sujeito do capitalismo – destacando que essa apropriação teórica requer o cuidado na observação de algumas singularidades, já que o espaço eletrônico é apenas um dos muitos modos de funcionamento do espaço urbano e, por isso mesmo, precisa ser analisado segundo suas próprias regularidades.

Ao pensar o sujeito do espaço urbano Orlandi (2005b) descreve os processos de individualização do sujeito contemporâneo, através de dois tipos de individualização distintos e inseparáveis. Num primeiro movimento, temos a interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia, que constitui a forma-sujeito histórica que, no caso do sujeito contemporâneo, é a forma-sujeito do capitalismo. E, num segundo movimento, as formas de individualização do sujeito pelo Estado,

estabelecida pelas instituições que resultariam em um indivíduo “ao mesmo tempo responsável e dono de sua vontade”. (ORLANDI, 2007, p. 1). Esses dois movimentos nos remetem, portanto, a uma maneira específica de pensar o sujeito do discurso, em uma instância ideológica.

No entanto, em suas análises a autora nos mostra que as relações sociais já não se estruturam como antes. Segundo ela, no Brasil, temos que conviver com a “ambigüidade produzida pela existência de sociedades de mercado<sup>29</sup>” e com o funcionamento do Estado “regido por sua falta e afetado pelas sociedades de mercado”. Nesse sentido, dirá, que “nosso ponto de partida já não são as instituições estatais. São estratégias de subjetivação diversas”. Para a autora o sujeito da pichação, por exemplo, não sucumbe ao sem-sentido a que está destinado por estar à margem, por não estar incluído socialmente, por seu gesto, “não desejável, mas possível”, de irromper no social pelo traço, pela grafia, buscando sua significação, produzindo “outro” sentido. (ORLANDI, 2007, p. 11).

Buscamos pensar a relação proposta por Orlandi (*idem, ibidem*) para compreender o sujeito do discurso político-eletrônico, que atua em um espaço fragmentado, desterritorializado, com seu modo de escrita também singular, a partir da relação que nos interessa particularmente, que é o discurso político tradicional, referido a um campo específico que é o da política e dos sujeitos da política, em sua relação com o discurso midiático tradicional e com o discurso político-eletrônico. Em outras palavras, não estamos falando de todos os sujeitos que atuam na Internet, mas sim dos sujeitos que atuam na Internet dentro do campo político-midiático especificamente.

Julgamos possível pensar que o sujeito do discurso político-eletrônico é um sujeito político, porque busca seu pertencimento, sua inscrição social e, ao mesmo tempo, é um sujeito tecnológico que, sob o imaginário técnico-libertário, aparece como “livre”, “democrático”, “apolítico”.

Em outras palavras, esse sujeito se insere no campo político, por ocupar o lugar de um sujeito coletivo, mas que busca seu direito à palavra, fazendo uso de recursos técnicos e de recursos que a Internet possibilita para que ele possa também enunciar nesse espaço onde “todos” falam sem nenhuma restrição, sem

---

<sup>29</sup> Orlandi (2007) destaca que autores como Schaller (2001), Ignácio Lewkowicz, Marilena Cantarelli e o Grupo dos Doze (2003) apontam para uma nova estrutura das relações sociais, indicando que passamos de uma sociedade de Estado para uma sociedade de Mercado.

nenhum poder que os controlem. Enquanto no cenário discursivo político-midiático tradicional esses sujeitos são simples “representados”, no enunciados analisados eles passam a ser os enunciadores principais. Excluído da cena da política e da cena midiática dos modelos precedentes esta parcela de sujeitos “comuns” e “anônimos” encontra na Internet um lugar para participar da cena política, seja saindo de sua situação de anonimato, seja utilizando essa própria condição para produzir sentidos na cena pública virtual.

Observamos, no entanto, que os “muitos” ou o “nós” da cena política tradicional, no entanto, não coincidem com os “muitos” da cena do discurso político-eletrônico.

Esse sujeito surge (se insere) em um ambiente cujo dispositivo de informação é totalmente distinto dos dispositivos de comunicação anteriores. Como apresenta Lévy (2003), as formas de comunicação são outras, elas não respeitam mais a ordem física das comunicações mediadas por diversos suportes técnicos tradicionais. Em sua tipologia da Internet, o autor destaca a diferença deste ambiente em relação às demais mídias:

[...] a imprensa, a edição, o rádio e a televisão funcionam segundo um esquema em estrela, ou “um para todos”. Um centro emissor envia mensagens na direção de receptores passivos e sobretudo isolados uns dos outros [...]. O correio e o telefone desenhavam um esquema em rede, ponto a ponto, “um para um”, no qual, ao contrário da irradiação de mídia, as mensagens podem ser endereçadas com precisão e, sobretudo, trocadas com reciprocidade. [...] o ciberespaço combina as vantagens dos dois sistemas anteriores. De fato, permite, ao mesmo tempo, a reciprocidade na comunicação e partilha de um contexto. Trata-se de comunicação conforme um dispositivo “todos para todos”. (LÉVY, 2003, p. 195)

Na Internet a comunicação é de “todos para todos” e não de “uma para um”, como no telefone, nem de “uma para todos”, como na televisão. Entende-se daí, que os discursos e os sentidos não possuem um ponto central ou identificável, mas se instauram a partir de uma coletividade que vai “de todos para todos”. Essa característica, em nosso entendimento, é que permite pensar que a Internet é um ambiente neutro e democrático, muitas vezes incompatível com o que se apresenta, efetivamente, na rede.

Observa-se, no entanto, que os sujeitos políticos, apesar de atuarem em um ambiente em que os sentidos se dão de “todos para todos”, não podem ser

entendidos como a representação de uma única vontade, ou como a vontade do “povo”, no sentido dado pelo campo político, já que a forma de organização dos “muitos” na sociedade contemporânea se caracteriza por sua singular heterogeneidade.

Retomando a proposta de Virno (2001), que dirá que nas formas de vida contemporânea a “multidão” se destaca em todas as esferas sociais, mas essa não pode ser vista como “povo”, visto que este é um conceito estreitamente associado à existência do Estado e à expressão de um Uno, de uma vontade única e universal, podemos dizer que no modelo atual da Internet os discursos políticos circulam num espaço de coletividade, mas são produzidos por enunciadores individuais que não são representantes de um todo social.

Seus enunciados, no entanto, produzem, por vezes, a idéia de que alguns sentidos, por serem mais recorrentes nesse ambiente, são a expressão de toda uma comunidade, sendo, portanto, um espaço que permite a democracia social porque possibilita a existência de uma heterogeneidade de sujeitos e de sentidos. Ainda que, apesar de suas possibilidades, muitas vezes seja difícil detectar neste ambiente esta tão propagada “multiplicidade” de sentidos. Poderíamos, portanto, retomarmos a distinção de Virno (2001), que difere o “povo” da “multidão”, uma vez que para esse autor

[...] multidão significa: a pluralidade — literalmente: o ser-muitos — como forma duradoura de existência social e política, contraposta à unidade coesiva do povo. Pois bem, a multidão consiste em uma rede de *individuos*; os muitos são numerosas *singularidades*. (VIRNO, 2001, p. 40)

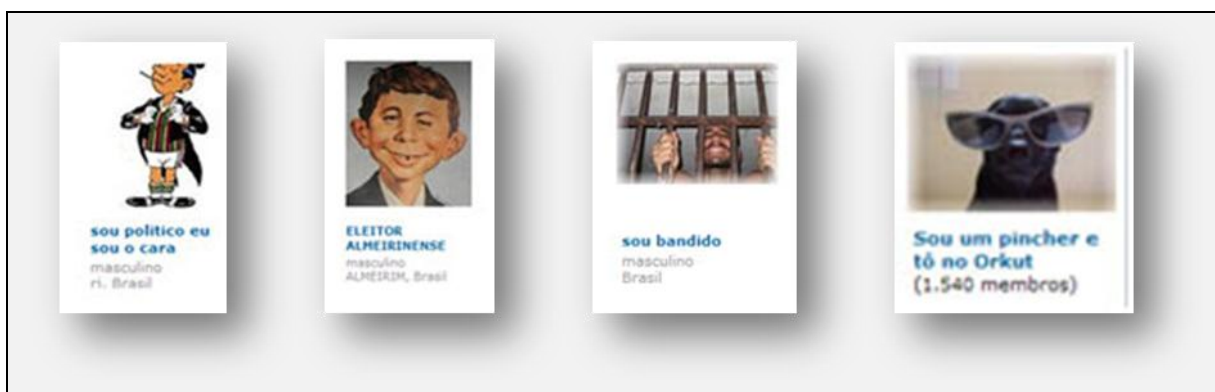
Neste cenário podemos pensar que o sujeito do discurso político-eletrônico está fora das formações discursivas, ou da ordem dos discursos tradicionais, sendo outras as suas condições de produção. Ele não se enquadra nos lugares e papéis destinados aos “muitos” das relações sociais estabelecidas num campo externo à Internet, principalmente no que se refere ao campo da política.

É, portanto, de forma muito singular que o sujeito participa deste espaço e que se “submete à língua mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se” (Orlandi, 2005b, p. 2). Mas, que modo é esse? Que sujeito é esse? Vejamos.



### 3.2 DO ELEITOR PARA O E-LEITOR

Sob o imaginário técnico-libertário e detentor de ferramentas tecnológicas que lhe permitem construir um novo tempo e um novo espaço para o funcionamento do político, esse sujeito passa a se significar a partir de suas diferentes possibilidades de “ser” e de “dizer” a política. Ele desdobra-se assim, em diferentes sujeitos, como se pode observar no recorte seguinte.



Recortes extraídos de comunidades do Orkut<sup>30</sup>.

Ser um sujeito virtual é ser, efetivamente, um sujeito do discurso. Mergulhado nas condições de produção que moldam cada ambiente, interpelado a entrar na “ordem do discurso” (ou seria onda do discurso?), desse ou daquele *site*, por este ou aquele caminho, com este ou aquele convite, deste ou daquele modo, dividido entre as possibilidades de se tornar sujeito deste ou daquele discurso, tentado a experimentar diferentes papéis, mas não qualquer papel, visto que aí também há coerções, há o que “pode e deve ser dito”, silenciado, ocultado, apagado.

Neste ambiente se ressignificam as tradicionais noções de tempo, de espaço e de sujeitos. O sujeito é alguém e ninguém ao mesmo tempo. Está em todos os lugares e em lugar nenhum. Seu tempo é real, simultâneo, imaginário. Está totalmente desterritorializado. Circula pelo espaço estando em todos os lugares e experimentando todas as identidades. Cria identidades diversas, possíveis e impossíveis.

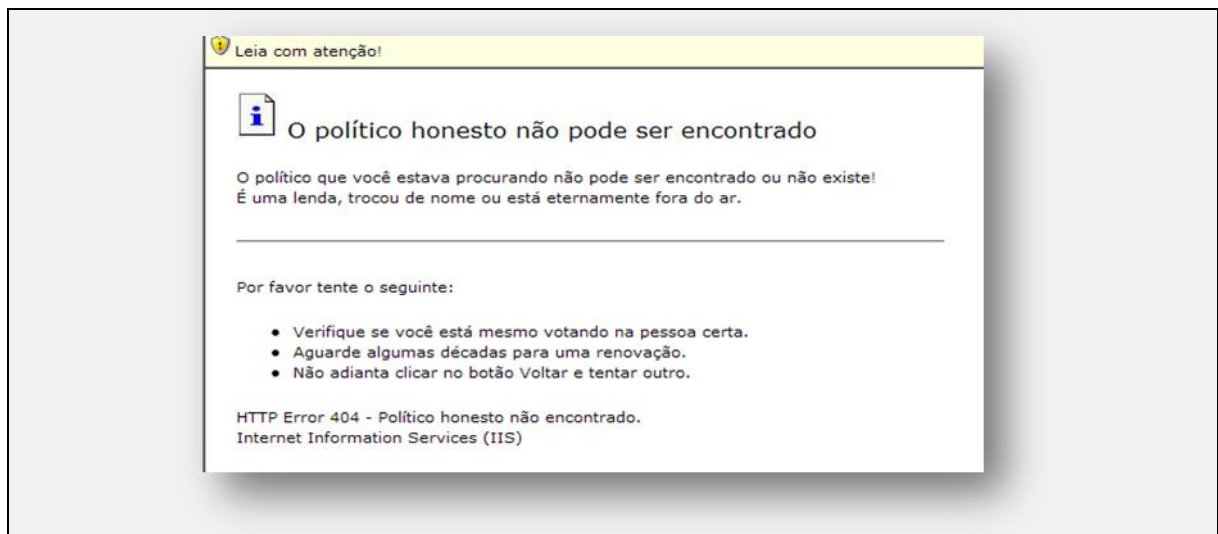
Esse sujeito, em nosso entendimento, produz um deslocamento em sua relação com o discurso político. Ele busca visibilidade, geralmente em torno de

<sup>30</sup> Figura 1: disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#FullProfile.aspx?uid=4944561271756660873>; Figura 2: disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=2882201253083349713>; Figura 3 disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=6712182218483554789>

temas e comunidades específicas, entrando assim, muitas vezes, no campo da política, mas a partir de modos de inscrições específicos. Um desses modos de inscrição no campo da política pode ser observado pelos recortes seguintes



Recorte extraído do Orkut.<sup>31</sup>



Recorte extraído do Google<sup>32</sup>.

O modo de funcionamento dos enunciados apresentados está em relação de negação e/ou desqualificação do discurso dos sujeitos da política. Pela afirmação da inexistência de que o político, ou o sujeito da política pode ser honesto. Neste caso, vemos que o discurso do sendo comum, das ruas, não nomeados, se materializa no ambiente midiático da Internet, conferindo nova visibilidade para o discurso do sujeito-cidadão.

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=6335645>.

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=7418893002828632930>.

O político honesto do primeiro quadro, por exemplo, existe, assim, apenas na virtualidade, já que o local geográfico anunciado, a *politicândia*, remete à inexistência real desse sujeito. No segundo recorte, joga-se com o funcionamento do discurso eletrônico, cuja organização arquivista permite ao sujeito “encontrar”, nesse espaço, toda a “informação” necessária. Esse recorte aparece, assim, após uma busca no Google pelo nome político honesto. Esse enunciado opera com um recurso do discurso eletrônico ao jogar com o funcionamento que estrutura no ambiente da Internet. O código de erro 404 indica que não existe na Internet, e, a partir da criação dessa página o código de erro 404 para a busca do político honesto significa a sua inexistência no mundo real: “verifique se está votando na pessoa certa” e “aguarde algumas décadas para uma renovação”. E, na Internet: “não adianta clicar no botão voltar e tentar outro”.

Observamos, ainda, que esse novo sujeito aparece, politicamente falando, muito mais como uma “multidão”, como vimos acima, do que como “cidadão-eleitor”. Nesse ambiente, uma das possibilidades de transformação observadas é, portanto, o fenômeno que Rosnay (2003, p. 207) irá designar “emergência de pessoas”. Para destacar o impacto desse fenômeno para o campo político, o autor traz em seu texto a seguinte citação que, segundo ele, foi proferida por um dirigente político de estatura internacional

[...] até o presente, lidávamos com dois tipos de poder cidadão: o dos eleitores e o dos manifestantes. Estávamos acostumados com esse universo. Precisávamos adular os eleitores e temer os manifestantes. Aos primeiros, o voto na urna; aos outros a rua e a televisão. Para administrar aqueles, promessas eleitorais e ações espetaculares “midiáticas”; para controlar os últimos, a rigidez ou os agentes do CRS. Hoje, com a explosão das redes interativas multimidiáticas, como a Internet, aparece uma nova classe de cidadãos; numerosas pessoas, de diversos horizontes, que desejam exprimir-se, ainda não sabemos gerir esta nova situação. (Rosnay, 2003, p. 207).

Essa “nova espécie de cidadão” se refere ao fato de que o sujeito utilizador dessas novas linguagens passa para outra categoria de leitura e interpretação do político, conseqüentemente, para outra posição discursiva no cenário do discurso político.

Para pensar o sujeito do discurso político-eletrônico é preciso dissociá-lo dos modos de produção do discurso político-midiático, tal como descrevemos anteriormente. Esses discursos se cruzam na rede de sentidos políticos da Internet,

mas não são os mesmos. Trata-se, aqui, de pensar o movimento que nos leva do sujeito eleitor o sujeito e-leitor, ou seja, do sujeito cidadão-votante, ao sujeito cidadão, navegador, participativo, midiático, capitalista. Ou ainda, pensar o que esses sujeitos políticos, ao entrarem na ordem do discurso eletrônico alteram a estrutura discursiva do campo político. Mudam as formas de escritura, de leitura, de vivência e, conseqüentemente, mudam seus enunciados.

Esse espaço, destinado aos mais variados tipos e estilos discursivos, apresenta uma regularidade quanto ao discurso político. Nele o sujeito pode enunciar de diferentes “lugares” ou *sites* que desejar, o que o livra da necessidade de ocupar um lugar legitimado, identificável, no campo do discurso político ou midiático (pelo menos como ocorre nos moldes tradicionais); pode misturar, de acordo com seu domínio informático, várias linguagens (verbais, sonoras e visuais), criando imagens para este ou aquele político, reconfigurando-as, fazendo-as significar a partir da ordem do discurso eletrônico; e, principalmente, interpretando de um modo particular os acontecimentos políticos: reformulando, reorganizando, reinterpretando os acontecimentos políticos do campo da política e do campo midiático.

Entendemos, enfim, que esse sujeito, que chamaremos em nossas análises de e-leitor, constrói seu discurso a partir de dois funcionamentos diferentes, mas inseparáveis. Primeiramente, é possível dizer que o e-leitor é o sujeito que enuncia a partir de um tempo-espaço fragmentado, com enunciados dispersos e sem pontos centrais de verificação, do lugar do anonimato, a partir de uma repetição e circulação infinita, produzindo assim o efeito de que é um enunciador coletivo, por estar localizado no “todos” e inserido nesse espaço de coletividade. Em segundo lugar, é possível afirmar que o sujeito e-leitor é um enunciador individual cujo discurso se produz sob o imaginário técnico-libertário de que na Internet todo sujeito é único, livre, participativo, midiático, apolítico etc.

O e-leitor é utilizado neste trabalho para designar esse sujeito que é individual, porque é o sujeito tecnológico, o “navegador” (como muitos teóricos da Web chamam), mas também é um sujeito político e coletivo, que atua no campo social da Internet produzindo enunciados cujos efeitos de sentidos afetam diretamente o campo político.

Entendemos, assim, que a produção de enunciados políticos em torno de RR pode ser considerada um acontecimento discursivo, na medida em que estabelece

uma ruptura com as formações discursivas política e midiática tradicionais, que nos indica uma nova formação discursiva: a formação discursiva dos e-leitores, segundo os dois funcionamentos acima explicitados. Essa ruptura, no entanto, não é vista isoladamente, mas na relação que o e-leitor estabelece com o discurso político-midiático tradicional. Embora cientes de que ainda precisamos avançar na descrição desse sujeito, o que percebemos é que esse “e-leitor”, de forma contraditória, embora enuncie, como vimos, a partir de um tempo-espço fragmentado, com enunciados dispersos e sem pontos centrais de verificação, confundindo-se com um enunciador coletivo, no nível intradiscursivo seus enunciados aparecem como individuais.

Nesse sentido a relação entre o discurso público e o privado, entre o discurso político e o midiático, entre o discurso dos eleitos e dos eleitores se complexifica na rede, indicando retomadas e deslocamentos desestruturando e reestruturando os sentidos dos enunciados políticos.

Como estabelece Pêcheux (2006, p. 56) o discurso não é “como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe”, mas por sua própria existência ele permite sua “desestruturação-reestruturação” nas redes de trajetos.

Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida [...]. (PÊCHEUX, 2006, p. 56)

Entendemos, assim, que em relação constante e permanente com os enunciados políticos e os enunciados midiáticos os enunciados político-eletrônicos circulam produzindo deslocamentos, produzindo sentidos onde o discurso político-midiático falha ou deixa de fazer sentido.

Este, possível, novo sujeito seria então um sujeito político-cidadão finalmente livre? Um sujeito da “interatividade” libertadora da rede que, agora, sabe/pode falar sobre todas as coisas? Pensamos que não, já que é possível identificarmos, pela análise da circulação de seus enunciados políticos, através das redes de memória, das filiações que os sujeitos estabelecem a determinados sentidos e não outros, que

os sentidos produzidos no arquivo virtual se estabelecem segundo diferentes posições político-ideológicas, nos mostrando que

As “coisas a saber” [...] não são jamais visíveis em desvio, como transcendentais históricos ou epistemes no sentido de Foucault, mas sempre tomadas em redes de memória dando lugar a filiações identificadoras e não a aprendizagens por interação: a transferência não é uma “interação”, e as filiações históricas nas quais se inscrevem os indivíduos não são máquinas de aprender” (PÉCHEUX, 2006, p. 54).

### 3.3 O BOATO, A PARÓDIA, E A DESQUALIFICAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO: ALGUMAS REGULARIDADES DO DISCURSO POLÍTICO-ELETRÔNICO

Como vimos anteriormente, as condições de produção do discurso eletrônico estão fortemente marcadas pelo imaginário técnico-libertário que acompanha o processo histórico da Internet, permitindo que esta seja entendida como um espaço de livre utilização, aberto a todo tipo de discurso, sem controle, etc.

Mas, se o discurso político-eletrônico funciona sob o efeito de que os enunciados políticos da rede são coletivos, ou seja, representam um discurso homogêneo, dos usuários comuns, das falas não legitimadas, dando lugar ao político, paradoxalmente, esses enunciados aparecem ou dispersos ou fechados em espaços específicos, em comunidades. E, na maioria das vezes, mostram uma resistência à prática discursiva política e, outras vezes, uma resistência à prática discursiva da própria mídia.

Há nesse ambiente a coexistência de *sites* que, de um lado, são institucionais e seguem o modelo e o padrão dos veículos midiáticos, e de outro lado, que seguem o funcionamento das redes sociais, segundo os moldes atuais da Internet.

Como vimos, as redes sociais são a característica mais inovadora e que melhor funcionam na Internet. Desse modo, o fato de os discursos políticos e midiáticos tradicionais serem ou inexistentes, ou silenciados, ou apagados, ou criticados pelo sujeito e-leitor que atua nas redes sociais torna-se significativo para nossa pesquisa e os objetivos a que nos propomos. Mas, então, quais as regularidades do discurso político-eletrônico nas chamadas redes sociais?

Não ignorarmos que os sujeitos da política se fazem presentes na rede, através de *sites* pessoais ou institucionais. Muitos já construíram seu sítio (no melhor modelo de transparência pública da atualidade), outros também concedem entrevistas para blogs, jornais on-line, e, alguns até já criaram seus “perfis virtuais” em *sites* como o *Orkut*, ou já “abriram um canal” no *YouTube*.

No entanto, além de ser uma prática utilizada por uma meia dúzia de políticos de todo o país, aparecem geralmente durante períodos eleitorais e são criados por assessores políticos. Trata-se, nesse ponto, de usar uma tecnologia nova, sob uma modalidade antiga, afinal, os sujeitos da política e da mídia precisam preservar “o seu discurso”, mas a título de “divulgação”, “informação” e não como forma de se relacionar efetivamente com os sujeitos da rede. Muitos *sites* de partidos, por exemplo, parecem ser uma “versão eletrônica” de uma apresentação formal do partido, ou seja, não passam de um *print* de um panfleto, de uma cartilha, de diretrizes, de programas de governo, propostas, etc. Funcionam, portanto, de maneira parafrástica ao discurso político-midiático tradicional.

Esses *sites*, apesar de não serem o objeto específico de nossa análise, nos interessam na medida em que nos permitem perceber que o discurso político tradicional só irá aparecer (ou só possa aparecer) sob esse modo de funcionamento. Mesmo em redes sociais o discurso político tradicional só aparece segundo uma estrutura institucional ou midiática (no sentido tradicional). Vemos que esse discurso tem pouca visibilidade para o sujeito e-leitor. Ele é, geralmente, ignorado ou parodiado, pelos sujeitos inseridos na ordem do discurso político-eletrônico.<sup>33</sup> Em outras palavras, os sujeitos que atuam nas redes sociais, que fazem circular o maior número de discursividades da rede, ou silenciam ou ignoram o discurso político tradicional fazendo parecer que ele é, nesse espaço, “indizível”. O que se sobressai, o que emerge no interior dessas redes, em torno de temas ou questões do campo político são enunciados como os que seguem

---

<sup>33</sup> Vide os vídeos políticos de Horários Eleitorais, com números insignificantes de exibições. Os perfis de políticos no *Orkut*, com pouquíssimos “amigos” seguidores e as comunidades de políticos com participações inexpressivas. Observamos, no entanto, que não estamos considerando nessa análise a atuação dos políticos no processo eleitoral de 2008, em que têm se destacado alguns candidatos como Barack Obama (candidato a presidente dos EUA) e o candidato Fernando Gabeira (candidato a prefeito do Rio de Janeiro), cujo desempenhos só poderá ser avaliado em pesquisas futuras e após os resultados eleitorais.



Recortes extraídos do Orkut<sup>34</sup>.

Verificando, ainda, os enunciados acima, podemos vislumbrar três modos típicos dos enunciados políticos que se constroem nas redes sociais. Ora eles se pretendem apolíticos: **“eu odeio horário político”**, ora eles são irônicos ou humorísticos: “não tem talento? Vire político”, ora são agressivos ou ofensivos: **“quero que político se foda!”**. Em todos os três enunciados o sujeito e-leitor produz sentidos que o distanciam da prática discursiva da política tradicional. O apagamento/silenciamento de enunciados políticos tradicionais, portanto, indicam o que “pode deve ser dito” no espaço dessa “coletividade”, retomando o terceiro enunciado que parece “traduzir” o “espírito” de muitos enunciados que aí circulam **“Povo brasileiro, vamos juntos nessa comunidade falar mal desses porras que roubam nosso dinheiro”**.

Como nos indicou Pêcheux, os processos de enunciação

[...] consistem em uma série de determinações sucessivas através das quais o enunciado se constitui pouco a pouco e tem por característica colocar “o dito” e conseqüentemente rejeitar o “não-dito”. Essa concepção discursiva da enunciação consiste, pois, em “estabelecer fronteiras entre o que é selecionado e precisado pouco a pouco (constituindo o “universo” do discurso) e o que dele é rejeitado (Pêcheux & Fuchs, 1975, p. 20)

Vemos que no discurso político-eletrônico há muitas formas de ruptura com relação ao discurso político tradicional, mas entendemos que a forma predominante

<sup>34</sup> Disponível em: [HTTP://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch.aspx?origin=is&q=pol%C3%ADtico](http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch.aspx?origin=is&q=pol%C3%ADtico). Acesso em: 17/10/2008.

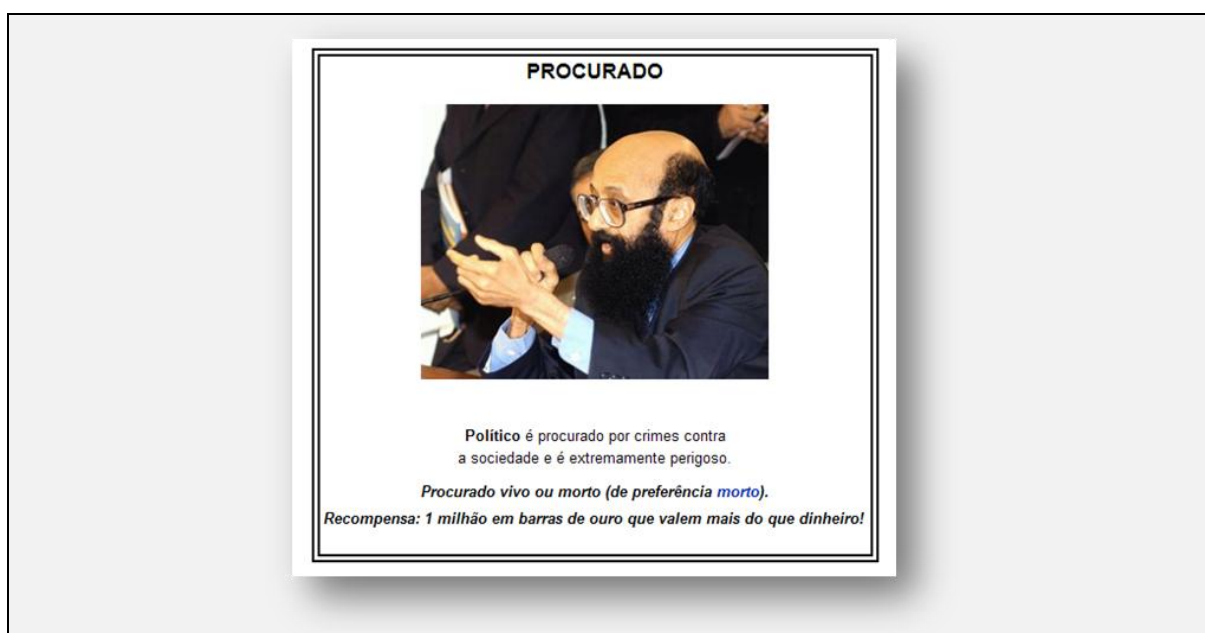


é a de paródia ou da desqualificação do político, observadas nas inúmeras construções que os sujeitos produzem para o campo político.

A paródia no ambiente eletrônico confere aos discursos uma capacidade muito maior de circulação. Sabe-se que na Internet os temas e enunciados que mais circulam são aqueles que carregam um traço humorístico ou pessoal.

Entendemos por paródia neste trabalho o seu funcionamento contra-ideológico, ou seja, a característica que a paródia retém em se opor ao eixo parafrástico do discurso, situando-se no diferente, instaurando uma visão inovadora ou um “novo paradigma”, escapando ao “jogo de espelhos denunciando o próprio jogo e colocando as coisas fora de seu lugar `certo`” (SANT’ANNA, 2002, p. 15).

Esse funcionamento discursivo pode ser observado em enunciados como o que segue, que retoma um anúncio típico do discurso policial para, através da recuperação da memória discursiva de que “político é bandido”, produzir o riso e desqualificar os sujeitos da política.



Recorte extraído da Desciclopédia<sup>35</sup>.

No caso do campo político, essa capacidade de transformar um tema político em um enunciado de forte circulação, logo, de deslocamento de sentidos, recai sobre a paródia realizada a partir de enunciados políticos ou da imagem de políticos conhecidos e, ainda, sobre a própria forma do discurso político-midiático, constantemente parodiado.

<sup>35</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Pol%C3%ADtico>. Acesso em: 18/09/2008.

Outra característica da rede que podemos observar é o seu caráter “viral”, que geralmente recaí sobre os discursos humorísticos ou “inovadores”. Em meio a tanta “informação”, para circular um discurso tem que se “mostrar” como diferente, ainda que na maioria das vezes ele seja sempre igual.

Segundo alguns pesquisadores<sup>36</sup> das redes sociais o caráter conhecido como “viral” da Internet pode ser relacionado ao conceito de *memes*, cunhado por Richard Dawkis, em 1967, a partir de abordagem darwinista, e está relacionado ao conceito o caráter chamado de “viral”, ou seja, um *meme* seria o gene da cultura que se perpetua através de seus replicadores (RECUERO, 2008). Resumidamente poderíamos dizer que os *memes*, na linguagem corrente da Internet, são considerados os “conteúdos” e temas que, por algum motivo e segundo determinadas condições, se viralizam atingindo rapidamente determinados sujeitos (os replicadores) que, por sua vez, repetem esse conteúdo, na maioria das vezes sem qualquer alteração, copiando e colando, em um processo de citação infinita.

No campo dos enunciados políticos, notamos que os temas que mais possuem essa capacidade de “viralizar”, atingindo uma quantidade maior de pessoas são os temas cômicos, agressivos ou ofensivos aos sujeitos da área política e aos seus discursos.

Esse caráter viral dos enunciados, que parodiam o discurso político, nos leva a entender que, pensando discursivamente, a circulação ofertada pelos *links*, ao menos para o campo político, estabelece uma relação com o boato. É nesse contexto que vemos emergir no espaço virtual “um espaço característico do boato como um fato da vida social pública, como um traço do funcionamento coletivo da palavra” (ORLANDI, 2005a). O espaço eletrônico, enquanto espaço do boato permite o surgimento de inúmeras vozes que ao passarem de “clique” em “clique” se expandem em várias direções. Não consideramos, portanto, apenas seu caráter interativo de simples cópias e citações infinitas, já que o discurso político só é repetido, retomado, após sofrer uma alteração, seja pela paródia, pela desqualificação, ou por sua midiatização.

Vemos, ainda, sua característica de boato pelo caráter de anonimato desses discursos circulantes. De acordo com Orlandi (2005a), o boato apresenta também uma forma de silêncio que lhe é característica, a do autor, que permanece no

---

<sup>36</sup> AMARAL, A. (2009); RECUERO, Raquel (2008).

anonimato. Assim, ao parodiar ou produzir enunciados políticos ofensivos a determinado político, o sujeito e-leitor produz uma versão “não nomeada”, “não verificável” que faz parte do caráter do boato e de seu funcionamento como comentário. Para a autora “não há um responsável do dizer, mas uma figura fantasmática que toma o lugar de sua responsabilidade”. Na esteira do que diz a autora, entendemos que o sujeito e-leitor busca atuar, assim, no limiar entre aquilo que é dito no discurso político e no discurso midiático e aquilo que não é dito, buscando “escapar” das informações generalizadas, e encontrando nesse ambiente a possibilidade de se incluir, contribuindo para as versões com seus gestos de interpretação. (ORLANDI, 2005a, p. 134).

Essas relações, retomadas, mostram-se em nossas análises sempre em um direcionamento dos sentidos para uma desqualificação do discurso político. Para desqualificar os sujeitos acabam retomando as questões políticas. Assim, “quanto mais fortemente é rejeitado do discurso o indizível mais ele reflui nas dobras da construção discursiva da indeterminação” (Indursky, 1997). Quanto mais os sujeitos buscam não debater sobre o político, quanto mais eles “deixam de o dizer” mais o político retorna em suas enunciações, sendo isso o que nos incentiva a compreender o que há aí de novo e de singular. Buscaremos analisar essas regularidades no capítulo que segue. Mais um mergulho.

## 4 - IV NAU: ANÁLISE DA CIRCULAÇÃO DOS ENUNCIADOS POLÍTICOS NA INTERNET

*“É bonito se ver, na beira da praia,  
a gandaia, das ondas que o barco balança.  
Batendo na areia, molhando os cocares,  
dos coqueiros, como guerreiros na dança.  
Ó! Quem não viu, vá ver, a onda do mar crescer.”  
(A Gandaia das ondas – Lenine)*

### 4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS DAS ANÁLISES

A partir do levantamento teórico abordado nos capítulos anteriores visamos neste quarto e último capítulo, analisar alguns recortes do arquivo que construímos em torno do político RR, durante os anos de 2007 e 2008.

Considerando o objetivo geral que norteia este trabalho buscamos através das análises que seguem compreender se os modos de produção discursiva dos enunciados analisados apontam para uma reconfiguração dos discursos políticos na atualidade. Por discurso político entendemos não apenas o discurso dos sujeitos da política (os eleitos e demais representantes da cena política), mas também sua configuração midiática atual e a entrada de uma nova materialidade discursiva para o político: a Internet.

O ponto de partida para as análises será o modo como o episódio político em que RR coloca sementes de mamona na boca se transformou em um acontecimento político-midiático e, posteriormente, como este acontecimento se transforma em um *acontecimento discursivo* ao circular por diferentes *sites* da Internet.

Por acontecimento político-midiático entendemos o modo como o episódio político foi discursivizado na Internet, recortando-o de forma espetacular. A construção discursiva midiática em torno de episódios políticos é, assim, constitutiva do modo como, na atualidade, os sujeitos constroem sentidos para o político, uma vez que o acesso aos episódios políticos se dão prioritariamente pela mídia.

Ao entrar para o ambiente eletrônico esse acontecimento político-midiático passará, em nosso entendimento, a ganhar novas significações, fazendo emergir um conjunto de outros enunciados em torno desse acontecimento e, ainda, em torno de outros temas a ele relacionados. Entendemos, assim, que o conjunto de enunciados políticos produzidos sobre esse acontecimento e sua relação com outros enunciados

políticos que circulam na rede pode ser considerado um *acontecimento discursivo*, uma vez que a emergência do espaço virtual permite a construção de um arquivo discursivo e eletrônico, através do qual os enunciados políticos são repetidos, reunidos, reorganizados e ressignificados, apontando para o fato de que os enunciados são constituídos ao mesmo tempo por sua singularidade e sua repetição; por sua transparência e sua opacidade, possuindo estreita relação com o conjunto de outros enunciados que estão em contínua inter-relação (POSSENTI, 2006, p. 93), inaugurando um novo modo de constituição dos sujeitos e dos sentidos políticos na Internet.

Assim, os enunciados políticos analisados nesse capítulo se referem, de um lado, aos enunciados políticos que foram mais repetidos, retomados, e, de outro lado, aos seus desdobramentos, deslocamentos e mutações.

O caminho que fazemos aqui, iniciando pelo episódio político-midiático do encontro entre RR e Lula, até chegarmos aos demais, foi construído e organizado em função de nossos objetivos, mas também pelo fato de que os enunciados selecionados foram os que mais circulam e se entrecruzaram, indo de um *site* a outro, de um *link* a outro, recuperando, reforçando e deslocando sentidos.

Visamos mostrar com esse percurso alguns caminhos possíveis para a construção de sentidos, descrevendo as ligações hipertextuais e interdiscursivas realizadas através dos *links*, bem como os movimentos de filiação dos sujeitos e leitores a diferentes formações discursivas e posicionamentos político-ideológicos.

Damos, portanto, “curso a navegação em meio às intempéries e às calmarias” em que nos movemos no ambiente da Internet, “com seus acúmulos de informações e perdas de conexões<sup>37</sup>”.

## 4.2 DISCURSO POLÍTICO-MIDIÁTICO: A LÓGICA DO ESPETÁCULO

No dia 03 de Fevereiro de 2006 o Jornal Nacional e o Jornal da Globo divulgaram em seus noticiários, apresentados por Fátima Bernardes (FB) e Cristiane Pellajo (CP), reportagens sobre um encontro entre RR, governador do Estado do Paraná, e o presidente Luis Inácio Lula da Silva.

---

<sup>37</sup> SANTOS. A.L. O Saber Cibernético. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/nupill/hiper/saber.html>. Acesso em: 21 Dez 2007.

O vídeo da Rede Globo, que trazia as cenas desse encontro foi editado e legendado, para que fosse possível compreender melhor o diálogo entre o governador e o presidente. No vídeo o presidente mostra um vidro com sementes de mamona ao governador e RR coloca as sementes na boca. Exibido nos telejornais, como segue

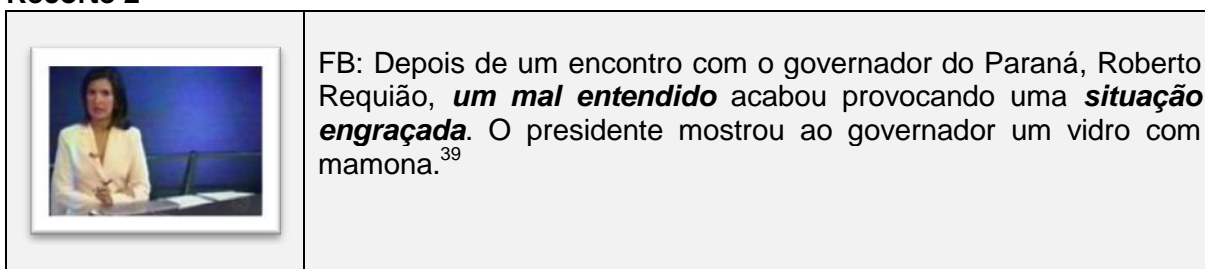
### Recorte 1



Imagens extraídas do YouTube<sup>38</sup>.

Este vídeo será exibido no Jornal Nacional e anunciado pela jornalista Fátima Bernardes (FB) como segue

### Recorte 2





(referência idem ao recorte 1)

<sup>38</sup> Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=uR1i-w9QUEA>

<sup>39</sup> O grifo é nosso.

No mesmo dia, o episódio é reapresentado pelo Jornal da Globo. Nesse jornal a reportagem é apresentada por Cristiane Pellajo (CP) e as imagens são relatadas por um segundo locutor em *off* (L).

### Recorte 3

	<p><b>CP:</b> E num dia em que se falou muito de combustíveis alternativos o governador Roberto Requião mostrou que <b>não é exatamente especialista</b> no assunto.</p>
	<p><b>L:</b> Ao governador do Paraná, Roberto Requião, Lula apresentou a semente de mamona, um dos vegetais de onde se extrai o biodiesel, mas Requião <b>aparentemente não sabia</b> que as mamonas não são comestíveis.</p>

(referência idem ao recorte 1)

Considerando os recortes acima, é possível dizer que os enunciados apresentados produziram efeitos de sentidos diferenciados. No primeiro recorte o enunciado de FB produz sentidos de comicidade para o episódio, referindo-se ao ocorrido como uma *situação engraçada*. Já o enunciado de CP irá operar com um enquadramento noticioso diferenciado, deslocando os sentidos do ponto de vista da comicidade para o ponto de vista da competência/não-competência de RR, ao enunciar que RR *não é exatamente especialista no assunto*. No enunciado de L, do qual temos apenas o áudio, os sentidos de incompetência serão reforçados. O uso dos modalizadores, *aparentemente* e *exatamente*, ao mesmo tempo em que produzem um efeito de neutralidade e objetividade, conferem também um sentido de que RR, se não é um especialista no assunto, ao menos deveria saber que as mamonas não são comestíveis.

Os enunciados acima descritos apontam para alguns aspectos da prática discursiva político-midiática: 1) está totalmente apagado ou silenciado o “real” motivo do encontro político entre Lula e RR, ou seja, não encontramos em nenhum dos recortes acima a referência ao fato de que o encontro se deu por iniciativa de RR, que solicitou uma audiência com o presidente para, entre outras coisas, tratar do impasse entre os bancos Itaú e Banestado que, na época, disputavam um resgate

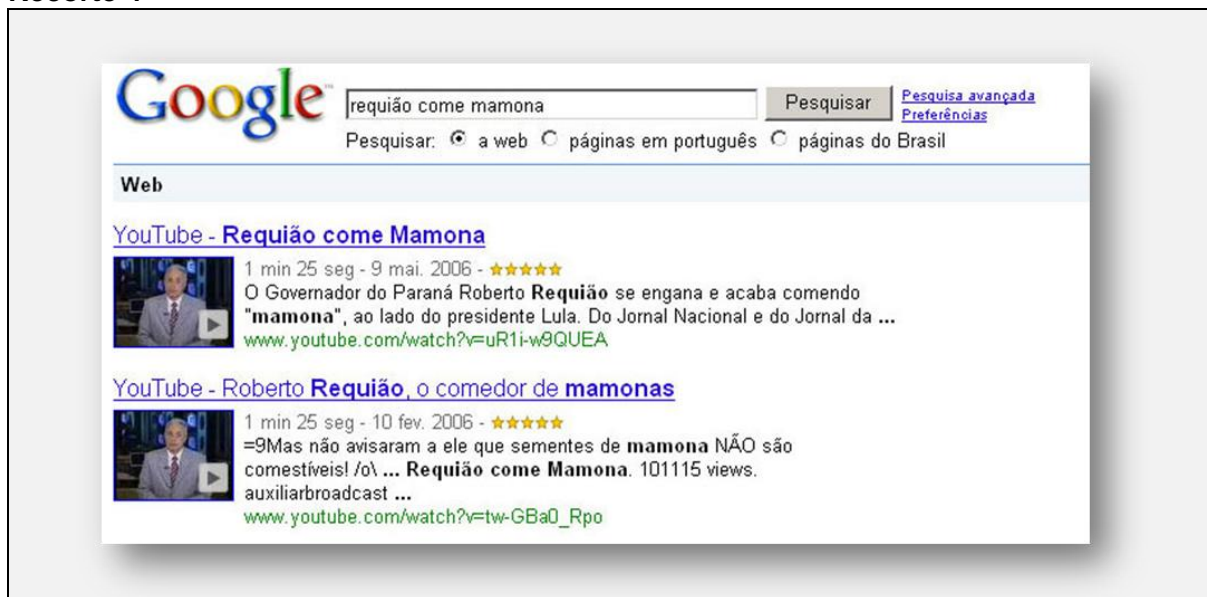
de títulos podres comprados pelo extinto Banestado<sup>40</sup>; 2) o silenciamento dos motivos políticos do encontro pela televisão acabou, conseqüentemente, priorizando o aspecto “espetacular” do acontecimento, ou, a “espetacularidade” do próprio episódio acabou “apagando” os sentidos verdadeiramente políticos desse encontro.

A “espetacularização midiática” em torno do episódio político irá afetar, por sua vez, o modo de discursivização desse episódio na Internet, uma vez que foram constantemente retomados em diferentes *sites* da rede. Vejamos como as reportagens, e o episódio político, foram retomados e ressignificados na Internet, indicando possíveis deslocamentos de sentido e/ou mutações para o discurso político.

#### 4.3 PRIMEIRAS LIGAÇÕES: DOS TELEJORNAIS PARA O YOUTUBE

Em uma única busca no Google pelo enunciado “*Requião come mamona*”, obtivemos a seguinte página de resultados

##### Recorte 4



Recorte extraído do Google<sup>41</sup>.

<sup>40</sup> Tivemos conhecimento do motivo do encontro a partir de buscas realizadas na internet em períodos anteriores ao acontecimento. As informações aqui relatadas são retiradas do site Curitiba Center (anexo 1). Isto nos leva a compreender que as perguntas que o pesquisador realiza podem indicar novos/outros caminhos no interior do arquivo e, conseqüentemente, outros sentidos passam a se produzir.

<sup>41</sup> Disponível em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=requi%C3%A3o+come+mamona&meta=>. Acesso em: 15 de julho de 2008.



Considerando que os dez primeiros resultados da busca são os mais visualizados, e, ainda, a referência explícita às reportagens televisivas tanto pela imagem, quanto pelo resumo *Do Jornal da Globo e do Jornal Nacional*, seguimos esses dois *links* iniciais que nos remetem para o *site* do *YouTube*.

No *YouTube*, visualizamos inicialmente o vídeo indicado pelo *Google*, postado em 9 de maio de 2006. Após a visualização desse vídeo, realizamos uma busca interna no *site* e encontramos, em 15 de Julho de 2008, três diferentes publicações referentes a esse episódio.

Para publicar um vídeo no *YouTube* é preciso primeiro realizar um cadastro, informando seus dados de navegação (pessoais ou fictícios). Após o cadastro deve-se atribuir ao vídeo que será publicado, obrigatoriamente, um um título, um comentário (ou descrição) e, ainda, uma categoria. A partir da escolha da categoria e das palavras-chave, escolhidas pelo autor da postagem do vídeo, o sistema do *site* irá relacioná-lo a outros vídeos semelhantes que serão relacionados ao vídeo publicado, sob o nome “vídeos relacionados”. Vejamos como os vídeos encontrados sob nosso objeto operam com esses dados

## Recorte 5

### Vídeo 1 - Roberto Requião, o comedor de mamonas



Recorte extraído do *YouTube*<sup>42</sup>

<sup>42</sup> Disponível em: [http://br.youtube.com/results?search\\_query=requião+come+mamona&search\\_type=&aq=f](http://br.youtube.com/results?search_query=requião+come+mamona&search_type=&aq=f). Acesso em: 15 Jul 2008.

## Recorte 6

### Vídeo 2 – Requião come Mamona



Recorte extraído do YouTube<sup>43</sup>.

## Recorte 7

### Vídeo 3 - Requião come Mamona



Recorte extraído do YouTube<sup>44</sup>.

O espaço no qual os vídeos são publicados possuem a mesma organização estrutural, apresentando: autor, data, descrição, categoria, título e número de exibições.<sup>45</sup> A análise desses recortes mostra que eles se referem especificamente às reportagens televisivas. Desse modo, percebe-se que o que é discursivizado no YouTube não é o episódio político, menos ainda as razões políticas do encontro,

<sup>43</sup> Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=uR1i-w9QUEA>. Acesso em: 15 Jul de 2008.

<sup>44</sup> Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=sktHe7fVoXw>. Acesso em: 15 de Jul de 2008.

<sup>45</sup> Na realidade esse espaço oferece inúmeras outras informações como quantidade de comentários, número de estrelas que o vídeo ganhou, quantas vezes foi adicionado como favorito. O recorte que fizemos acima serve apenas para demonstrar uma parte deste funcionamento em função de nosso objetivo principal.

mas sim o fato de que RR apareceu, em rede nacional, colocando sementes de mamona na boca. Esses vídeos são, portanto, comentários do acontecimento político-midiático e não do episódio político, propriamente dito.

Os três vídeos são idênticos e reúnem as duas reportagens televisivas já apresentadas. No entanto, foram publicados por sujeitos diferentes, em datas diferenciadas. Considerando as datas de publicação, entendemos que o vídeo do primeiro recorte foi a primeira publicação referente ao acontecimento político-midiático publicado no *YouTube*<sup>46</sup>.

Os três recortes não acrescentam nenhum dado novo sobre o episódio político especificamente, apenas exibem as duas reportagens televisivas em um mesmo vídeo. Os enunciados presentes nas descrições dos recortes seis e sete são idênticos<sup>47</sup>, sendo que a descrição do recorte sete é uma cópia<sup>48</sup> da descrição do recorte seis. Altera-se, nesse caso, somente a categoria em que as publicações foram inseridas, sendo que o vídeo, o título e a descrição são iguais.

Observa-se, assim, que uma das singularidades desse *site* é a multiplicidade de sujeitos. Diferentes sujeitos podem produzir enunciados semelhantes ou idênticos, como se pode observar nos recortes seis e sete, em que temos diferentes sujeitos, em períodos diferentes produzindo o mesmo enunciado.

A possibilidade infinita de repetição dos enunciados, através da cópia, acarreta conseqüências relevantes para o discurso político de um modo geral, uma vez que a leitura desse enunciado no ano de 2006 não significa da mesma maneira quando lido em 2008, devido aos períodos eleitorais envolvidos. Nesse caso, o sujeito copia para reatualizar o episódio, já que vídeos antigos não aparecem nas primeiras páginas ou ficam esquecidos no interior do arquivo.

Esse aspecto é relevante porque nos permite pensar a relação entre o campo político e o virtual. Em 2006, RR disputava as eleições para governador do Estado do Paraná, seu nome, imagem, perfil, tendiam a aparecer com maior freqüência na

---

<sup>46</sup> Considerando a velocidade com que os vídeos são postados e retirados, nada garante que outros vídeos semelhantes não tenham existido antes, nem tenham surgido depois.

<sup>48</sup> A cópia nesse ambiente virtual ganha, aparentemente, um estatuto específico. Serviria tanto para indicar uma filiação do sujeito com esse discurso, quanto para reproduzir e reforçar determinados sentidos tornando-os mais “evidentes” que outros, uma vez que (como se vê pela força imposta a esse discurso pelo número de exibições), quanto mais um determinado discurso circula na rede, mais ele ganha efeitos de verdade e legitimidade.

mídia e na sociedade. Em 2008, ocorreram as eleições municipais para prefeito e vereadores, alguns candidatos do Estado contavam com o apoio e a visibilidade política de RR. Recuperar este acontecimento político-midiático no interior do arquivo do *YouTube* e reatualizá-lo, trazendo-o novamente para a pauta das discussões é muito significativo politicamente. Esse tipo de retomada é muito difícil de ser realizado pela mídia televisiva, por exemplo, a menos que esta se proponha a fazer um “retrospecto” histórico, mas é um recurso muito delicado em períodos eleitorais. Assim, acontecimentos antigos e atuais são reagrupados em torno do nome de RR, apagando-se os aspectos temporais para os enunciados políticos.

Outra singularidade desse *site* é a organização dos vídeos por categorias. Ao serem categorizadas publicações ganham sentidos determinados. Assim, no recorte cinco, pela categoria indicativa do filme como *humor*, enfatiza-se seu caráter cômico. No recorte seis, o vídeo é relacionado à categoria *pessoas e blogs*, o que remete o episódio diretamente à figura de RR; No recorte sete, a categoria de *animal* confere um sentido ofensivo, ridicularizando e desqualificando a imagem de RR.

Outra especificidade desse sistema é a ênfase no número de exibições das postagens. Nesse *site* os vídeos mais exibidos (vistos) aparecem sempre em primeiro lugar nas buscas internas. O número de exibições de uma postagem nos mostra, por sua vez, a visibilidade/invisibilidade dos sujeitos e dos discursos produzidos no espaço eletrônico do *YouTube*.

Nesse ambiente os discursos têm ou não têm valor, têm ou não têm legitimidade, de acordo com a quantidade de vezes que foram vistos e comentados. O que significa dizer que os efeitos de sentidos produzidos pelo vídeo do recorte seis, com 105.055 exibições, por exemplo, ecoaram de forma muito mais forte, já que tiveram maior visibilidade, “pegaram” mais que os enunciados produzidos pelos outros vídeos, como o do recorte sete, por exemplo, cujo número de exibições foi de apenas 543.

É possível dizer, portanto, que a retomada do acontecimento político-midiático na Internet reforça os sentidos produzidos pela mídia televisiva, indicando que os enunciados político-eletrônicos sobre este episódio já sofreram uma primeira interpretação.

Orlandi (2005a), a partir da noção de rede de filiação histórica abordada por Pêcheux (2006, p. 54), afirma que a “rede de sentidos, quando se trata da Têve (sic), é uma rede horizontal e não vertical” (ORLANDI, 2005a, p. 181).

Considerando essa colocação, podemos dizer, também, que o ambiente virtual, por comportar o modelo midiático televisivo, permite, em alguns casos, a produção da “variedade e não da mudança”, sendo difícil identificarmos nos enunciados já analisados o trabalho de uma memória discursiva, o que temos é apenas a repetição que “produz uma memória achatada, horizontal. [...] um fato é interpretado por outro já disponível na rede”. (ORLANDI, 2005a, p. 182).

Temos aqui sentidos que se dão em uma rede horizontal com relação aos enunciados televisivos, produzidos em uma rede parafrástica que poderia ser representada como segue



As publicações analisadas se dão, assim, segundo um processo que Orlandi (2003a, p. 37) denomina de produtividade, reiteração de processos já cristalizados que, regida pelo processo parafrástico, “mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade do mesmo”.

Por outro lado, embora possamos dizer que os sentidos produzidos na mídia televisiva são constantemente retomados no ambiente eletrônico, isso não significa que essa recuperação se dá sempre em uma “rede horizontal”.

Diferentemente do espaço televisivo, no *YouTube* os enunciados não têm compromisso com a objetividade e a neutralidade, muito menos se pretendem imparciais, eles estão regidos por outro tipo de funcionamento. Nesse espaço temos a recuperação parafrástica, como destacamos acima, mas temos também outras formas de retomada, indicando que “todo funcionamento da linguagem assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos”. (ORLANDI, 2003a, p. 36). Vejamos no quarto vídeo como os sentidos se ligam a outras memórias

## Recorte 8

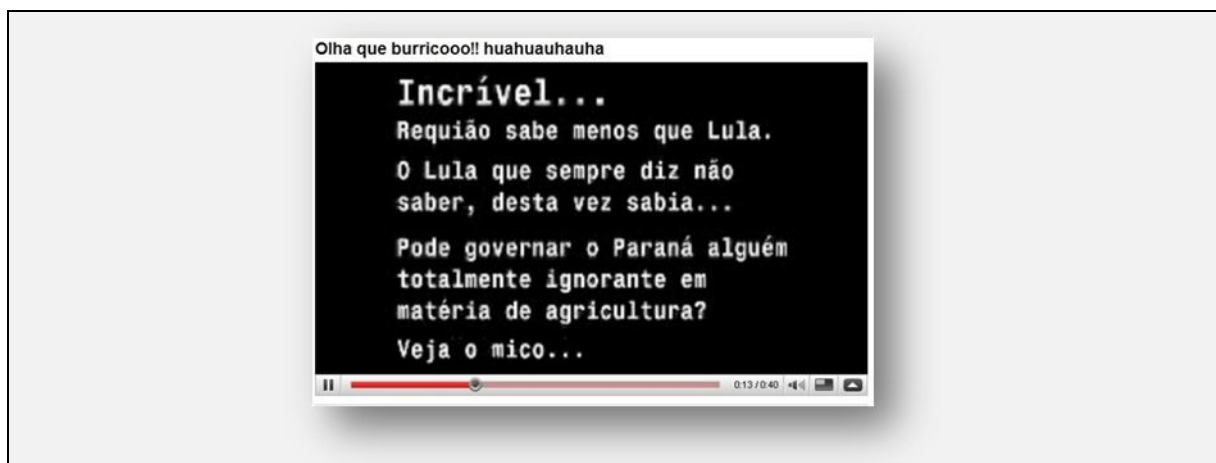
### Vídeo 4 – Olha que buricooo!! huahuahua



Recorte extraído Do YouTube<sup>49</sup>.

Diferentemente das publicações anteriores, essa quarta publicação, apesar de obedecer a mesma organização estrutural das três postagens anteriores, trata-se de outra edição das reportagens televisivas, retomando apenas a reportagem do Jornal Nacional. Como singularidade essa edição apresenta o seguinte quadro antes da exibição do episódio

## Recorte 9



Recorte extraído conteúdo interno do vídeo 4.

<sup>49</sup> Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=u996VvuW-zY>. Acesso em: 15 de Jul 2008.

Ao fazer funcionar uma memória que remete ao campo político, mais precisamente à figura do presidente Lula e seu envolvimento com o famoso caso do mensalão<sup>50</sup>, os enunciados do recorte acima produzem um deslizamento dos sentidos de *engraçado*, *não especialista*, *incompetente* para *ignorante*, *burro*, *troxa*<sup>51</sup>. Nesse caso, o “não saber” mobilizado no sentido de competência/incompetência na reportagem televisiva, ganha um acréscimo ao ser ligado ao “não saber” do caso do presidente Lula. Não se trata apenas de não “saber nada sobre agricultura”, mas de saber menos que alguém que “nada sabe”.

Essa recuperação discursiva, portanto, é própria do espaço eletrônico. Ela não poderia ser realizada nas construções discursivas dos telejornais, que embora possuam capacidade técnica para esse tipo de produção (unir os episódios, recuperar arquivos jornalísticos do mensalão, etc.), não podem produzir enunciações com sentidos “ofensivos” aos representantes políticos e precisam produzir um efeito de objetividade. No caso do vídeo ora analisado, é exatamente esse “efeito de objetividade” que é quebrado.

O quarto vídeo nos mostra, portanto, que os enunciados político-eletrônicos não se dão apenas como uma simples repetição, ou apenas como produtividade (como nos recortes analisados anteriormente: vídeo 1, 2 e 3). Nesse caso temos uma recuperação interdiscursiva que se estabelece na formulação, o sujeito abandona, assim, o lugar de mero receptor/expectador dos acontecimentos políticos, passando a contribuir com “suas versões” para os fatos.

O sujeito e-leitor desse enunciado coloca em jogo diferentes formações discursivas: a política, a midiática (ou a político-midiática) e a eletrônica. Ele assume uma posição-sujeito mais próxima dos sujeitos do discurso eletrônico, unificando linguagens (sonoras, visuais, verbais). Entra, portanto, em uma nova ordem discursiva e, através dela, produz sentidos que deslizam dos sentidos de *cômico*, *não especialista*, *incompetente*, produzidos pelo discurso político-midiático, para

---

<sup>50</sup> Suposto escândalo de corrupção envolvendo o PT, o presidente Lula e partidos da base aliada do governo. Segundo notícias e investigações da época deputados de base aliada estariam, supostamente, recebendo uma mensalidade, batizada posteriormente pela mídia de “mensalão”. Na ocasião o presidente se pronunciou publicamente, negando conhecer o esquema e mandando punir os envolvidos, caso ficasse provado tal envolvimento, inclusive amigos, membros de seu partido, ministros de seu governo. Devido a proximidade do presidente com alguns envolvidos, principalmente pelo envolvimento do ministro chefe da casa civil, José Dirceu (PT), tornaram-se recorrentes piadas e ironias cujos enunciados eram “o Lula não sabe”, “o Lula não sabia”, “o Lula não sabe de nada”, uma vez que desconhecia o que acontecia até mesmo à sua volta.

<sup>51</sup> Escrevemos *troxa* da forma como está no original. Cf. descrição no recorte 8 – Vídeo 4.

sentidos que irão designar RR como *ignorante*, *burro*, *trouxa*. Fala, portanto, a partir da interpelação de que é um sujeito livre de qualquer tipo de controle ou responsabilidade, podendo dizer aquilo que “ele pensa” de RR.

Dito do lugar do anonimato, livre de uma verificação, esse enunciado aponta para o funcionamento da Internet como lugar do boato, como vimos em Orlandi (2001). Entendemos, assim, que ao ser discursivizado na Internet o acontecimento político-midiático pode ser visto, comentado, recuperado, reformulado, indefinidamente, como vimos pelos vídeos acima, que retornam para a cena discursiva nos mais diferentes períodos.

No entanto, esse é apenas um modo de produção discursiva desse ambiente. É preciso considerar que nem todos os vídeos publicados sobre RR no *YouTube* são produto de uma reportagem televisiva, ou de um discurso político-midiático anterior. Esse vídeo reunirá no arquivo do *YouTube*, uma variedade de outros “vídeos relacionados”, muitos também referentes ao político RR. Assim, a circulação dos enunciados dos vídeos analisados, e dos vídeos a eles relacionados, significa conjuntamente nesse ambiente, o que nos faz entender que na materialidade virtual torna-se mais produtivo uma análise conjunta desses enunciados, que persiga a circulação discursiva, uma vez que esta é significativa para a construção dos sentidos.

Em nosso entendimento é preciso considerar que a existência de outros vídeos sobre RR no *YouTube*, muitos anteriores aos analisados até aqui, indicam que nesse ambiente já se produzia um determinado discurso em torno desse sujeito. Principalmente se considerarmos que a maioria desses vídeos ou são pejorativos à RR, ou são categorizados como cômicos, devido ao fato de que RR produz discursos bastante polêmicos, no âmbito político. Não podemos desconsiderar, ainda, a possibilidade de atribuir a vídeos anteriores sobre RR o sucesso do vídeo exibido nos telejornais. Em outras palavras, antes do episódio da mamona já circulavam outros vídeos, outras publicações e enunciados que designavam e descreviam RR como um sujeito político extravagante, que não tem “papas na língua”.

Um indicativo de que esse modo de designar RR já vinha sendo trabalhado no interior da Internet é a quantidade de “vídeos relacionados” encontrados no *YouTube*. Entre eles, temos vídeos referentes à RR, publicados pelos mais diferentes sujeitos e profissionais da política. Alguns deles, inclusive, são



republicações do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) ou de debates eleitorais, dos quais RR participou. Considerando que o conjunto desses vídeos é relevante para a produção de sentidos no ambiente virtual resolvemos analisar, ainda, o vídeo intitulado *O Rap do Requião*. Essa escolha recai sobre o fato desse vídeo ser uma compilação que reúne a maioria dos vídeos publicados pelos sujeitos e-leitores, em torno de RR<sup>52</sup>.

*O Rap do Requião* foi publicado em 03 de junho de 2007 e reúne, pelo menos, oito diferentes vídeos relacionados à RR.<sup>53</sup> O próprio título do vídeo já indica seu caráter de comicidade. As imagens e enunciados que compõem o vídeo foram capturadas de oito diferentes vídeos e embaralhadas sem uma ordem definida, de forma a produzir um efeito visual que simulasse RR executando movimentos típicos do *Rap* (ou *Funk*).

Dos oito vídeos agrupados em *O Rap do Requião*, foram retirados alguns enunciados que já repercutiram bastante em suas circulações pela Internet, ou pela televisão. A junção desses enunciados em uma única publicação produz um efeito de unidade cujos sentidos produzem uma desqualificação do discurso de RR. Enunciados produzidos no campo político aparecem aqui, totalmente descontextualizados, embaralhados em uma única produção discursiva. Não pertencem mais a acontecimentos históricos e temporais específicos. Nessa construção discursiva exclui-se qualquer traço de discurso político tradicional, ou, do discurso de RR. Produz-se assim um efeito de sentido de que RR é um político “grosso”, “mal educado”, uma vez que não se sabe mais em que circunstância tal discurso foi pronunciado.

Fragmentos de enunciados são reunidos para compor a “letra” musical, enquanto fragmentos imagéticos são reunidos para compor a “dança” do sujeito Requião. Enunciados produzidos em determinado lugar, aparecem junto às imagens produzidas em outro. Observemos como discursos e sentidos são reorganizados nessa construção.

---

<sup>52</sup> Devido aos nossos objetivos para este trabalho, não consideramos os enunciados dos vídeos políticos publicados por profissionais e/ou por veículos midiáticos, uma vez que não são representativos do discurso produzido pelos sujeitos e-leitores e utilizam o site apenas como mais um canal de divulgação.

<sup>53</sup> Cf. anexo 2.

## Recorte 11

## Vídeo 5 – O Rap do Requião



Recorte extraído do YouTube<sup>54</sup>.

Retoma-se, como vemos, apenas enunciados pejorativos e obscenos que não fazem parte do imaginário que nossa sociedade possui sobre o que seja um discurso político ideal.

Enunciados como “*meu saco encheu*”, “*é cacete e cadeia!*”, “*enfia a faixa no rabo*”, entre outros, não pertencem a estrutura do discurso político tradicional, mas fazem parte da formação discursiva dos *funqueiros* e *rappers*. Principalmente, termos como *cacete*, *cadeia*, *bala na cabeça*, que nos remetem às músicas de protesto ou de denúncia social.

Nesse contexto, há uma abertura do espaço eletrônico para discursividades e enunciações não aceitas e não estabilizadas em espaços enunciativos como os da televisão, por exemplo. A produção e circulação de um vídeo como esse só encontra espaço na rede.

<sup>54</sup> Disponível em: [http://br.youtube.com/watch?v=\\_UX8VCdv5Ak](http://br.youtube.com/watch?v=_UX8VCdv5Ak). Acesso em: 15 jan 2008.

De acordo com Charaudeau (2006), uma das formas de materialização que o imaginário apresenta para desempenhar plenamente seu papel de espelho identitário trata-se da “produção de objetos manufaturados e de tecnologias que dão ao grupo o sentimento de possuir e dominar o mundo (a televisão e a Internet dão a impressão de dominar o espaço e o tempo)”.

Circulando em “um espaço de interdiscursividade”, o vídeo analisado recupera de forma articulada imagens e enunciados de outros vídeos que são simultaneamente visualizados no *site*. Os e-leitores usam a técnica para subverter os discursos político-tradicionais e, também, se distanciam da produção televisiva. Não são apenas espectadores do político, mas fazem parte dos acontecimentos. Dessa forma, o modo como os sujeitos designam RR pode ser visto como uma produção simbólica polissêmica que aponta para duas diferentes maneiras de interpretação dos enunciados analisados até aqui.

Uma primeira maneira seria a que rompe com os imaginários dominantes, apontando que os imaginários que indicam o comportamento ideal de um sujeito político - como “ser direito”, ter “retidão” (Charaudeau, 2006), falar “correto”, não usar “palavrões” - não são os imaginários representativos nesse espaço. Segundo essa perspectiva, o vídeo analisado poderia apresentar sentidos positivos ao sujeito RR, por isso, justificar o número considerável de visualizações. Assim, os enunciados e as montagens dos quadros imagéticos, como os trabalhados no vídeo, confeririam a Requião uma imagem de político que não esconde suas opiniões, tem coragem para dizer o que pensa, enfrenta seus adversários, e apresenta inclusive certa identificação com o modo de enunciar dos sujeitos e-leitores, sem que isto seja negativo para sua imagem pessoal.

Por outro lado, temos uma segunda maneira de interpretação segundo a qual o mesmo vídeo poderá refletir os imaginários do que seja um político ideal, funcionando como uma ridicularização desse sujeito, que não saberia se portar, que destrata seus oponentes.

Os enunciados políticos são repetidos para serem reforçados ou desqualificados, mas independente disso ele mostra que, acima de tudo, os sujeito e-leitor resiste ao fato de que outros falem por ele. Seja para repetir ou para negar, para concordar ou discordar, aqui, cada um pode expor suas opiniões.

Com essas análises vimos como o acontecimento político-midiático sobre RR foi comentado no *site* do *YouTube*, e, ainda, como os vídeos que comentam o

acontecimento político-midiático se ligam a outros vídeos, e a outros enunciados sobre RR disponíveis nesse mesmo *site*, que, por sua vez, foram (re)agrupados em um único vídeo com diferentes imagens e enunciados de RR cuja construção produz um efeito de sentido negativo para o nome de RR. Esse percurso nos permitiu demonstrar como a circulação dos enunciados políticos na Internet retomam, deslocam e constroem novos sentidos para o discurso político-midiático tradicional.

Se, de um lado, há uma identificação dos sentidos produzidos pelas publicações virtuais com os sentidos produzidos pelas publicações televisivas, de outro lado, há um deslocamento desses sentidos que tendem para a banalização dos enunciados produzidos por RR, que ora são tratados como objeto de riso, ora como motivo de “ignorância” política e pessoal de RR, desqualificando-o como político.

No entanto, vimos também que quanto mais os enunciados circulam, mais produzem furos, distorções, deslocamentos. Assim, passamos de uma produção discursiva legitimada, produzida pelos telejornais, para uma produção discursiva construída com base no conjunto do “que se diz” de RR no espaço delimitado da Internet. De um lado, sujeitos-jornalistas, de outro, sujeitos e-leitores. Somados, esses sentidos irão produzir novos/outros sentidos que também serão retomados, ressignificados. Mas, há, nesse *site*, uma outra forma de produção discursiva que nos leva pelas ondas dos *links*, para o interior dos comentários sobre os vídeos analisados.

#### **4.3 Circulando pelo “mar” dos comentários: sentidos que se abrem**

Se os vídeos publicados no *YouTube* podem ser considerados comentários dos vídeos televisivos, temos, ainda, um segundo desdobramento discursivo no interior do *site* do *YouTube*: o espaço dos comentários, no qual os sujeitos-usuários podem deixar inscritas suas opiniões sobre os vídeos publicados. O sistema técnico do *YouTube* possibilita aos e-leitores comentarem os vídeos televisivos, e, ainda, comentarem os vídeos da Internet, que comentam os vídeos televisivos. Notamos aqui, que nem todos os sujeitos e-leitores dominam a técnica de edição de vídeos, e muitos apenas comentam os vídeos que são produzidos. Mas seus comentários também contribuem para as inúmeras versões do acontecimento político-midiático e para a construção dos sentidos na Internet.

O espaço de comentários faz parte de alguns *sites* da terceira fase da Internet, que buscam inserir os usuários no processo de produção de conteúdo. É, assim, uma característica básica de redes sociais e *sites* colaborativos devido à valorização da participação dos leitores comuns da Internet.

Esse espaço é singular porque também reforça o imaginário de que os sujeitos podem opinar livremente na Internet (embora a maioria dos espaços de comentários sofra a censura dos moderadores, que aprovam ou não os comentários). Nesse contexto, reunimos os comentários dos vídeos acima analisados para verificar quais os efeitos de sentido produzidos por/através, de seus comentários.

Lembramos, ainda, que, como aponta Courtine (2006), na atualidade é imprescindível voltarmos nossas investigações para os sistemas de recepção dos enunciados. Em nosso entendimento os vídeos do *YouTube* que analisamos já estão no nível da recepção, uma vez que são comentários das reportagens televisivas, mas ainda assim, exigem do sujeito o domínio da técnica, ou seja, é preciso dominar os recursos tecnológicos para criar um vídeo e esse domínio ainda é restritivo uma vez que nem todos os sujeitos da Internet sabem produzir um vídeo.

O mesmo não ocorre com os comentários, já que para comentar basta dominar a escrita tradicional, não sendo necessário ter conhecimentos avançados da linguagem eletrônica. Nesse sentido, entendemos que o espaço dos comentários é mais aberto à diversidade e à divisão de idéias, uma vez que inclui um número maior de sujeitos.

Os vídeos analisados apresentaram no total 159 comentários, sendo: setenta comentários para o vídeo 1; oitenta e sete comentários para o vídeo 2; nenhum comentário para o vídeo 3; e 2 comentários para o vídeo 4.

Após uma primeira observação dos 159 comentários, recortamos alguns enunciados, não com o intuito de explicitar exaustivamente todos os sentidos produzidos pela totalidade dos comentários, mas sim de reuni-los, segundo os efeitos de sentidos que afetam o campo político.

Foucault (1996) desenvolve a noção de comentário ao descrever alguns procedimentos de “controle e delimitação” dos discursos, que ocorrem segundo procedimentos internos aos próprios discursos e que funcionam, principalmente, por princípios de classificação, ordenamento e distribuição. Entre esses procedimentos, o autor destaca a noção de comentário, que em nosso entendimento nos auxilia a

refletir sobre o processo discursivo do espaço de comentários da Internet, no sentido de que muitos comentam, falam, opinam, sobre determinado fato ou acontecimento.

O espaço de comentário da Internet contribui consideravelmente para o entendimento de que na rede os discursos são abertos, polissêmicos - permitindo aos sujeitos contribuírem com suas versões para os acontecimentos, enfim, uma real possibilidade de intervenção dos sujeitos comuns (o que politicamente não é pouco). Nesse ponto, se assemelham ao conceito de comentário, do ponto de vista foucaultiano que é aquele que

[...] permite construir (e indefinidamente) novos discursos: o pendor do discurso primeiro, a sua permanência, o seu estatuto de discurso sempre reatualizável, o sentido múltiplo ou escondido de que ele passa por ser o detentor, a reserva ou a riqueza essencial que lhe são atribuídas, tudo isso funda uma possibilidade aberta de falar. (FOUCAULT, 1996, p. 10)

Por outro lado, Foucault (1996) irá colocar que o comentário possui outra função, que faz com que, independentemente das técnicas utilizadas, o comentário não tenha outro papel

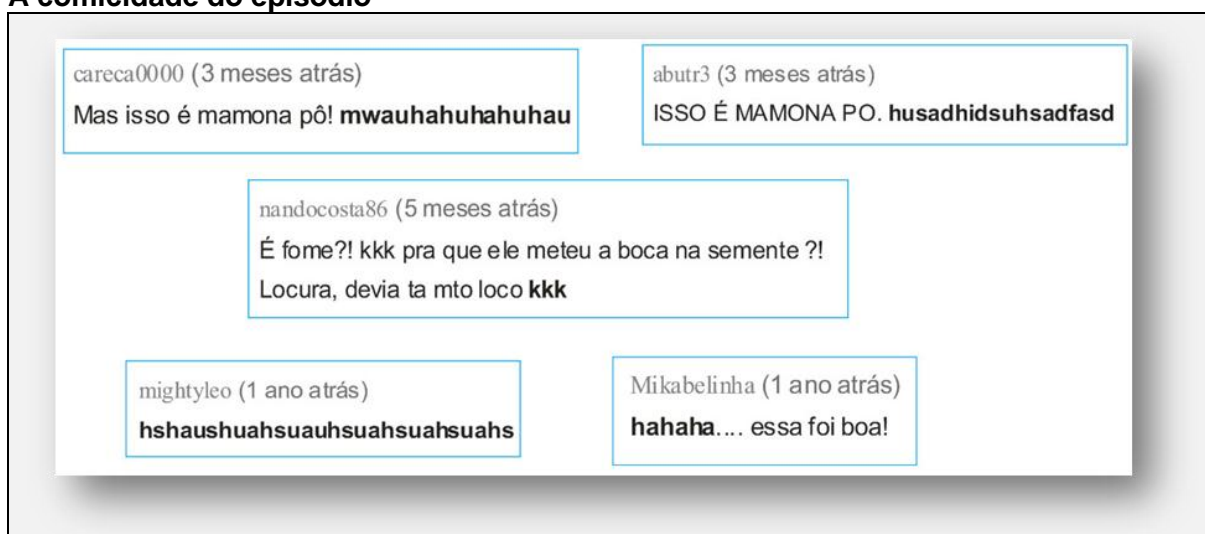
[...] senão o de dizer finalmente aquilo que estava silenciosamente articulado no texto primeiro. O comentário deve, num paradoxo que ele desloca sempre, mas de que nunca se livra, dizer pela primeira vez aquilo que já tinha sido dito entretanto, e repetir incansavelmente aquilo que, porém nunca tinha sido dito. O emaranhar indefinido dos comentários é trabalho do interior pelo sonho de uma repetição mascarada: no seu horizonte, não há talvez mais nada senão aquilo que estava no ponto de partida, a simples recitação. (FOUCAULT, 1996,p. 10).

Para esse autor o funcionamento do comentário no interior dos discursos é, antes de qualquer coisa, um procedimento de controle, que transfere a “multiplicidade aberta, os imprevistos” do discurso para sua delimitação, ou para sua normatização (Orlandi, 2003a, p. 74). Exorciza-se assim “o acaso do discurso”, fazendo com que o novo não esteja “naquilo que é dito, mas no acontecimento do seu retorno”. (Foucault, 1996, p. 11).

Vemos que também os comentários da Internet carregam a idéia e a possibilidade do múltiplo, do aberto, mas que também, devido alguns procedimentos próprios desse espaço, acabam por fazer com que os enunciados se repitam indefinidamente. É assim que vemos a maior parte dos comentários desses vídeos se repetirem como um eco, reforçando os sentidos de *cômico*, *incompetente*, *burro*,

já explicitados anteriormente. Dos 159 comentários encontramos, sem grandes surpresas, 47 comentários cujos enunciados direcionavam para o efeito de comicidade do acontecimento como se entrássemos em uma sala em que todos repetiam os mesmos enunciados e gargalhassem indefinidamente. Esses sentidos tornam possível a categorização do vídeo como humorístico, o que contribui para que esse se torne um vídeo “viral” e seja facilmente disseminado na Internet. Muitos simplesmente repetem os enunciados produzidos pelos políticos, como segue

### A comicidade do episódio



Recortes extraídos do espaço de comentários dos vídeos 1,2,3,4 e 5, já referenciados.

Outro sentido que aparece nos comentários é o sentido de incompetente, como apareceu no Jornal da Globo, mas nos enunciados político-eletrônicos não há nenhum tipo de modalização, como vimos nos enunciados jornalísticos, aqui o episódio é contado de forma escrachada, irônica ou agressiva, nesse ambiente o sentido de incompetente também desliza para *burro*, *anta*, *animal*, *jumento*, entre outros.

### Sentidos de incompetente e animal



Recortes extraídos do espaço de comentários dos vídeos 1,2,3,4 e 5, já referenciados.

Do *cômico* (do engano, da gafe), os sentidos vão deslizando para a *incompetência* política, (ignorância, falta de cultura, burrice), do sujeito RR. Arriscamos dizer, que os enunciados acima, possibilitaram a categorização do quarto vídeo na categoria de *animais*, uma vez que essa publicação não apresenta nenhum comentário, ou seja, ela pode ter sido produzida após uma leitura prévia dos comentários dos demais vídeos.

Ainda a comparação *Lula não sabia x Requião não sabia*, presente nos enunciados analisados do quarto vídeo, é retomada e explicitada pelos comentários dos demais vídeos. Temos, assim, outros enunciados que recuperam o episódio político do mensalão, construindo sentidos negativos para o episódio da mamona, nesse caso os comentários constroem sentidos negativos tanto para RR quanto para o presidente Lula.



### Sentidos negativos para Lula

The image shows a screenshot of a YouTube video comment section with six individual comments highlighted in blue boxes. Each comment includes the user's name, the time since it was posted, and the text of the comment. The comments are as follows:

- kidsdell (1 ano atrás) Exibir Ocultar**  
O Lula **surprende**u (Saiba que contém uma toxina perigosa se ingerida) !
- danielinfotec (2 anos atrás) Exibir Ocultar**  
o pior neum eh ser pego pelos cameras comendo mamona!! **O pior eh ser corrigido pelo LULA!!**  
Puxa saco eh fods.. hahehaheahaeheh
- h4dd0b (2 anos atrás) Exibir Ocultar**  
UHUAHUhauhAHuahAHUHUahuaHU **eu num sei o q eh pior** ser pego puxando saco desacaradamente ou **ser corrigido pelo lula hauaHHUAuA**
- ivansantos15 (2 anos atrás) Exibir Ocultar**  
uahuahauhauhauhua  
**isso o lulla sabia!**  
=]
- heitomz (2 anos atrás) Exibir Ocultar**  
huahuaahuhuahauuahuaahua , o **lula pelo menos sabia de alguma coisa..... :P**
- Curvatorta (1 mês atrás) Exibir Ocultar**  
**Lula é ignorante !**  
Se perguntarem o que é óleo de rícino, vai achar que é comestível, serve pra fritar pastel....

Recortes extraídos do espaço de comentários dos vídeos 1,2,3,4 e 5, já referenciados. Obs: não fizemos correção gramatical dos enunciados recortados.

### Sentidos negativos para RR

The image shows a screenshot of a YouTube video comment section with four individual comments highlighted in blue boxes. Each comment includes the user's name, the time since it was posted, and the text of the comment. The comments are as follows:

- joanaharpo (9 meses atrás) Exibir Ocultar**  
hauhauhauhaha  
"e bom!!!" hauhauhauhau  
**o pior e saber menos que o lula!nossa!** hauhauhauhaua  
caquei de da rizada com os comentarios
- hidalgo72 (1 ano atrás) Exibir Ocultar**  
depois o Lula eh que eh burro...
- gfloureiro (2 anos atrás) Exibir Ocultar**  
O Requião conseguiu ser mais burro que o Lula!!!
- brunoangeli (2 anos atrás) Exibir Ocultar**  
euheuaheuaehaeuheaheueahaeuh  
"isso é mamona pô" até o lula é mais esperto q o requião auhauhua
- betoendo (2 anos atrás) Exibir Ocultar**  
acha que intende de agricultura...  
proibe alimentos tranjenicos no paraná..  
tem toxina troxa... o lula eh mais esperto que vc!!

Recortes extraídos do espaço de comentários dos vídeos 1,2,3,4 e 5, já referenciados.

Os sentidos negativos produzidos para Lula aparece no espaço dos comentários tanto através da memória discursiva sobre o caso do mensalão (recuperada também no vídeo quatro) quanto a outros sentidos produzidos por discursos em torno da escolaridade do presidente Lula e ao preconceito em torno de sua origem social. Assim, considerando outros enunciados que envolvem o conhecimento e o saber do presidente, sua origem humilde, sua escolarização, se produz um efeito de sentido de que o presidente é “analfabeto”, “sem cultura”. A

relação desses sentidos aos sentidos que circulam em torno de RR são, portanto, negativas para esses políticos.

Como a grande maioria dos 159 comentários analisados produzem os sentidos acima descritos a tendência é que haverá mais produção e circulação de sentidos negativos, uma vez que o número de visualizações e de comentários mostram quais os sentidos que “pegaram”.

Como vemos, as regularidades discursivas apontam para o uso de recursos como a paródia, o boato e a desqualificação dos políticos e da política de um modo geral.

Outro efeito de sentido que sobressai no espaço dos comentários são os de “vergonha”. Esses efeitos podem ser observados em construções como as que seguem

### Sentidos de “vergonha” para os paranaenses

DiegoDetona (7 meses atrás)  
Afff ñ acredito q ele é paranaense... Q VERGONHAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA  
AA

litleterminator (2 semanas atrás)  
esse é o governador do meu estado  
**vergonha"**

tefodeputa (1 ano atrás)  
que **vergonha** para o povo paranaense.  
só burros, analfabetos, desinformados, ignorantes votaram nesse palhaco.

lezinhufofo (2 anos atrás)  
cada dia mais **vergonha** do meu estado com este otário no comando

queaz (1 ano atrás) Exibir Ocultar  
pensei q **o parana era bom...**  
carai **olha o tipow do governador...** mt burro

rodrigoamaciell (2 meses atrás) Exibir Ocultar  
esse requiao e muito sem cultura se colocar capim para ele ,  
o mesmo come sorrindo , tinha q ser politico !!!!!  
**e parana vcs estao mal de governador** rrsrsrsrsrsrsrs

Recortes extraídos do espaço de comentários dos vídeos 1,2,3,4 e 5, já referenciados.

Esse efeito de sentido surge, tanto pelo fato de o encontro ter sido publicado em jornais nacionais e não apenas regionais, quanto à sua ampla circulação pela Internet. Uma vez que o episódio é publicizado com sentidos que, em sua grande maioria, desqualificam RR, os sujeitos e-leitores que se identificam como sujeitos eleitores do Estado do Paraná, assumem discursivamente o seu posicionamento político.

Esses comentários, por se filiarem ao campo da política, são diferentes dos enunciados apenas cômicos, ou parodísticos, eles não produzem comicidade diante

do ocorrido, mas produzem uma desqualificação do político, indicando que os sujeitos desses enunciados se filiam posições político-partidárias contrárias à RR.

Considerando que os sentidos negativos (*engraçado, incompetente, burro, vergonha*) são os de maior representatividade no espaço dos comentários, por serem os que mais se repetem, estando presentes em 87 dos 159 comentários produzidos, poderíamos dizer que, apesar dos sujeitos ocuparem diferentes posições-sujeito, o efeito de comentário, de repetição, de retomada, parece reafirmar os sentidos do “já-lá”, os sentidos “circulantes” que se multiplicam e se armazenam indeterminadamente nos bancos de dados, controlando, refreando o “acontecimento aleatório”, disfarçando a “sua pesada, temível materialidade”. (Foucault, 1996).

Continuamos tentados a interpretar, e um olhar mais atento para “as clivagens subterrâneas” (Pêcheux, 1994) de nosso arquivo virtual nos faz considerar que

toda descrição [...] está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série [...] de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. (Pêcheux, 2006, p. 53).

Desse modo, a partir desses sentidos iniciais sobre o episódio político-midiático em questão, poderíamos dizer que outros sentidos estão aí trabalhando, embora não sejam tão evidentes, mas com seus possíveis deslocamentos. Se o comentário tem seu caráter de “repetição do mesmo”, como vimos em Foucault (1996), essa repetição, por sua vez, também faz com que os discursos adquiram um novo estatuto no ambiente eletrônico. A repetição é, portanto, “antes de tudo um efeito material” que tende a assegurar “o espaço da estabilidade de uma vulgata parafrástica” (Pêcheux, 2007, p. 52). Por outro lado, como nos diz esse autor

[...] a recorrência do item ou do enunciado pode também [...] caracterizar uma divisão da identidade material do item: sob o “mesmo” da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva [...]. Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase (PÊCHEUX, 2007, p. 53)

Em nosso recorte, foi possível observar que alguns comentários, apesar da infinita repetição de alguns enunciados, acabam por instaurar a possibilidade de

uma disputa interna que nos permite descrever os posicionamentos políticos que os sujeitos buscam estabelecer no interior do espaço dos comentários. É aí, nesse espaço, livre da lógica da “informação”, da “publicação”, do “comentário” como pura repetição do episódio político, que outros sentidos podem então se estabelecer, fugindo do efeito de evidência dos sentidos primeiros ou reforçando-os, segundo as redes de memórias que esses estabelecem no interior de cada enunciado. Vemos que a intensa repetição destacada poderá ser quebrada, na medida em que outros enunciados começam a interferir, provocando rupturas no fio discursivo estabelecido. Na Internet a possibilidade de construção de sentidos pode ser estabelecida com a simples presença de um *link/outro* que, de repente, surge como um nó, abrindo caminho para outras interpretações.

De um lado, a construção da rede se fecha em torno de enunciados negativos direcionando para uma oposição a RR e, de outro, o espaço dos comentários também abre caminho para a construção de enunciados contrários à essa negatividade construída em torno de RR.

Os sujeitos se filiam a diferentes posições político-ideológicas, mas construindo enunciados característicos do discurso político-eletrônico, como vemos nos recortes que seguem, divididos entre enunciados de oposição e de defesa ao político RR.

### Enunciados de Oposição à RR

rykrosbr (9 meses atrás)  
como pode **um cara desses ser governador** de um estado

julianodsp (1 ano atrás)  
"eh baum" auehauehauehau  
**animal msm e ainda consegue se reeleger** 🙄

chegoearo (1 mês atrás)  
mamona é toxica , pode matar um adulto se comer certa quantidade ou apenas 1 ou 2 caroço pra matar uma criança pqna,um caroço ali vai dar uma puta caganeira no cara, **mas td bem ja ta acostumado a fazer merda msm**

danic19c (2 anos atrás)  
Fai te fu Requião.. **ele ainda acha que vai ganhar?**  
ahuhauhauha

tefo deputa (1 ano atrás)  
**e tem gente que ainda voto nesse palhaço, bobo, burro...fora requião!**

johnnypeavy (2 anos atrás)  
esse requião é uma vergonha pro nosso estado!  
**FORA REQUIÃO**  
**OSMAR DIAS 12**

betomavs (1 ano atrás) Exibir Ocultar  
**qualquer idiota sabe que mamona nao se come, soh se vcs dois ai a cima fazem parte dos supostos 0%! ai qui burrico**

ixdi (1 ano atrás) Exibir Ocultar  
HAUahuahaha  
**eu sabia q essa porra nao eh pra come**  
pq tem mt aqui perto d casa agora  
**EH mt burro o bixo ja vai enfiando na boca o treco**

isa123que (1 ano atrás) Exibir Ocultar  
**mamona até pouco tempo era mato, agora tem ate gente comendo? só podia ser politico, santa burrice!**

Recortes extraídos do espaço de comentários dos vídeos 1,2,3,4 e 5, já referenciados.

## Enunciados de Defesa à RR



Recortes extraídos do espaço de comentários dos vídeos 1,2,3,4 e 5, já referenciados.

Inicialmente percebe-se que muitos dos enunciados acima foram produzidos durante o período eleitoral. O que é possível observar tanto pela data (dois anos atrás), quanto por enunciados como: **“Fora Requião, Osmar Dias 12”**. Desse modo, apesar do episódio não ter ocorrido durante nenhum período eleitoral, a supressão do tempo físico na Internet faz com que se produza efeitos político-eleitorais, uma vez que estão presentes nesse ambiente por tempo indeterminado.

Possibilidade bastante perigosa, notamos, uma vez que esse tipo de produção poderá, paradoxalmente, ser representante de um sentido, de um desejo “coletivo” como defendem alguns, mas também pode ser unicamente a expressão de uma minoria, conduzindo à um fechamento do espaço político e não o contrário. De um lado, a possibilidade de revolucionar a prática político-midiática, de outro a possibilidade de lapidá-la, complexificando ainda mais a relação entre a política e a mídia.

Destacamos aqui, o que ressalta Pêcheux (1990) a respeito dos discursos que se pretendem revolucionários.

Se os discursos do nosso tempo com pretensão revolucionária persistem obstinadamente em não compreender esses deslocamentos que trabalham a sua própria lógica estratégica, tudo leva a crer que eles terminarão por desvanecer-se na proliferação vazia. E se considerarmos o quanto isso tem sido feito [...], é necessário também que se possa imaginar o que isso implica com respeito ao destino político das resistências e das revoltas, que este vazio expõe diretamente aos dispositivos estratégicos de dominação [...] (PÊCHEUX, 1990, p. 19).

Se parece possível, por um lado, considerar que o discurso dos sujeitos e-leitores traz algo de revolucionário, também parece possível afirmar, de outro lado, que esse mesmo discurso pode servir às estratégias de dominação, sendo assim apenas a velha luta política ideológica e não uma possibilidade de mudança nas relações, considerando que a oposição visível entre os dois grupos de enunciados acima destacados como enunciados de posição - que buscam minimizar o efeito espetacular do acontecimento, culpabilizando a espetacularização midiática, e de oposição, que insistem na recuperação do sentido de comicidade, ou do sentido de ignorante, que reforçam os sentidos produzidos pela mídia televisiva e contribuem para desqualificar RR politicamente, parece não oferecer nenhuma novidade ao campo político-midiático tradicional.

Nesse sentido, pensamos que uma das singularidades desse ambiente talvez esteja não no fato de desqualificarem o político ou reforçarem os sentidos produzidos pela mídia televisiva, mas sim na possibilidade de apresentar enunciados com sentidos opostos em um único espaço visual, mostrando ao mesmo tempo as diferentes possibilidades de interpretação do acontecimento político-midiático, instaurando diferentes posicionamentos políticos, gerando o confronto, a disputa pelos sentidos, o exercício do político.

Como vimos, nesse mesmo espaço tivemos de um lado, a transformação do episódio em um episódio extraordinário e espetacular, como em: **“qualquer idiota sabe que mamona não se come”**, e, de outro lado, a minimização do efeito extraordinário do fato, visando torná-lo, se não comum, justificável, como em: **“aposto q a maioria q postou aqui nao sabia q mamona nao era comestivel e ainda fala mal do cara...”**.

Vemos de um lado, a recuperação do episódio que funciona como indicador ou prova de que RR não pode, ou não serve para governar o Paraná, como em: **“como pode um cara desse ser governador de um estado”**. E, de outro lado, a tentativa de estabelecer outras memórias em torno de RR, ainda que o acontecimento político-midiático apareça como inegável: **“e ele eh ateh um bom governador as vezes faz cagada..mas ele privilegia os + pobres”**.

Também temos recuperações que não se referem ao acontecimento político-midiático, mas operam com outras memórias discursivas. Como o fato de que RR e a mídia (principalmente a Rede Globo de televisão do Paraná) já tiveram muitas “disputas” políticas e ideológicas. Essa memória, apagada nos enunciados desfavoráveis à RR, é, por sua vez, recuperada nas formulações favoráveis ao político, produzindo uma divisão dos sentidos no interior do debate. De um lado, os sentidos favoráveis ao político RR, como por exemplo no enunciado **“tem um monte de gente magoadinha com o Requião.. vai ver tem parente na RPC...”** ou **“...mas ele privilegia os + pobres e por isto os latifundiários e imprensa mete a lenha nele”**.

Ainda, entre os enunciados favoráveis à RR nos deparamos com enunciados como os que, apesar de não serem comuns nos sites analisados, indicam que outras memórias políticas são recuperadas nesse ambiente, como observamos no enunciado **“Isso mostra a falta de argumentos políticos para desqualificar Requião”**.

Diante do exposto, podemos concluir que o espaço do comentário tanto pode ser um espaço da repetição do mesmo sob a forma do novo, como vimos em Foucault (1996), quanto pode ser um espaço que permite aos sujeitos realizar uma intervenção/ruptura da rede de sentidos estabelecida pelo discurso midiático, segundo coloca Pêcheux (2006), fazendo funcionar aí, outras memórias e outros sentidos.

[...] é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes (PÊCHEUX, 2006, p. 54)

#### 4.4 OUTRAS LIGAÇÕES: DO YOUTUBE PARA O ORKUT

O *Orkut* é um *site* de relacionamentos, através do qual as pessoas criam perfis (identidades) virtuais para se relacionar com grupos de amigos, parentes, desconhecidos. No *site* também existe um espaço que permitem a criação de comunidades em torno de temas específicos, nas quais as pessoas podem discutir e debater sobre diferentes temas.

Nossa análise nesse *site* se deu a partir de recortes de alguns enunciados que nos remetiam ao acontecimento político-midiático, referente ao encontro entre Lula e RR. Para isso percorremos um longo caminho de buscas e colagens dos inúmeros enunciados encontrados, o que nos levou a centrar a busca apenas nas comunidades<sup>55</sup> e deixar de lado a análise dos perfis individuais de cada membro.<sup>56</sup>

A coleta de dados foi realizada em um único dia, 15 de Janeiro de 2008.<sup>57</sup> Nesse dia encontramos cento e vinte e oito comunidades<sup>58</sup> em português para o nome *Requião*. Devido a grande quantidade e a semelhança de debates entre as comunidades selecionadas, recortamos para nossa análise principal a comunidade que concentrava o maior número de participantes (membros), e maior número de tópicos<sup>59</sup>, e, ainda, realizamos alguns recortes entre outras quatro<sup>60</sup> comunidades, selecionadas segundo o maior número de membros.

A comunidade selecionada, intitulada *O Requião me envergonha!*, foi criada em 18 de dezembro de 2005 e, no dia 15 de fevereiro de 2007, possuía 1.966 membros. Em sua página inicial há uma descrição da comunidade remetendo a dois diferentes episódios em torno de RR, um que se refere ao acontecimento político-

<sup>55</sup> Comunidades são grupos de usuários com interesses comuns. É possível buscar comunidades pelo nome, por palavras contidas na descrição ou explorar um diretório que divide os grupos por categorias: religião, política, arte. Qualquer um que possua um perfil no *Orkut* pode criar uma comunidade.

<sup>56</sup> Os perfis se referem à página de cada sujeito-usuário cadastrado na rede. Através do perfil temos acesso aos dados pessoais do usuário, seus gostos, preferências, sua foto, etc. O usuário, no entanto, decide se estes dados estarão disponíveis na rede para ele somente, seus amigos, amigos de amigos ou para todos.

<sup>57</sup> Consideramos aqui que de um dia para o outro poderia “aparecer” uma comunidade nova, o que tornaria nossa pesquisa infinita, ou pior, “desaparecer” uma comunidade pesquisada, o que resultaria em trabalho perdido.

<sup>58</sup> Excluímos da lista quarenta comunidades, que nos remetiam para outros temas e sujeitos não relacionados a RR. Das oitenta e oito comunidades restantes foram divididas entre trinta e sete comunidades *Anti-Requião* e cinquenta e uma *Pró-Requião*. Entre as oitenta e oito comunidades, encontramos diversos tópicos que se referiam ao episódio da mamona, e cinco comunidades que se referiam diretamente ao episódio da mamona, ou no título ou na descrição.

<sup>59</sup> São chamados de tópicos as publicações iniciais em um fórum de discussão. Para criar um tópico basta ser membro da comunidade e propor um tema para debate, após a criação deste tópico os demais membros seguiram publicando suas respostas ao tema proposto.

<sup>60</sup> Cf. anexo 4.



mediático do encontro entre Lula e Requião, ocorrido em 03 de Fevereiro de 2006, e outro que se refere à entrevista coletiva que RR concedeu à imprensa em 29 de Outubro de 2006, logo após ter sido reeleito governador do Estado do Paraná.

O primeiro *link* retoma outro acontecimento político-midiático, ocorrido depois do acontecimento da mamona, amplamente discursivizado na Internet. Nesse caso, os dois acontecimentos se somam na descrição da comunidade, reforçando os sentidos de “vergonha” mobilizados no enunciado-título: *O Requião me envergonha!!!*.

Vemos que os episódios políticos além de serem sempre retomados vão se juntando a outros episódios e fatos posteriores, essa “mistura” de enunciados e sentidos é singular do espaço da Internet e também indica uma mutação na forma como o discurso político-midiático funcionava até o seu surgimento. Quanto mais adentramos nas “clivagens subterrâneas” do arquivo eletrônico, mais percebemos como as relações se complexificam nesse ambiente.

## Recorte 12



The screenshot shows a community page on Orkut. On the left is a sidebar with a profile picture of a man with a red nose, the community name 'O Requião me envergonha!!!' (1.961 members), and navigation options like 'participar', 'convidar amigos', 'fórum', 'enquetes', 'eventos', 'membros', and 'denunciar abuso'. The main content area has the title 'O Requião me envergonha!!!' and a breadcrumb trail 'Início > Comunidades > Outros > O Requião me envergonha!!!'. Below the title is a description: 'Hoje... 29/10... o Paraná me envergonha... http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=7215447&tid=2495983474861584800&start=1'. The main text contains a conversation: 'Cara... o q foi aquilo q passou no jornal da globo no dia 3/2/2006... o Requião pagando o maior mico ao comer as sementes de mamona q o presidente Lula tava mostrando pra ele... é um burro morto de fome mesmo... imagina a cena Lula pega um pode de sementes de mamona e derrama algumas nas mãos do nosso querido governador, q devia estar morto de fome, pois comeu as sementes... daí vem o diálogo... LULA: mas isto é semente de mamona!!! REQUIÃO: muito bom!!! LULA: hohohoho(lula rindo) REQUIÃO: ahuAHauhAUH(rindo tb, pois não entendeu a piada) LULA: cospe logo isso pq é toxico!!! O REQUIÃO SÓ ME ENVERGONHA!!! LINK DO VIDEO ESTA NOS TÓPICOS!!! valew Peter Comuna N°1 do Requião!!!'. At the bottom, there is a metadata table.

idioma:	<b>Português</b>
categoria:	Outros
dono:	Vald.® A. Eidam Jr. 武士道
tipo:	pública
privacidade do conteúdo:	aberta para não-membros
fórum:	não-anônimo
local:	Brasil
criado em:	18 de dezembro de 2005
membros:	1.961

Recorte extraído do *Orkut*<sup>61</sup>.

<sup>61</sup> Disponível em: <http://ww.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=7215447>. Acesso em: 15 jan 2008.

Através da descrição dessa comunidade somos levamos a mergulhar, antes de tudo, em outro acontecimento político-midiático.

#### 4.4.1. Mergulhando em outro acontecimento: *linkar* e deslocar sentidos

##### Recorte 13

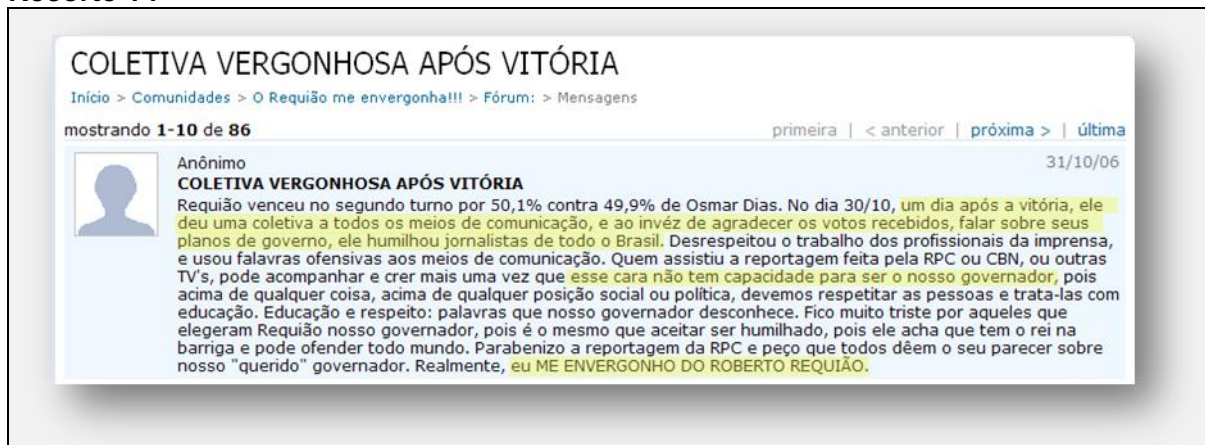


Recorte extraído do *Orkut*, cf. referência recorte 12.

No dia 29 de Outubro de 2006, o governador RR concedeu uma entrevista coletiva aos jornalistas das televisões locais para falar sobre sua reeleição. Nesse episódio, o governador acaba se dirigindo a alguns jornalistas de forma rude acusando alguns órgãos da imprensa estadual de terem influenciado no processo eleitoral.

O *link* abaixo do enunciado “**Hoje...29/10...o Paraná me envergonha...**” nos leva a um dos tópicos da comunidade intitulado **Coletiva vergonhosa após vitória**. O título de cada tópico do *Orkut* aponta para o tema que deverá ser discutido. Na parte inferior ao título, temos a indicação de quantos comentários foram criados nesse tópico, no caso 86. Cada tópico começa com um direcionamento e explicação do criador do tópico a respeito do tema sugerido: a entrevista coletiva. No primeiro tópico já se delinea o posicionamento do sujeito e-leitor.

##### Recorte 14



Recorte extraído do *Orkut*, cf. referência recorte 12.

Vemos que, os enunciados, mais uma vez, recuperam sentidos produzidos pela esfera midiática. No caso, o sujeito não se refere apenas à entrevista coletiva, mas também à reportagem que a RPC e a CBN publicaram sobre a entrevista coletiva, o que podemos depreender do enunciado **“Quem assistiu a reportagem feita pela RPC ou CBN, ou outras TV’s...”** e/ou **“Parabenizo a reportagem da RPC...”**

Pode-se, ainda, realizar uma pesquisa na internet em busca desse acontecimento político-midiático, caso não se tenha assistido as reportagens citadas no tópico. Após uma recuperação que fizemos em nosso arquivo, encontramos vários vídeos sobre esta reportagem, também publicado no *site* do *YouTube*. Ao compararmos o vídeo da reportagem televisiva e a descrição do tópico, foi possível perceber algumas relações entre os enunciados desse primeiro tópico da comunidade e os enunciados dos jornalistas, responsáveis pela reportagem, que comentam a atitude de RR durante a entrevista coletiva.

Abaixo transcrevemos<sup>62</sup> um pequeno recorte dessa reportagem, com a fala do jornalista da RPC, Herivelto Oliveira (HO), para demonstrar sua relação com os enunciados citados anteriormente.

**HO:** a rede paranaense de comunicação lamenta mais uma demonstração de arbitrariedade e espírito antidemocrático do governador RR ao querer desqualificar o trabalho da imprensa... **na primeira entrevista coletiva no dia seguinte a sua reeleição no lugar de procurar debater as grandes questões paranaenses limitou-se a destilar sua costumeira ira contra os veículos de comunicação** que cumprem de forma **ética e independente** o papel de informar a população [...] com a **soberba** própria dos **ditadores** de ocasião o governador **aproveitou o espaço da coletiva para desfiar queixas aos jornais e televisões, que pela simples razão de apontar equívocos em sua administração passam a ser alvo de perseguições gratuitas** [...] comportamentos como o de Requião na entrevista - somados a manifestação de sua (classe) em frente ao Jornal Gazeta do Povo - não vão fazer a RPC e seus jornalistas se afastarem de seu compromisso com a verdade e com a população do Estado. Entretanto **são motivo de preocupação na medida em que buscam intimidar a imprensa e limitar a sua liberdade** o que é inaceitável no **estado democrático e de direito** em que vivemos.

A partir da recuperação da fala do jornalista podemos observar que os enunciados da descrição se dão em uma mesma rede de sentidos, desse modo o sujeito se inscreve em uma mesma formação discursiva midiática fazendo circular o

---

<sup>62</sup> A transcrição é nossa e foi feita livremente, a partir do vídeo da reportagem da RPC.

efeito de sentidos de que o sujeito RR não respeita a imprensa. No mesmo sentido temos a fala do sujeito jornalista, **“na medida em que buscam intimidar a imprensa e limitar sua liberdade” / “limitou-se a destilar sua costumeira ira contra os veículos de comunicação”** e a do sujeito e-leitor **“humilhou jornalistas de todo país” / desrespeitou o trabalho dos profissionais da imprensa”**.

Desse modo, o sujeito e-leitor se identifica com uma formação discursiva midiática enunciando a partir dos saberes mobilizados nesta FD, ou seja, enfatizando o fato de que o jornalista só está ali para “informar” e por isso precisa ser respeitado. Nesse caso o sujeito e-leitor se torna também um sujeito apto à “informar” aos demais, fazendo circular a atitude de RR, segundo os sentidos estabelecidos pelo discurso midiático.

Esta comunidade, por sua vez, não disponibiliza nenhum *link* externo para esta reportagem e silencia, portanto, os comentários e demais enunciados que circulam em torno desse acontecimento político-midiático. Essa estratégia discursiva direciona os sentidos para um enunciado interno à comunidade (o tópico sobre a coletiva) e não para enunciados externos (para o vídeo da entrevista), levando ao fechamento dos sentidos em torno dos sentidos produzidos na comunidade e silenciando os demais sentidos que circulam em torno desse acontecimento político-midiático em outros *sites*.

Vemos que o funcionamento discursivo das comunidades têm a ver com o funcionamento do boato, fazendo circular enunciados comuns entre esses enunciados, relacionados a outros que seguem interpretações semelhantes. Como define Orlandi (2005a, p.134)

[...] o boato atesta o fato de que os sentidos são feitos de silêncios, indício de que há em toda situação de fala relações que jogam com o não-dito, uma política do dizer determinada para fixar sentidos onde há múltiplos sentidos possíveis.(idem, ibidem, p.134)

O silêncio da comunidade analisada pode ser observado no fato de que ela “não diz” ou, no caso específico, não apresenta em seu enunciado nenhum *link* abrindo para outros sentidos.


Caso o direcionamento fosse para o arquivo do *YouTube*, por exemplo, poder-se-ia ter acesso a outras interpretações desse mesmo acontecimento, e ainda, aos demais vídeos a ele relacionados e que, em quantidade maior, conferem

uma outra leitura dessa mesma entrevista coletiva, desta vez não intermediada pela produção discursiva do telejornal.

No *YouTube*, por exemplo, encontramos uma série de vídeos relacionados a esse outro acontecimento político-midiático, como os que seguem

### Recorte 15


**Vídeo 1**



**REQUIÃO ATACA MIRIAM LEITÃO**  
Na entrevista que deu logo que foi reeleito, o governador do Paraná, Roberto Requião, deixou claro que estava irritado com a mídia e chegou a ...  
★★★★★ 1 ano atrás 14870 exibições luizazenha

---


**Vídeo 2**



**Requião puxa a Orelha da RPC...forte**  
Requião responde o que estava entalado na garganta por muito tempo, se tiver alguma dúvida revise os materias produzidos por eles na eleição....  
★★★★★ 2 anos atrás 11246 exibições Gigantopolis

---


**Vídeo 3**



**Requião e sua relação com a imprensa**  
Este é o governador do Paraná senhor Roberto Rei-quião e é desta forma que ele trata os colegas da **imprensa**, com muito desrespeito e falta de ...  
★★★★★ 2 anos atrás 2588 exibições didocarvalho

---


**Vídeo 4**



**roberto requiao desmonta banda podre da imprensa**  
roberto requiao dando exemplo  
★★★★★ 2 anos atrás 14881 exibições fabianosfreitas

---

**Vídeo 5**



**Requião bota pra...**  
Momentos interessantes proporcionados por 10 mil eleitores paranaenses.  
★★★★★ 2 anos atrás 9929 exibições blogdospace

Recortes extraídos do *YouTube*<sup>63</sup>

Os vídeos 1, 2 e 4, são vídeos da entrevista coletiva na íntegra. Já os vídeos 3 e 5 são os vídeos da reportagem da RPC sobre a entrevista coletiva. A análise desses vídeos nos permitiu concluir que, os sentidos que direcionam para uma construção negativa da atitude do sujeito RR durante a entrevista, assim como já analisamos na descrição do tópico *Coletiva vergonhosa após vitória*, filiam-se à rede

<sup>63</sup> Vídeo 1, Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=wuvwcz65GcA;>

Vídeo 2, Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=AKqy8E8o2LE;>

Vídeo 3, Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=NWm6TgYKN7A;>

Vídeo 4, Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=vPKEbhjXgXE;>

Vídeo 5, Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=iBEcfuXgQCC.>

de sentidos produzidos pelos enunciados televisivos, nesse caso esses sentidos são reproduzidos também pela descrição dos vídeos 3 e 5 que recuperam a reportagem jornalística com a fala de HO. Ocorre o inverso, portanto, com os vídeos 1, 2 e 4 que recortam, não a reportagem jornalística, mas a entrevista com o discurso de RR, sem a edição e o direcionamento produzido pelo vídeo do noticiário e, ainda, com enunciados que se inscrevem em uma rede de sentidos diversa da estabelecida entre o telejornal e os vídeos 3 e 5.

Encontramos, ainda, ao circular por esse outro acontecimento, a comunidade de apoio a RR. Novamente percebe-se que de um lado, os sentidos negativos são apagados, e de outro lado, os sentidos positivos são retomados, mas dificilmente eles circulam em uma mesma comunidade.

Na comunidade *O Requião tem Razão!* foi possível encontrar enunciados que apresentam outras relações interdiscursivas dos enunciados políticos que circulam na rede, como no recorte que segue.

#### Recorte 27



Recorte retirado do *Orkut*<sup>64</sup>.

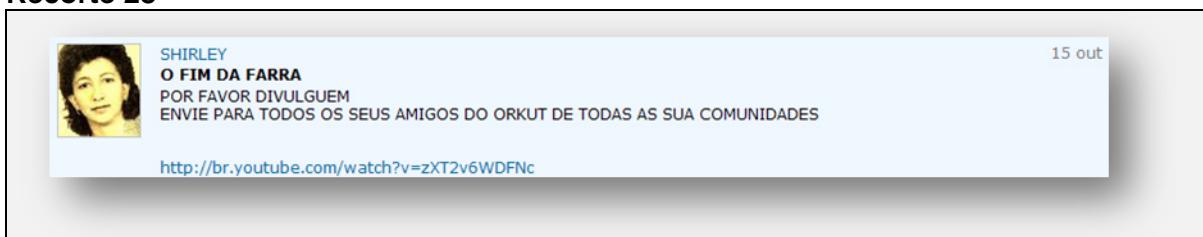
Através desse *link* teremos acesso a outro vídeo, também editado pelos sujeitos e-leitores das comunidades de oposição, que exhibe parte de uma entrevista que RR concede ao jornalista Boris Casoy, em que RR aparece afirmando que ele, RR, **“não pensa pra falar”**. Em sua justificativa RR dirá, ainda nessa reportagem, que, devido sua experiência e leitura de vida, que lhe permitiram se estruturar e formar uma opinião firme, ele prefere **“não medir palavras”**. Esta sua fala aparece no vídeo intercalada por vários outros enunciados pronunciados por RR, construindo, como no *Rap do Requião*, uma junção de enunciados desconexos, conferindo ao discurso de RR um efeito de sentido que diverge do que se espera de um discurso político.

O recorte acima constrói um efeito de sentido de que nem todas as produções do *YouTube* são confiáveis, afirmando que também nas mídias virtuais existe a

<sup>64</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=47405>. Acesso em 15 de jul 2008.

manipulação dos dados, o que se nota pelo título. Nesse caso, na Internet segue-se com a problemática da interferência midiática no campo da política, e do tratamento dos acontecimentos como “informações verdadeiras”. Esse e outros enunciados favoráveis a RR poderiam ser aqui destacados, como por exemplo o enunciado seguinte

### Recorte 28



Recorte retirado do Orkut<sup>65</sup>.

Pelo *link* acima, somos encaminhados para um vídeo intitulado **O corte do Capilé**. Trata-se de uma versão musical sertaneja, que exhibe a imagem dos cantores. A seguir recortamos um fragmento da música cantada nesse vídeo.

Vamos trabalhar moçada secou a teta, é isso aí! acabou o capilé! A imprensa do Paraná encontra-se enfurecida / com o corte do capilé levaram grande invertida/ eles deitaram e rolaram quando lerner governou/ revoltado agora estão/ o governo Requião com a farra acabou / cerca de um bilhão e meio foi o que o Jaime gastou / pra promover seu governo que saudades não deixou / RPC, Gazeta do povo, Pimentel e outros grupos que nessa teta mamaram suas contas engordaram conseguiram melhores lucros / jornalistas radialistas também foram agraciados [...]. é isso aí moçada vamu ponhá o peito n'água / secou o capilé! [...].

Os sentidos produzidos pela letra acima apresentada se dão em direção totalmente oposta aos sentidos trabalhados pelas memórias retomadas na comunidade **O Requião me envergonha!**, indicando, novamente, a polêmica relação entre RR e a imprensa local.

No entanto, apesar de não estarem ausentes os sentidos positivos acima destacados, as análises indicam esses são dificilmente discursos que circulam em grande quantidade. Os sentidos negativos ao político RR e ao discurso político de um modo geral são os que mais circulam, mais se repetem e mais se firmam na rede. O vídeo **O Corte do Capilé**, analisado anteriormente, por exemplo, não gerou

<sup>65</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=47405>. Acesso em 15 de jul 2008.

nenhum comentário e isso, para os sujeito e-leitores, é significativo, faz sentido: o sentido de que a oposição “não existe”.

Produz-se assim um efeito de unidade, pela repetição e reiteração dos sentidos negativos, que retomam a todo momento os sentidos produzidos pelos enunciados televisivos, reforçando-os e fazendo-os circularem em maior quantidade. Em sua relação com o funcinamento do boato os enunciados negativos produzem um efeito de sentido de que esse é a interpretação geral sobre o acontecimento. O boato atesta, portanto, segundo Orlandi (2005, p.132) “[...] a não-transparência da linguagem e a não-trivialidade (banalidade) da opiniao pública [...] em um sítio particular de significação, o espaço público, em que conta a quantidade.”

Observamos assim, nesse pequeno mergulho, algumas regularidades discursivas das comunidades sobre RR, que aparecem divididas entre RR e RPC, ou, entre o discurso político e o discurso midiático. De um lado, e em maior quantidade, a reunião de diferentes vídeos que produzem um efeito de sentido de que RR é grosso, incompetente, não respeita o direito à informação, de outro lado, e em menor quantidade, a reunião de vídeos que produzem um efeito de sentido de que RR é verdadeiro, que não tem medo de dizer o que pensa, que é honesto e, por isso, é perseguido pela mídia.

Como pano de fundo do processo discursivo acima descrito está a antiga discussão referente à interferência midiática no campo político e suas implicações. De um lado o político culpabilizando a mídia por sua “perseguição midiática”, de outro lado, a mídia denunciando ações políticas que interferem no “direito à informação”.

#### **4.4.2 Retornando ao episódio inicial: *linkar* e recuperar sentidos**

Voltamos, portanto, a análise dos enunciados da maior comunidade sobre RR, a comunidade ***O Requião me envergonha***. Nessa comunidade os sentidos se fecham em torno de uma negatividade para RR e nem sempre ficará garantida a multiplicidade dos sentidos, uma vez que os sujeitos tendem a se fechar em comunidades e dificilmente visitam as comunidades contrárias e, como já dissemos, as comunidades favoráveis a RR são em menor quantidade.

Nos enunciados dessa comunidade, observamos a predominância de dois sentidos muito recorrentes para o nome RR e que, em nosso entendimento, foram

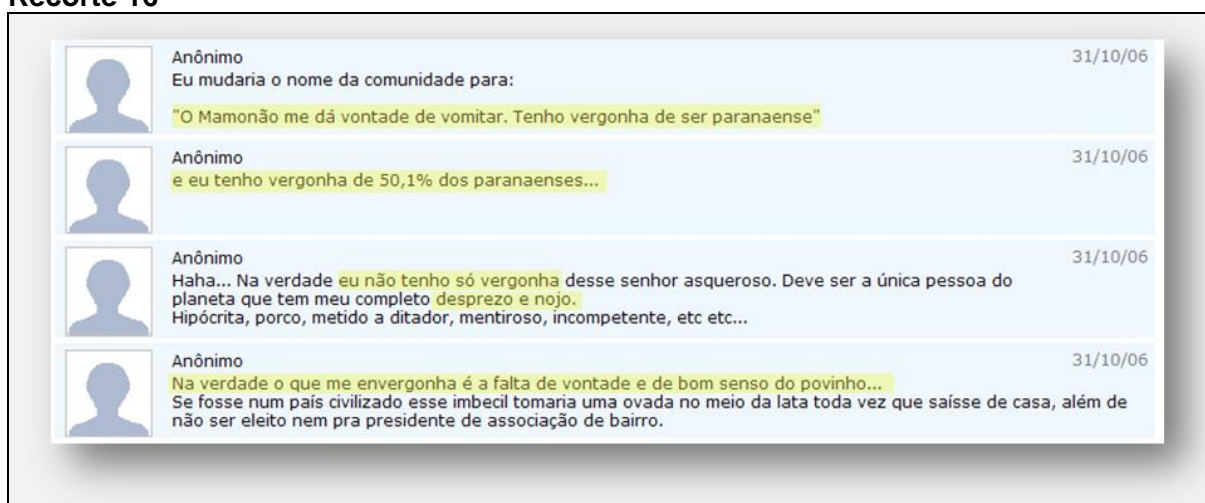


possibilitados pela circulação dos sentidos, com predominância para a desqualificação de RR, que demonstramos até aqui.

O primeiro sentido que se reproduz incessantemente no interior dessa comunidade é o sentido de “*vergonha*”. Esse sentido se apresenta não apenas no enunciado-título ***O Requião me envergonha***, mas também no interior da maioria dos tópicos da comunidade, como se observa nos enunciados do recorte seguinte.

## O Requião me envergonha

### Recorte 16



Recorte extraído do Orkut<sup>66</sup>.

Nos enunciados acima, recupera-se o episódio eleitoral e o sentimento daqueles que se opõem à reeleição de RR: ***Tenho vergonha de ser paranaense*** ou ***e eu tenho vergonha de 50,1% dos paranaenses***, em uma referência direta ao número/resultado de votos válidos que o governador obteve na apertada disputa eleitoral do ano de 2006, mostrando que quase a metade dos paranaenses não votaram em RR; ou, a memória discursiva mobilizada sobre os políticos atuais e sobre RR e os sentidos que vimos circulando nos inúmeros vídeos sobre o político que possibilitam a produção de enunciados como, *hipócrita*, *mentiroso*, *incompetente*, entre outros; ou, ainda, a recuperação interdiscursiva de dizeres como “o povo não sabe votar”, produzida no último enunciado: ***o que me envergonha é a falta de vontade e de bom senso do povinho... se fosse num país civilizado***. Esse enunciado opera com o imaginário discursivo de que em países de primeiro mundo o povo teria uma consciência política maior.

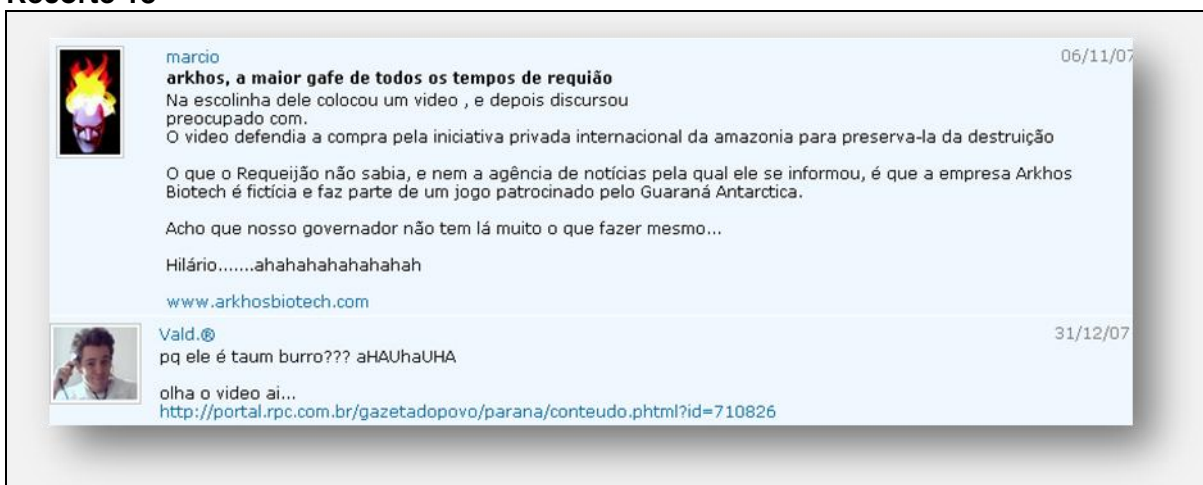
<sup>66</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=7215447>. Acesso em 15 Jul 2008.

Entendemos, portanto, que a produção desse enunciado, e a popularidade dessa comunidade, não se limita ao fato de ter havido grande repercussão de acontecimentos político-midiáticos. Ele surge, como um efeito maior, que tem relação com muitos outros discursos em torno desse político, e, que encontram na materialidade virtual um espaço de multiplicação, como já mostramos na análise dos diversos vídeos que circulam pelo *YouTube*, que trazem à tona diferentes temas.

Assim, retornamos nossa visita aos duzentos e noventa e dois tópicos para compreender, enfim, como esta rede social se liga a tantas outras redes de sentidos, de sujeitos e de memórias, enfatizando o sentido de que RR “*envergonha os paranaenses*”.

A seguir destacamos alguns recortes que nos indicam a constante relação entre enunciados verbais e os vídeos televisivos, retomados pelos sujeitos e-leitores de uma forma que nos leva a um agrupamento de diferentes enunciados em torno de RR, a partir de filiações político-ideológicas contrárias a esse político.

### Recorte 18

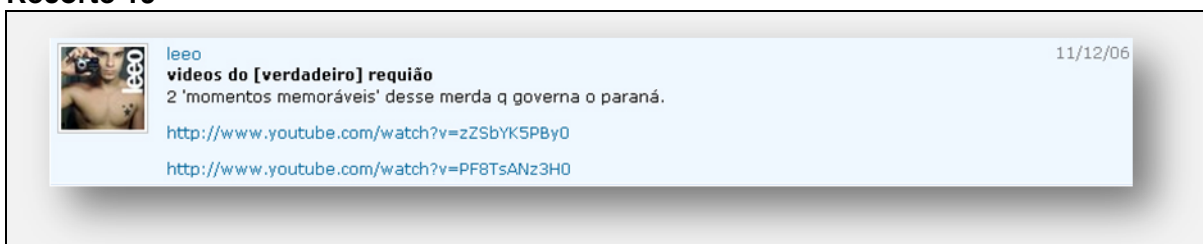


**marcio** 06/11/07  
**arkhos, a maior gafe de todos os tempos de requião**  
 Na escolinha dele colocou um video , e depois discursou preocupado com.  
 O video defendia a compra pela iniciativa privada internacional da amazonia para preserva-la da destruição  
 O que o Requeijão não sabia, e nem a agência de notícias pela qual ele se informou, é que a empresa Arkhos Biotech é fictícia e faz parte de um jogo patrocinado pelo Guaraná Antarctica.  
 Acho que nosso governador não tem lá muito o que fazer mesmo...  
 Hilário.....ahahahahahahahah  
[www.arkhosbiotech.com](http://www.arkhosbiotech.com)

**Vald.@"** 31/12/07  
 pq ele é taum burro??? aHAUhaUHA  
 olha o video ai...  
<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/parana/conteudo.phtml?id=710826>

Recorte extraído Orkut, cf. referência recorte 12.

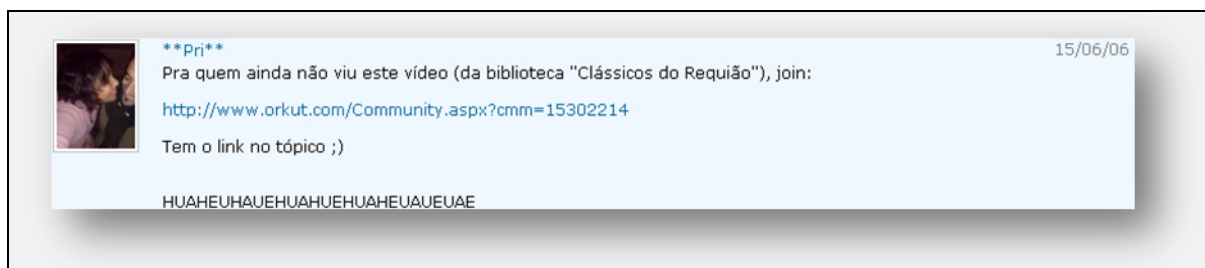
### Recorte 19



**leeo** 11/12/06  
**videos do [verdadeiro] requião**  
 2 'momentos memoráveis' desse merda q governa o paraná.  
<http://www.youtube.com/watch?v=zZSbYK5PBy0>  
<http://www.youtube.com/watch?v=PF8TsANz3H0>

Recorte extraído Orkut, cf. referência recorte 12

### Recorte 20



Recorte extraído Orkut, cf. referência recorte 12.

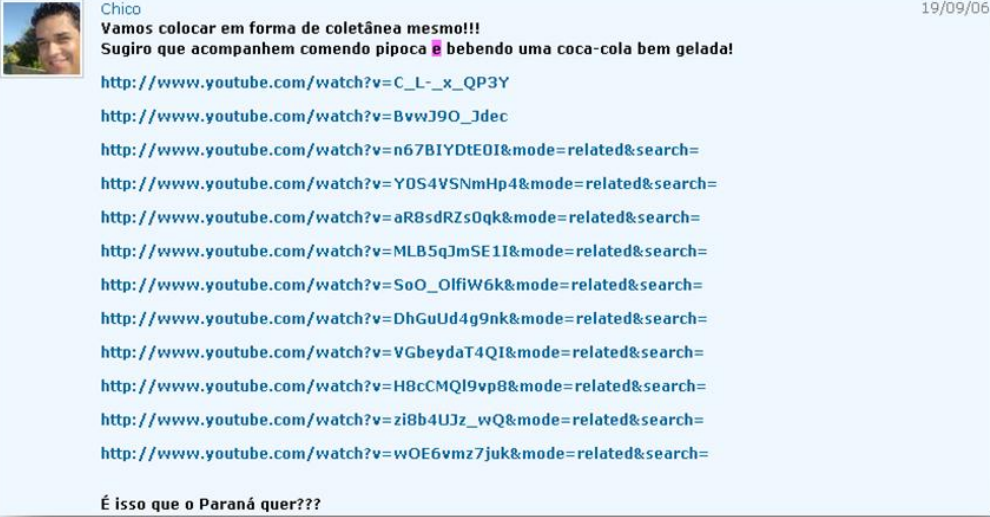
Nos recortes acima temos a presença de *links* que recuperam diferentes episódios referentes a RR. A retomada do caso *Arkhos Biotech* e as construções “**momentos memoráveis**” e “**clássicos do Requião**”, nos dois últimos recortes, indicam que os vídeos *engraçados* e ou *absurdos* protagonizados por RR são muitos e que circulam indefinidamente nas comunidades, sempre em forma de ironia, desqualificação, boato.

Temos, ainda, no tópico recortado a seguir, uma tentativa de unificação dos vídeos como uma espécie de demonstração de quem seria o “verdadeiro” RR. Os sentidos produzidos pelos enunciados que retomam tantos episódios, somados ao enunciado “**É isso que o Paraná quer???**”, ao final da listagem dos *links*, indicam que a estabilização dos sentidos, que vão sendo recuperados vídeo a vídeo, *link a link*, acabam produzindo efeitos para o campo político eleitoral em função de sua ampla recuperação, divulgação, retomada. Esses enunciados apresentam ainda a singularidade de interpelarem os sujeitos e-leitores, chamando-os a assumirem um lugar político determinado: o de eleitores paranaenses.

Os efeitos de sentidos negativos produzidos pelos *links* do recorte que segue, por exemplo, mostram que, cada vez mais, os sujeitos são “enredados” pelas tramas hipertextuais que aí se engendram dia após dia. Nesse caso específico, essa “trama digital” pode significar uma forma de coerção (deliberada ou não) dos e-leitores paranaenses.

A visualização dos vídeos recuperados através dos *links*, reunidos nesse tópico, sem estarem referidos à suas reais condições de produção, submetidos à tantas designações, relatos, comentários, possibilitados pela ordem material da linguagem hipertextual, acaba por construir, no interior dessa comunidade, um arquivo determinado para o político analisado.

## Recorte 21



Chico 19/09/06

Vamos colocar em forma de coletânea mesmo!!!  
Sugiro que acompanhem comendo pipoca e bebendo uma coca-cola bem gelada!

[http://www.youtube.com/watch?v=C\\_L-\\_x\\_QP3Y](http://www.youtube.com/watch?v=C_L-_x_QP3Y)  
[http://www.youtube.com/watch?v=BvwJ9O\\_Jdec](http://www.youtube.com/watch?v=BvwJ9O_Jdec)  
<http://www.youtube.com/watch?v=n67BIYDEOI&mode=related&search=>  
<http://www.youtube.com/watch?v=Y0S4V5NmHp4&mode=related&search=>  
<http://www.youtube.com/watch?v=aR8sdRZs0qk&mode=related&search=>  
<http://www.youtube.com/watch?v=MLB5qJmSE1I&mode=related&search=>  
[http://www.youtube.com/watch?v=SoO\\_OlfiW6k&mode=related&search=](http://www.youtube.com/watch?v=SoO_OlfiW6k&mode=related&search=)  
<http://www.youtube.com/watch?v=DhGuUd4g9nk&mode=related&search=>  
<http://www.youtube.com/watch?v=VGbeydaT4QI&mode=related&search=>  
<http://www.youtube.com/watch?v=H8cCMQI9vp8&mode=related&search=>  
[http://www.youtube.com/watch?v=zi8b4UJz\\_wQ&mode=related&search=](http://www.youtube.com/watch?v=zi8b4UJz_wQ&mode=related&search=)  
<http://www.youtube.com/watch?v=wOE6vmz7juk&mode=related&search=>

É isso que o Paraná quer???

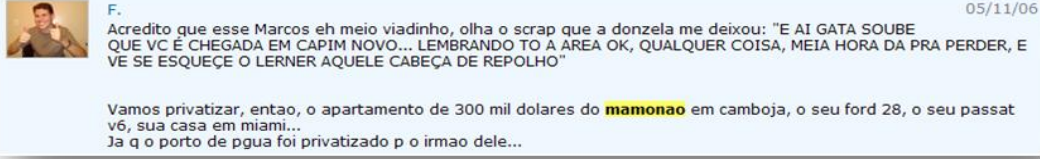
Recorte extraído *Orkut*, cf. referência recorte 12

A partir desse conjunto de enunciados que se reagrupam, a imagem de RR estará para sempre negativizada – pelo menos enquanto esses enunciados e sentidos predominarem e circularem no ambiente da Internet.

Outra construção discursiva originada pela circulação de tantos enunciados que conferem a RR uma imagem de um sujeito *ignorante, trouxa, desqualificado*, entre outros, é a que possibilitou aos sujeitos e-leitores designarem RR como: “o *mamonão*”. Entre as comunidades mais visitadas, vimos a emergência dessa designação de recorrente. Como podemos observar no recortes que seguem.

## Requião: o mamonão

### Recorte 22



F. 05/11/06

Acredito que esse Marcos eh meio viadinho, olha o scrap que a donzela me deixou: "E AI GATA SOUBE QUE VC É CHEGADA EM CAPIM NOVO... LEMBRANDO TO À ÁREA OK, QUALQUER COISA, MEIA HORA DA PRA PERDER, E VE SE ESQUECE O LERNER AQUELE CABEÇA DE REPOLHO"

Vamos privatizar, entao, o apartamento de 300 mil dolares do **mamonao** em camboja, o seu ford 28, o seu passat v6, sua casa em miami...  
Ja q o porto de pgua foi privatizado p o irmao dele...



Recortes extraídos do *Orkut*, cf. referência recorte 12

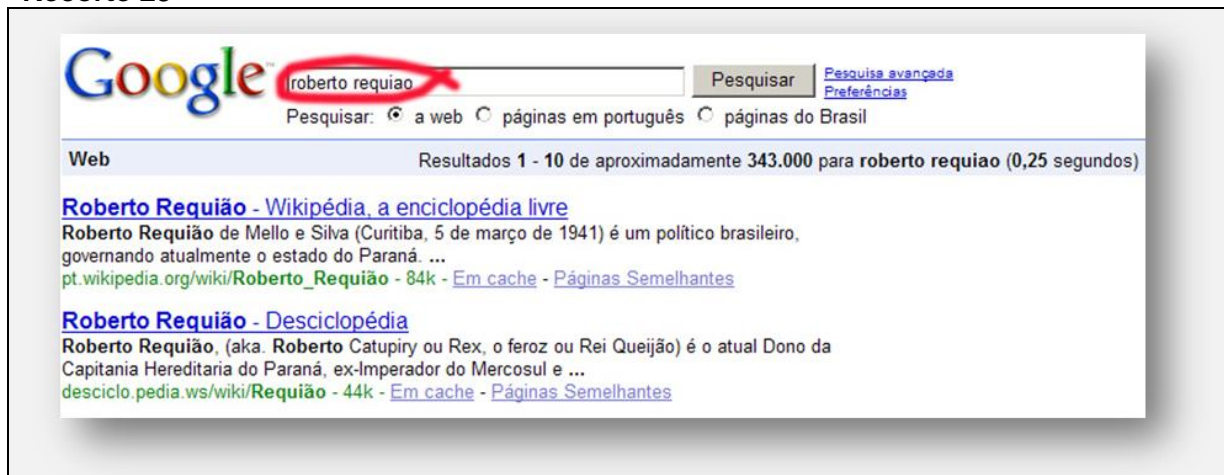
O uso de “*mamonão*” é, portanto, uma regularidade das comunidades de oposição política à RR, e designa a complexa relação entre discurso midiático e sua espetacularidade, o discurso político e sua dualidade (contrários e favoráveis), o discurso eletrônico, que permite o uso público de termos pejorativos para a desqualificação de uma personalidade política, possibilitando a existência de “apelidos” que, em uma esfera pública e midiática, adquire proporções que extrapolam o nível político estadual.

E agora, para onde nos leva a “onda” do discurso político-eletrônico? Retornamos novamente à “praia” do *Google*, buscando desta vez pelo nome Roberto Requião.

#### 4.4 OUTRAS LIGAÇÕES: ARQUIVO E MEMÓRIA

Depois de uma busca no *Google* pelo nome RR, obtivemos como primeiros resultados um *link* para o *site* da *Wikipédia* e outro para o *site* da *Desciclopédia*.

## Recorte 29



Recorte extraído do *Google*<sup>67</sup>.

Considerando a diferença apresentada entre os dois *sites* em torno do verbete construído para o nome RR e, ainda, que esses revelam diferentes posicionamentos discursivos, discutiremos, a partir daqui, o funcionamento dos enunciados políticos desses *sites* que não são considerados redes sociais, como os analisados anteriormente, mas sim colaborativos.

Nesses *sites* os “muitos” sujeitos constroem um texto único, produzindo um efeito de unidade de sentidos que leva ao fechamento dos sentidos políticos. A questão do funcionamento do hipertexto remetida às noções de arquivo e memória nos interessa, uma vez que o “discurso político é um lugar de memória” (Courtine, 2006, p. 79). Assim, a análise dos *sites* nos permite compreender qual a relação dos sujeitos e-leitores com as memórias que funcionam no ambiente eletrônico, bem como, as mutações que esse funcionamento produz para o discurso político.

A partir da análise dos sentidos produzidos por cada verbete é possível descrever as posições políticas dos sujeitos que participam de um e outro site em sua relação com a exterioridade, com o interdiscurso. Consideramos, assim, que o modo como os diferentes *sites* recuperam determinadas memórias, construindo sentidos diferentes para o nome RR é constitutivo dos mecanismos ideológicos que funcionam para os diferentes sujeitos que habitam o ambiente eletrônico, lugares de

<sup>67</sup> Disponível em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=requiiao&meta=&aq=f&oq=>. Acesso em: 15 jan 2008.

identificação/desidentificação que nos mostram “as formas discursivas da memória política” (Courtine, 2006, p. 89) no espaço eletrônico.

Nas análises anteriores, vimos como os enunciados políticos circulam pelas redes sociais, com suas repetições e deslocamentos, produzindo sentidos variados para a discursivização em torno de acontecimentos político-midiáticos. Agora, pretendemos descrever como os enunciados, que circularam (e ainda circulam) em diferentes *sites* da Internet, permitem aos sujeitos políticos da Internet construir imagens determinadas para o político RR. De um lado a *Wikipédia* como lugar de paráfrase do discurso político-tradicional, com seu compromisso com a “verdade”, a “objetividade”, a “neutralidade”, distanciando-se dos discursos “anônimos” que circulam nas redes sociais e em fóruns públicos. De outro lado, a relação interdiscursiva que a *Desciclopédia* estabelece com o discurso eletrônico e seu imaginário técnico-libertário presente nos enunciados políticos produzidos nas redes sociais, mostrando um distanciamento e uma ruptura com a formação discursiva tradicional. O que se pode dizer e lembrar sobre o político RR, em um e outro *site*? O que um discurso político deveria “silenciar” e o que o discurso político-eletrônico não deve deixar esquecer?

Veremos que nos *sites wikis* a existência do *links* é fator fundamental para a construção do texto final, mas não é, como querem alguns, garantia de que esse espaço constrói um texto democrático e aberto. Entendemos que a lógica organizacional e ideológica desses dois *sites* são, portanto, bem diferenciadas daquela das redes sociais, por não permitir aos sujeitos qualquer tipo de recuperação, e, por garantir concretamente o acionamento de uma memória x e não y.

Assim o poder dos acessos e dos acessamentos, tantas vezes idealizado pelo chavão repetitório de liberdade, limita-se ao gesto de inscrever-se em locais que já foram autorizados, previamente lidos e nos quais palavras foram acomodadas e postas em discurso. Também vale a ressalva de que a rede eletrônica não aceita todos igualmente nem atribui o mesmo suposto-saber e poder a todos de maneira igualitária. (ROMÃO, 2007)

Os *links* são, portanto, do ponto do discurso, um “mecanismo discursivo” e não mero procedimento técnico. Um *link* pode ser visto como uma via de democratização dos discursos, mas também “faz sentidos, estabiliza circuitos, fixa evidências” (Morello, 2003, p. 122-123). Nessa perspectiva, um *link* é entendido,

também nesse trabalho, a partir de sua relação contraditória de “abertura/fechamento de sentidos”.

A *Wikipédia* tem como proposta construir uma enciclopédia virtual livre e gratuita (todos podem editar os verbetes), possui ainda um regulamento interno regido pelos princípios da objetividade e imparcialidade. Nesse *site* os princípios estão delimitados a partir da definição da *Wikipédia*, segundo aquilo que ela não é, como segue

[...] A Wikipédia não é um repositório de informação indiscriminada. A Wikipédia não é um dicionário, não é uma página onde se coloca o currículo, um fórum de discussão, um diretório de *links* ou uma experiência política. A Wikipédia não é local apropriado para inserir opiniões, teorias ou experiências pessoais. Todos os editores da Wikipédia devem seguir as políticas que não permitem a pesquisa inédita e procurar ser o mais rigorosos possível nas informações que inserem. (WIKIPÉDIA, 2007)

A *Desciclopédia* tem como proposta, parodiar o *site* da *Wikipédia*, invertendo o princípio de “informação” que rege a *Wikipédia*. Define-se, portanto, como uma des-ciclopédia, ou uma enciclopédia invertida, regida pelo princípio da “des-informação”, abrindo desse modo, lugar para a paródia.

Desciclopédia é uma enciclopédia cheia de desinformação e mentiras. Coisa pra quem não tem o que fazer. [...] Tudo vale, como se fosse uma suruba. [...] Acima de tudo, tente ser divertido e não apenas estúpido. A missão da Desciclopédia é providenciar os engodos do mundo em toda a sua terrível glória e do jeito mais sarcástico e humorístico possível. Ofensas são bem-vindas, esperadas e refeitas durante a leitura da Desciclopédia.” (DESCICLOPÉDIA, 2007)

Como vimos a paródia é uma das características principais do discurso político-eletrônico, através de estratégias discursivas, como as que provocam o riso, os sujeitos conseguem tanto uma maior visibilidade (pelo caráter viral desse tipo de discurso na rede), quanto subverter o discurso político e/ou midiático tradicional através da desqualificação ou desmoralização do objeto parodiado.

No caso específico da *Wikipédia* e da *Desciclopédia* temos uma paródia que não está localizada, necessariamente, no nome RR, mas antes na organização e no discurso considerado wikipedista. Em outras palavras, o que é parodiado nesse ambiente é o discurso “objetivo” e “imparcial” da *Wikipédia* que, por sua vez,



possibilita a criação de um verbete sobre RR que deverá, necessariamente, divergir do verbete do *site* parodiado.

Sendo assim, o funcionamento discursivo da *Desciclopédia*, em nosso entendimento, mostra-se como uma forma de resistência dos sujeitos e-leitores ao discurso político-midiático tradicional, já que a *Wikipédia* se mostra em uma relação parafrástica com esse discurso, enquanto a *Desciclopédia* estabelece uma relação que pretende – seja em forma de paródia ou mesmo ofensiva – romper com as formas tradicionais dos discursos estabilizados (já que não possui somente verbetes sobre político).

Retomamos aqui, os índices dos dois *sites* que estabelecem, a partir de uma organização semelhante, diferentes funcionamentos com relação aos recortes de memória que os dois *sites* realizam e a produção de memória política que instauram.

### Recorte 30

#### *Wikipédia*

#### *Desciclopédia*

<b>Índice [esconder]</b>	<b>Tabela de conteúdo [esconder]</b>
1 Trajetória política	1 Um pai de família
2 Historiografia	2 Alimentação
2.1 Prefeitura de Curitiba (1986-1988)	3 Grandes Obras
2.2 Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Paraná (1989-1990)	4 Escolinha do Professor Rei Queijão
2.3 Governo do Paraná (1991-1994)	5 Cozinha Maravilhosa do Rei Queijão
2.4 Senador (1995-2002)	6 No "mundo fashion"
2.5 Governo do Paraná (2003-2006)	7 Na política
2.6 Reeleição ao Governo do Paraná em 2006	8 Veja também
3 Ligações externas	9 Links externos

Recortes extraídos da *Wikipédia*<sup>68</sup> e *Desciclopédia*<sup>69</sup>.

Embora utilizem a mesma estrutura, o índice da *Wikipedia* está mais próximo de um índice de biografia política, traçando uma determinada história de RR, relatando sua trajetória política, suas ações nos cargos políticos que ocupou, sua reeleição para o governo do Paraná. Constrói, enfim, enunciados que estão em relação horizontal, ou seja, busca estabelecer uma memória política de RR em relação direta aos discursos político-midiáticos estabilizados, sem margens para “boatos” ou enunciados de tipo novo. Como define a própria *Wikipédia*, seus colaboradores “devem seguir as políticas que não permitem a pesquisa inédita”. Por

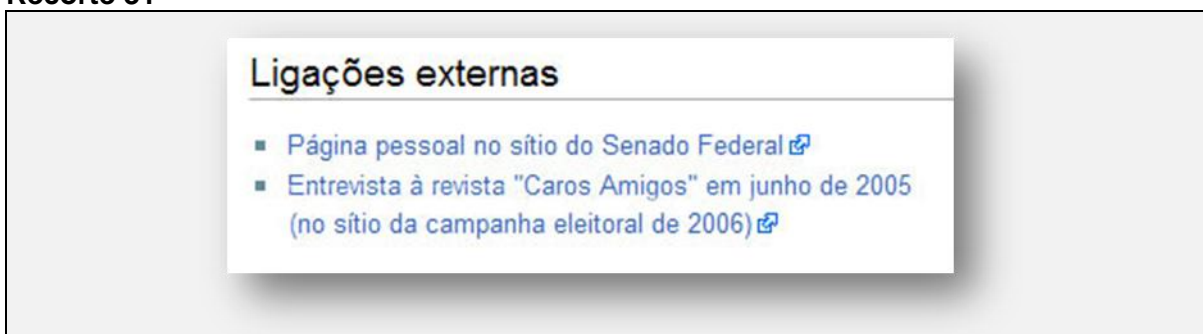
<sup>68</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto\\_Reaqui%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Reaqui%C3%A3o). Acesso em: 15 Jan 2008.

<sup>69</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requi%C3%A3o>. Acesso em: 15 Jan 2008.

outro lado, a *Desciclopédia* também busca relatar uma trajetória para RR, destacando algumas características do político aliados a episódios político-midiáticos do qual RR foi protagonista e “silenciando” os discursos institucionalizados sobre o político.

Pela observação dos dois últimos itens de cada índice temos, na *Wikipédia*, o item *ligações externas*<sup>70</sup> e, na *Desciclopédia*, o item *Links externos*. As *ligações externas* da *Wikipédia* apresentam os seguintes *links*

### Recorte 31



Recorte extraído *Wikipédia*<sup>71</sup>

O primeiro *link* nos direciona para a página do Senado Federal<sup>72</sup>, e o segundo para a página da entrevista concedida por RR à revista Caros Amigos<sup>73</sup>. Nenhum desses dois *links* retomam qualquer episódio sobre RR que seja de caráter agressivo ou pejorativo. Em *links externos*, na *Desciclopédia*, temos os seguintes *links*

### Recorte 32



Recorte extraído da *Desciclopédia*<sup>74</sup>.

<sup>70</sup> Importante observar que nossa análise se baseia na busca em um único dia 15/02/2007, uma vez que o texto deste artigo é constantemente modificado, por exemplo, em outro período já encontramos nas ligações externas um link para esse episódio, e hoje no momento que escrevemos esse texto, o artigo está novamente modificado, foi excluído o *link* para a entrevista da Caros Amigos e há somente o *link* para o Senado. Por ser uma enciclopédia colaborativa os sujeitos podem entrar e alterar o texto a qualquer momento, desde que achem que o *link* da entrevista pode prejudicar a “imparcialidade” e “objetividade” do artigo.

<sup>71</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto\\_Reaqui%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Reaqui%C3%A3o). Acesso em: 15 Jan 2008.

<sup>72</sup> Disponível em: [http://www.senado.gov.br/sf/senadores/senadores\\_institucional.asp?leg=&tipo=3&nlegis=72](http://www.senado.gov.br/sf/senadores/senadores_institucional.asp?leg=&tipo=3&nlegis=72).

<sup>73</sup> Este *link*, no entanto, não estava mais disponível na época de nossa consulta, mas tivemos acesso à edição impressa dessa entrevista e não consta nela nenhuma referência a episódios pejorativos ou midiáticos sobre RR.

<sup>74</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requi%C3%A3o>. Acesso em: 15 Jan 2008.

O primeiro *link*, “*Requião vs. Agentes Penitenciários*”<sup>75</sup>, nos direciona para um vídeo de RR, disponível no *site* do *YouTube*, também muito divulgado na Internet, em que RR responde à interpelação de um agente penitenciário enquanto concede autógrafos a crianças e professores de uma escola.

A divulgação desse vídeo popularizou os enunciados produzidos por RR “*vão trabalhar se não é pau, polícia e cacete*” e “*é cacete e cadeia!*”, como já vimos no vídeo *Rap do Requião*. O segundo, “*Degustando Mamona*”<sup>76</sup>, nos direciona para um dos vídeos dos telejornais sobre o episódio da mamona, já analisados anteriormente. O terceiro *link*, “*Requião Cabra Hômi*”<sup>77</sup>, nos direciona para outro vídeo também do *YouTube*, em que RR realiza um discurso no interior do Paraná, reagindo a vaias e manifestação de agricultores, produzindo o enunciado, também famoso na Internet, “*enfiem a faixa no rabo!*”.

Considerando que nenhum desses episódios, ou vídeos, estão referidos nas páginas da *Wikipédia* é possível dizer que a materialização/ligação que os *links* propostos realizam entre esses acontecimentos políticos-midiáticos, indicam que os sujeitos-usuários da *Desciclopédia* se filiam a uma rede de sentidos que recuperam uma memória discursiva em que RR é um político cujo discurso é “grosseiro” ou “direto”. Essa filiação, portanto, não irá aparecer no artigo wikipedista, uma vez que esse *site* não permite a abertura para os discursos “não verificáveis”, que fazem parte do caráter dos enunciados individuais da Internet.

Nesse sentido, a análise dos dois *sites* mostram que se o discurso da *Wikipédia* se fecha em enunciados que possuem a mesma estrutura do discurso político tradicional, o discurso da *Desciclopédia*, por sua vez, apresenta a possibilidade de outras relações históricas em torno do nome de RR, ainda que esta se dê em forma de paródia.

Se, na *Wikipédia*, há o silenciamento do acontecimento político-midiático da mamona, na *Desciclopédia*, veremos que esse será o acontecimento mais retomado para a construção do verbete *Roberto Requião*. Trazemos a seguir, alguns desses enunciados para compreendermos como a repetição desse acontecimento político-midiático segue no interior da rede, construindo sentidos cada vez mais negativos para RR e os políticos de um modo geral.

<sup>75</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=fXx934cxWy8>


<sup>76</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uR1i-w9QUEA>


<sup>77</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=VFro9yRLdo0>

### Recorte 33

#### Alimentação

Roberto Requião é o único político do Brasil a realizar um atentado contra si mesmo. Requião pegou um punhado de mamonas e enfiou na boca, ameaçando engolir as sementes e, com elas, as tóxicas. Foi advertido por Lula de que as mamonas eram tóxicas e apesar da advertência, Requião estava disposto a engolir tudo, argumentando que a mor dele representaria uma renovação na política paranaense. No final ele acabou sendo convencido por Lula a cuspir e sobreviver, infelizmente. Atática de "cuspir e sobreviver", aliá é a preferida de Requião que garante cuspir apenas "nos poderosos" embora ninguém saiba quem é mais poderoso no Paraná que o dono da capitania hereditária. Depois do incidente com as mamonas, Requião mudou a dieta e hoje em dia prefere a carne crua da Galha Azul.



Prato apreciado por Requião. 

Recorte extraído da Desciclopédia<sup>78</sup>.


No recorte acima, retoma-se as formas do discurso de RR para criticá-lo, recuperando interdiscursivamente outras memórias políticas como os discursos de que RR é um ditador, “**dono da capitânia hereditária**”, os discursos que qualificam RR como um político de extrema esquerda (embora ele seja de um partido considerado de centro - PMDB), os sucessivos cargos que já ocupou no Estado. Outras memórias mobilizadas nos enunciados da *Descilopédia* também giram em torno de acontecimentos político-midiáticos como os presentes no item **Grandes obras**, entre eles o acontecimento da mamona.

### Recorte 34

#### Grandes Obras

O jornalista de quatro dedos: Requião tentou arrancar o dedo de um jornalista que divergia ideologicamente dele e do presidente Lula. Na ocasião Requião afirmou que, com um dedo a menos, o jornalista entenderia melhor o presidente.

O nepotismo esclarecido: Requião cunhou o termo, hoje usado mundialmente por políticos que querem empregar seus parentes.

O vídeo das mamonas: [http://www.youtube.com/watch?v=tw-GBa0\\_Rpo](http://www.youtube.com/watch?v=tw-GBa0_Rpo) 

A camisa jeans: Antes de querer ser político, Requião queria ser desenho animado e usar sempre a mesma roupa. Optou pela camisa jeans e deu uma grande contribuição para a moda, provando que o jeans serve mesmo para todas as ocasiões (inclusive para correr no parque).

A filha.

Recorte extraído da Desciclopédia<sup>79</sup>.

<sup>78</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requi%C3%A3o>. Acesso em: 15 Jan 2008.

E, no item 5, novamente a recuperação do acontecimento político-midiático da mamona

### Recorte 35

**Cozinha Maravilhosa do Rei Queijão**

Em seu primeiro programa de culinária, Rei Queijao ensinou seus secretários e seus súditos da **Capitania Hereditária do Paraná** a cozinhar e fritas ovos. Trata-se de uma arte muitíssimo complicada só podendo ser exercida com refinada arte. O primeiro passo é checar se o ovo não contém um pintinho dentro, uma vez que constituiria imensa tragédia se cozinhar com pinto dentro.



Recorte extraído da Desciclopédia<sup>80</sup>.

Nas construções acima estão reunidos dois acontecimentos político-midiáticos, o da mamona e o do aparecimento de RR, no programa Escola de Governo que vai ao ar todas as terças-feiras, na TV Educativa<sup>81</sup>, em que ele aparece passando uma receita culinária. Nessa ocasião, proibido por ordem judicial de falar durante o programa de alguns temas e personalidades políticas, RR apresenta no seu horário uma receita culinária, alegando que não seria possível tratar dos assuntos que interessam ao Paraná, sem denunciar alguns atos e personalidades políticas, sendo melhor usar a televisão para passar receitas culinárias. Seu gesto

<sup>79</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requi%C3%A3o>. Acesso em: 15 Jan 2008.

<sup>80</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requi%C3%A3o>. Acesso em: 15 Jan 2008.

<sup>81</sup> Em 17 de janeiro de 2008, “o desembargador federal atendendo ao pedido da Procuradoria Regional da 4ª Região, ligado ao Ministério Público Federal (MPF). Lippmann entendeu que durante a reunião com o secretariado Requião “teve nítido caráter vexatório ao Poder Judiciário” - o que estava proibido judicialmente de fazer. Durante a “Escola de Governo” Requião passou uma receita de ovo frito como forma de ironizar a suposta “censura” contra ele - método usado nos tempos da Ditadura, quando alguns jornais brasileiros publicavam receitas nos espaços destinados para matérias censuradas pelos militares”. (Gazeta do Povo, Disponível em: <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/parana/conteudo.phtml?tl=1&id=731115&tit=Justica-proibe-retransmissao-da-Escola-de-Governo-por-outra-emissora>. Acesso em: 15 abril de 2008.

retoma a memória política do período da ditadura em que jornalistas publicavam receitas para substituir os textos censurados.

Outro nível discursivo do *site* é a relação que esse estabelece com uma memória de arquivo interna, remetendo a outros artigos da *Desciclopédia*. Vemos no item ***Veja Também*** que o acontecimento político-midiático da mamona construiu sentidos apenas para o nome RR, mas ressignificou também os verbetes construídos para os nomes ***mamona*** e ***mamonas assassinas***.

### Recorte 36

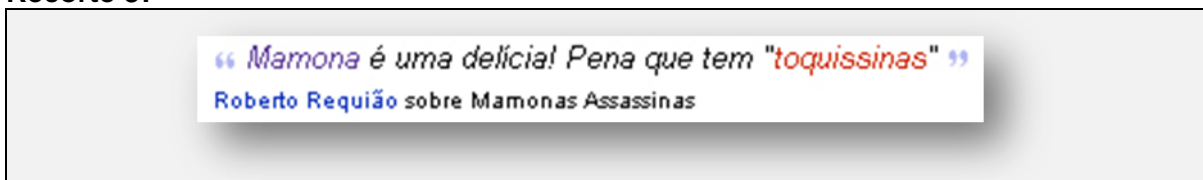


Recorte extraído da Desciclopédia<sup>82</sup>.

Os links *Mamonas Assassinas*<sup>83</sup> e *Mamona*<sup>84</sup>, nos direcionam para outros dois artigos da *Desciclopédia*.

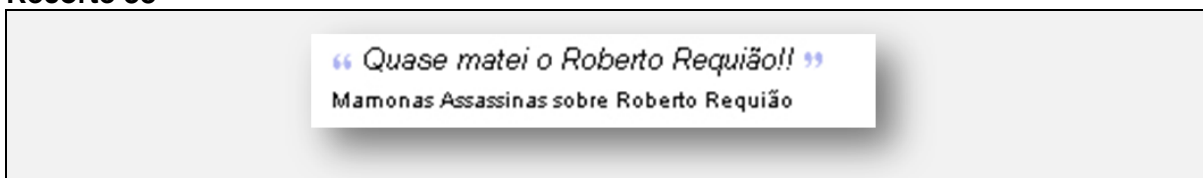
No primeiro, o artigo/verbo sobre o grupo musical Mamonas Assassinas<sup>85</sup>, encontramos duas referências a Requião

### Recorte 37



Recorte extraído da Desciclopédia<sup>86</sup>.

### Recorte 38



Recorte extraído da Desciclopédia<sup>87</sup>.

<sup>82</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requi%C3%A3o>. Acesso em: 15 Jan 2008.

<sup>83</sup> Disponível em: [http://desciclo.pedia.ws/wiki/Mamonas\\_Assassinas](http://desciclo.pedia.ws/wiki/Mamonas_Assassinas)

<sup>84</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Mamona>

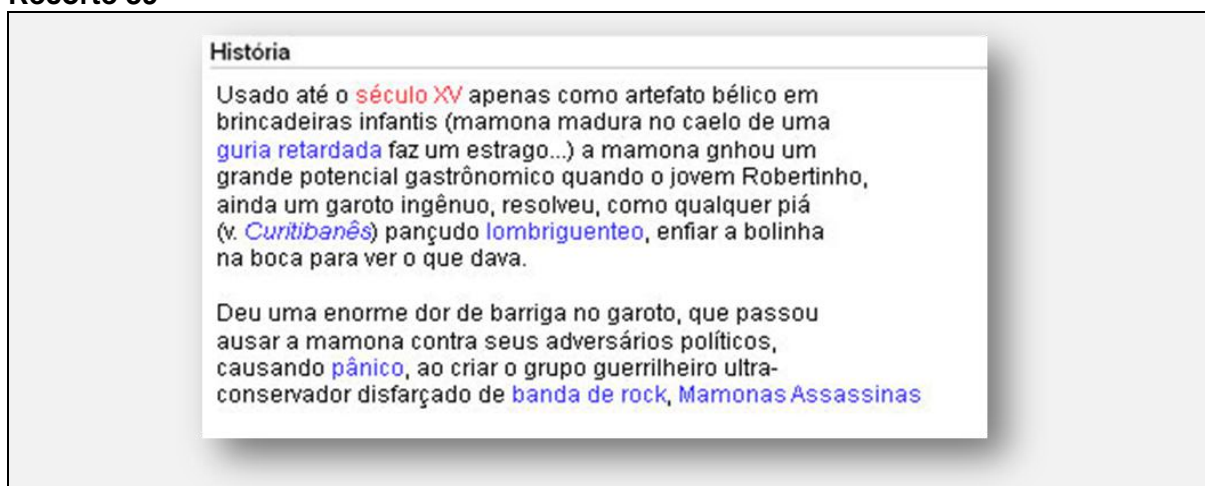
<sup>85</sup> O grupo musical Mamonas Assassinas fez um grande sucesso na década de 1990 com seu rock satírico influenciado por gêneros populares como forró, sertanejo, além de hard rock, Punk e música portuguesa. No auge de sua carreira a banda sofreu um acidente aéreo que levou a vida de todos os seus integrantes. (Wikipédia, disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Mamonas\\_Assassinas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mamonas_Assassinas). Acesso: 10/12/2008).

<sup>86</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requi%C3%A3o>. Acesso em: 15 Jan 2008.

No primeiro quadro os artigos realizam uma paródia recuperando a estrutura textual de uma das músicas do grupo e relacionando-a ao enunciados de RR quando ele diz que mamona “é bom!”, em **“mamona é uma delícia, pena que tem toxissinas”** e **“Comer tatu é bom, pena que dá dor nas costas”**. Esse jogo com o nome do grupo e a recuperação hipertextual que retoma a letra de uma das músicas do grupo, pode ser visto em muitos enunciados da *Desciclopédia*, indicando a relação entre o nome do grupo *mamonas assassinas* e o fato de mamonas terem *toxina*, operando com o trocadilho que permite dizer que, como o próprio nome do grupo diz, mamonas são “assassinas”, e, portanto, não-comestíveis.

No *link* **mamonas**, também vemos a ressignificação dos sentidos do verbete em função do acontecimento político-midiático.

### Recorte 39



Recorte extraído da Desciclopédia<sup>88</sup>.

Misturando em seu enunciado personalidades reais com histórias fictícias, o recorte acima, também reforça a comicidade do acontecimento político-midiático. Juntam-se nesse recorte uma definição de mamona que passou a possuir diferentes propriedades, em função da notoriedade que adquiriu, tanto pelo acontecimento político-midiático, quanto pela existência de um grupo de Rock brasileiro chamado Mamonas Assassinas. Esses sentidos se aprofundam na continuação do verbete, se considerarmos que os enunciados são coletivos e construídos gradativamente. Em alguns recortes do verbete temos enunciados que não estão apenas no plano da paródia ou do cômico, mas fazem funcionar sentidos políticos.

<sup>87</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requi%C3%A3o>. Acesso em: 15 Jan 2008.

<sup>88</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requi%C3%A3o>. Acesso em: 15 Jan 2008.

Vemos que o enunciado-título ***Mamona Transgênica***, presente no recorte seguinte, recupera interdiscursivamente o acontecimento político-midiático da mamona, com seus sentidos já estabilizados, e a proibição de RR para o uso de sementes transgênicas na agricultura paranaense. De forma cômica e irônica, esses sentidos se cruzam nos recortes acima, produzindo o riso e desqualificando o posicionamento do governador no caso em que proíbe o uso de transgênicos, como segue:

#### Recorte 40

##### Mamona Transgênica

Com a baixa de sua principal **arma biológica**, Requião teve que recorrer às experiências bioquímicas do **Dr. Fritz** para criar uma segunda forma de arma de destruição em massa, a qual foi batizada de mamona transgênica.

Durante a pesquisa, temendo que seus opositores criassem uma arma de contra-ataque, Requião proibiu a produção de **milho transgênico**, **feijão transgênico**, **soja transgênica**, **pepino transgênico**, **mandioca transgênica**, **nabo transgênico**, transgênicos, **gays, lésbicas, bissexuais, travestis e simpatizantes**.

O **trabalho** levou 15 anos para ser concluído e resultou na criação de mamona psicodélicas com sementes das quais se extrai, além do óleo diesel, um elemento hipnotizante que te faz falar sem **sotequêêêê gentêêêê** distorce a noção de realidade, tornando possível o controle das massas.

O plano era aproveitar um encontro de Requião com Lula, no qual o molusco apresentaria a nova fonte de energia renovável ao governador reich paranaense, sem saber que o mesmo já conhecia o produto Requião comeria a semente fazendo cara de quero mais de modo que, em questão de poucos **dias** os grandes produtores de ervilha em conserva passariam a produzir a mamona transgênica em larga escala, infectando todo o país, quisá o continente, ou até **O MUNDO**. **MWAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA...**

Acompanhe o trecho do diálogo entre Lula e Requião.

Recorte extraído da Desciclopédia<sup>89</sup>.

#### Recorte 41

Requião obviamente sabia dos efeitos da mamona e também já era imune, mas frente a



de uma declaração do presidente, para disfarçar, teve que conspirar a mamona.

De merchandising a hit do YouTube, o plano do imperador paranaense não vingou e ele ainda foi tachado de otário (não que não fosse)

Ainda assim, muitos de seus seguidores fanáticos passaram a dotar a dieta, que ficou conhecida como dieta mamonariana, e seus adeptos chamados mamonarianos ou mamonas, vivendo exclusivamente da semente e criando diversas receitas.

Recorte extraído da Desciclopédia<sup>90</sup>.

<sup>89</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requi%C3%A3o>. Acesso em: 15 Jan 2008.



Devido ao fato de tanto o episódio da mamona quanto a proibição dos transgênicos estarem no âmbito de questões que envolvem a agricultura (uma vez que o episódio da mamona ocorreu quando Lula iria falar sobre biodiesel ao governador), as relações estabelecidas nesses enunciados afetam a interpretação dos sujeitos sobre esses acontecimentos.

Vemos que os enunciados, apresentam uma formação discursiva heterogênea, uma vez que mobilizam saberes próprios da formação discursiva política, da formação discursiva midiática, e da formação discursiva eletrônica. Os sujeitos e-leitores, constroem, no ambiente virtual, outras formas de se significar politicamente. Esses novos sujeitos interferem nas relações e posições políticas estabilizadas, independentemente de seus posicionamentos políticos (contrários ou favoráveis), e, ainda, no reconhecimento da “não veracidade” e da “não legitimidade” do seu próprio discurso.

Nesse espaço ele está interpelado enquanto sujeito e-leitor, não apenas um eleitor, um cidadão, um brasileiro, um paranaense, mas um sujeito da técnica, que atua em um ambiente livre de coerções, que pode falar o que quiser e negar, ou resistir, às formas discursivas tradicionais.

Se no campo da política o sujeito comum foi sempre um mero espectador, e, o sujeito-cidadão foi sempre visto como “o palhaço” dos demandas políticos e das práticas midiáticas, no espaço eletrônico, onde predominam os enunciados coletivos e anônimos, os lugares comuns, os e-leitores tem a oportunidade de transformar em “palhaços” os sujeitos da política tradicional. Para esses sujeitos, a questão da “verdade”, da “objetividade” não se põe, uma vez que eles são movidos pelo desejo de “dar sua opinião” sobre determinado tema ou político. Não importa se sua opinião se baseia em “fatos verídicos” ou em “construções” produzidas na Internet, importa sua possibilidade de “falar”, de produzir sentidos.

Como os sujeitos da política reagirão à esses discursos? No caso de RR, como “resistir” ou “reforçar” certos sentidos que persistem em significá-lo no interior do arquivo da Internet? Entre a abertura e o fechamento das ligações interdiscursivas, das possibilidades de construções oferecidas pelos *links* podemos dizer que os sentidos que se estabelecem no arquivo da Desciclopédia para RR insiste na negatividade e desqualificação de sua imagem, mesmo quando se

---

<sup>90</sup> Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requi%C3%A3o>. Acesso em: 15 Jan 2008.

pretendem apenas cômicos. Por outro lado, os sentidos da *Wikipédia* não contribuem para positivá-lo perante os sujeitos e-leitores, uma vez que esses sujeitos não se identificam com a formação discursiva sob a qual funcionam os enunciados da *Wikipédia*, que parafraseam *sites* “nada confiáveis” para esses sujeitos, ou seja, *sites* como o do Senado Federal, que inspiram uma estrutura controlada.

É a partir dessa visão que vemos funcionar, nos enunciados dos sujeitos políticos da Internet, a resistência aos sentidos político-midiáticos institucionais. Embora eles carreguem muito da espetacularidade midiática, de alguma forma eles produzem seus deslocamentos, e ecoam no campo da política com suas constantes repetições, citações, retomadas. Desse modo, percebemos que “a insistência em alguns sentidos, pela repetição que a caracteriza, faz história, constitui ideologia. E interpela os sujeitos[...].” (MORELLO, 2003, p. 123).

#### 4.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE AS ANÁLISES

Considerando o objetivo geral que norteia este trabalho, buscamos enfatizar nas análises dos quatros diferentes *sites* da Internet: *YouTube*, *Orkut*, *Wikipédia* e *Desciclopédia*, o modo como os enunciados produzidos nesses *sites*, apontam para possíveis novas configurações para o discurso político na atualidade.

O ponto de partida para nossa entrada no ambiente eletrônico foi a recuperação do acontecimento político-midiático referente ao encontro político em que RR come sementes de mamona oferecidas pelo presidente Lula. A análise inicial do modo como o encontro foi discursivizado pela mídia televisiva nos permitiu demonstrar como a mídia televisiva transforma um episódio político em um *acontecimento midiático* recortando-o de forma espetacularizada, ou seja, pela ênfase dada ao ato individual de RR e não ao encontro político especificamente.

Esta forma de construção midiática produziu um recorte específico do encontro que direcionou as interpretações posteriores à exibição das reportagens televisivas. A partir dessas condições de produção, o fato de o governador RR ter aparecido em rede nacional comendo sementes de mamona, oferecidas pelo presidente Lula, pode ser considerado como um acontecimento político-midiático, uma vez que se inscreve tanto no campo político quanto no campo midiático e tem a

ver com o modo como, na atualidade, os sujeitos constroem sentidos para os episódios políticos, aos quais tem acesso prioritariamente através da mídia.

Considerando essa primeira relação, buscamos observar o modo como esse acontecimento político-midiático circulou em diferentes *sites* da Internet, cruzando com outros enunciados produzidos em torno de RR no interior da rede digital.

O primeiro *site* analisado foi o *site* de vídeos *YouTube*, local em que foram armazenados os vídeos das reportagens televisivas sobre o encontro de Lula e RR.

Nesse *site* vimos que há dois modos de produção discursiva diferenciados. De um lado, temos uma produção discursiva centrada em recursos tecnológicos, que permite aos sujeitos e-leitores gravarem, editarem, modificarem, e armazenarem suas produções no banco de vídeos do *YouTube*. E, de outro lado, o espaço dos comentários que permite uma produção discursiva que não está diretamente relacionada ao saber técnico, mas sim à proposta da terceira fase da Internet (a Web 2.0) em permitir a todos os sujeitos participarem da construção dos conteúdos e da troca de opiniões, independente de seus conhecimentos técnicos. Para participar desse espaço o sujeito só precisaria saber ler, escrever, e ter conhecimentos básicos de navegação.

O primeiro tipo de produção discursiva, possibilitada pela tecnologia de edição e manipulação de vídeos, permitiu a produção de quatro novos vídeos que retomaram de diferentes maneiras os enunciados produzidos nas reportagens televisivas. A análise desses vídeos nos mostrou que os três primeiros vídeos publicados retomaram, repetiram e reforçaram os sentidos produzidos pelas reportagens televisivas. E que, o quarto e último vídeo ao ser publicado posteriormente aos demais, sofreu deslizamentos de sentidos em função da produção de inúmeros outros enunciados e comentários que surgiram no espaço de comentários dos vídeos anteriores. No entanto, esse tipo de produção discursiva não é acessível a todos os sujeitos e-leitores, sendo uma construção possível apenas aos sujeitos que sabem utilizar as técnicas de edição de vídeos.

Em contrapartida, o espaço dos comentários é mais aberto aos sujeitos que navegam na Internet, mas não possuem conhecimentos avançados. Nesse espaço, vimos que os sujeitos produzem enunciados que se dividem em diferentes posições fazendo, assim, deslocarem os sentidos produzidos pelas produções áudio-visuais, tanto da mídia televisiva, quanto dos vídeos eletrônicos. Esse deslocamento de sentidos pôde ser observado pela produção do quarto vídeo, cuja construção

apresenta relações interdiscursivas com enunciados produzidos no espaço dos comentários. Embora no espaço dos comentários tenha sido possível identificar posições discursivas cujos sentidos eram positivos à RR, logo, divergentes dos sentidos produzidos pelos vídeos analisados, esses sentidos não conseguem produzir um efeito maior no interior do *site*, uma vez que são enunciados isolados que dificilmente são retomados e repetidos como os demais. E, na Internet, para um sentido “pegar” é preciso que ele circule.

Ainda, pela análise desse *site*, foi possível demonstrar o quão complexa é a construção de sentidos em ambientes eletrônicos, uma vez que os enunciados aí produzidos se relacionam de um modo muito singular no interior do arquivo digital. A estruturação e organização dos enunciados em redes temáticas: por nome, por data, por tema, por categoria, permitiram reunir diferentes vídeos sobre RR em uma única construção discursiva. Essa característica relacional e as possibilidades de uso de recursos tecnológicos específicos permitiram, por sua vez, a produção de um quinto vídeo sobre RR.

A análise desse quinto vídeo, intitulado *O Rap do Requião*, nos possibilitou compreender que o conjunto de vídeos e enunciados produzidos em torno de RR no *site* de vídeos do *YouTube*, possibilitaram a criação de um arquivo de vídeos e enunciados cujos sentidos apontam para uma negativização da imagem do político RR no interior desse arquivo, uma vez que o sentido dominante dos enunciados produzidos neste ambiente girou em torno de designações pejorativas para a imagem deste político, como *burro*, *trouxa ignorante*, *animal*, *truculento*, entre outros semelhantes.

O segundo *site* analisado foi o *Orkut*. Nesta rede social recortamos enunciados que nos remetiam tanto à RR quanto ao acontecimento político-midiático referente ao episódio do encontro entre Lula e RR, retirados de duas diferentes comunidades: *O Requião me envergonha* e *O Requião tem Razão*.

Na primeira comunidade foi possível descrever o modo como os sujeitos e-leitores recuperam incessantemente os diferentes vídeos sobre RR, principalmente os vídeos das reportagens dos telejornais, entrelaçando ainda mais os diferentes sentidos que circulam em torno do nome RR.

A análise desse *site* nos permitiu estabelecer o modo como os sujeitos se organizam em comunidades fechadas e, ainda, descrever as posições político-partidárias que assumem, a partir da identificação das memórias de arquivo e

discursivas que mobilizam. Assim, foi possível descrever as diferentes estratégias discursivas de cada comunidade, como: inserir determinados *links* e excluir outros, recortar e citar determinados vídeos e não outros, repetir inúmeras vezes o mesmo acontecimento, o mesmo enunciado e silenciar outros<sup>91</sup>.

Um dado que chamou nossa atenção, no decorrer da análise dessas comunidades, foi a relação entre os posicionamentos contrários ao discurso de RR e favoráveis à mídia televisiva, de um lado, e a relação entre os posicionamentos favoráveis ao discurso de RR e a condenação da mídia, de outro lado. Mas, embora tenha sido possível encontrar, a partir de *links* recuperados pela comunidade de apoio a RR, vídeos e enunciados que estabelecem outros sentidos para a relação entre RR e a RPC e, conseqüentemente, para a relação entre a política e a mídia, essas recuperações não são facilmente visíveis no interior do arquivo, já que - assim como os comentários positivos a RR encontrados no *site* do *YouTube* - são em número reduzido e circulam muito pouco entre os diferentes *sites* analisados.

No *Orkut*, a comunidade que possui maior número de membros e maior circulação e produção de enunciados é a comunidade *O Requião me envergonha*. Como vimos, nessa comunidade há uma ampla recuperação de enunciados negativos em torno de RR, que se dão através da presença e circulação de *links* que remetem geralmente aos vídeos protagonizados por este político, conforme mostramos nas análises do *YouTube*.

Essas recuperações e repetições incessantemente efetuadas pelos sujeitos e-leitores, no fórum da comunidade de oposição à RR nos encaminharam para, pelo menos, dois termos bastante repetidos nos enunciados dessa comunidade: *vergonha* e *mamonão*. O primeiro termo sintetizaria um efeito de sentido produzido por diferentes enunciados que apontavam os atos e discursos de RR, em suas diferentes aparições públicas ou privadas, como sendo de um político de práticas inadequadas. O segundo termo, por sua vez, surge como uma possibilidade de designação para RR, a partir dos sentidos circulantes em torno do acontecimento político-midiático em que RR come sementes de mamona e passa a ser considerado um *burro, troxa, ignorante*.

---

<sup>91</sup> Destacamos aqui que em função da complexidade das análises não chegamos a tratar de outras estratégias utilizadas pelos membros das comunidades para “inibir” sentidos que se oponham ao ideal da comunidade, tais como: o fato de existir um moderador que pode tanto “apagar” ou “deletar” qualquer comentário no fórum e, ainda, o fato de que os sujeitos que insistem em fazer comentários opostos ou sofrem retaliações ou são simplesmente expulsos da comunidade.

São, portanto, esses sentidos que aparecem como “evidentes” no *site* do *Orkut*, desqualificando politicamente RR.

Em nossa última análise buscamos ligar os enunciados e sentidos produzidos na Internet sobre RR, ao modo como o nome RR foi significado pelos *sites* colaborativos da *Wikipédia* e *Desciclopédia*.

A partir da análise dos sentidos produzidos por cada verbete sobre RR, foi possível descrever as posições políticas e ideológicas dos sujeitos e-leitores, e, ainda, suas formas de identificação/desidentificação com o discurso político-midiático tradicional. Nesses *sites* tivemos, também, produção de sentidos contrários, mas inter-relacionadas.

No *site* da *Wikipédia*, observamos a relação parafrástica dos enunciados coletivos produzidos pelos sujeitos wikipedistas, com o discurso político-midiático tradicional, tanto por funcionar como um ambiente de “informação” - e, por isso, sob um imaginário de que os enunciados aí produzidos são dados neutros e objetivos (informação) e não linguagem, troca de sentidos, discurso – quanto por estabelecerem recuperações interdiscursivas que estabilizam sentidos produzidos por práticas discursivas políticas e midiáticas tradicionais, como a ligação para o *site* do Senado ou a ligação para entrevista de RR à revista *Caros Amigos*, por exemplo. Outra forma de estabilização dos sentidos político-midiáticos tradicionais na *Wikipédia* ocorre pelo silenciamento que os enunciados coletivos da *Wikipédia* sofrem, uma vez que silenciam os acontecimentos político-midiáticos e os sentidos que circulam reiteradamente nas redes sociais, como vimos nas análises do *YouTube* e do *Orkut*.

No *site* da *Desciclopédia*, observamos uma relação polissêmica da *Desciclopédia* com relação ao discurso político-midiático tradicional, a partir da própria crítica que esse *site* realiza, ao propor a construção de verbetes que parodiem o discurso de caráter informativo (“neutro” e “objetivo”) da *Wikipédia*. Vimos que pelo uso do recuso da paródia, os enunciados coletivos da *Desciclopédia* realizam um deslocamento/ruptura com as formas do discurso político-tradicional, colocando em cena um sujeito e-leitor fortemente interpelado pelo discurso técnico-libertário.

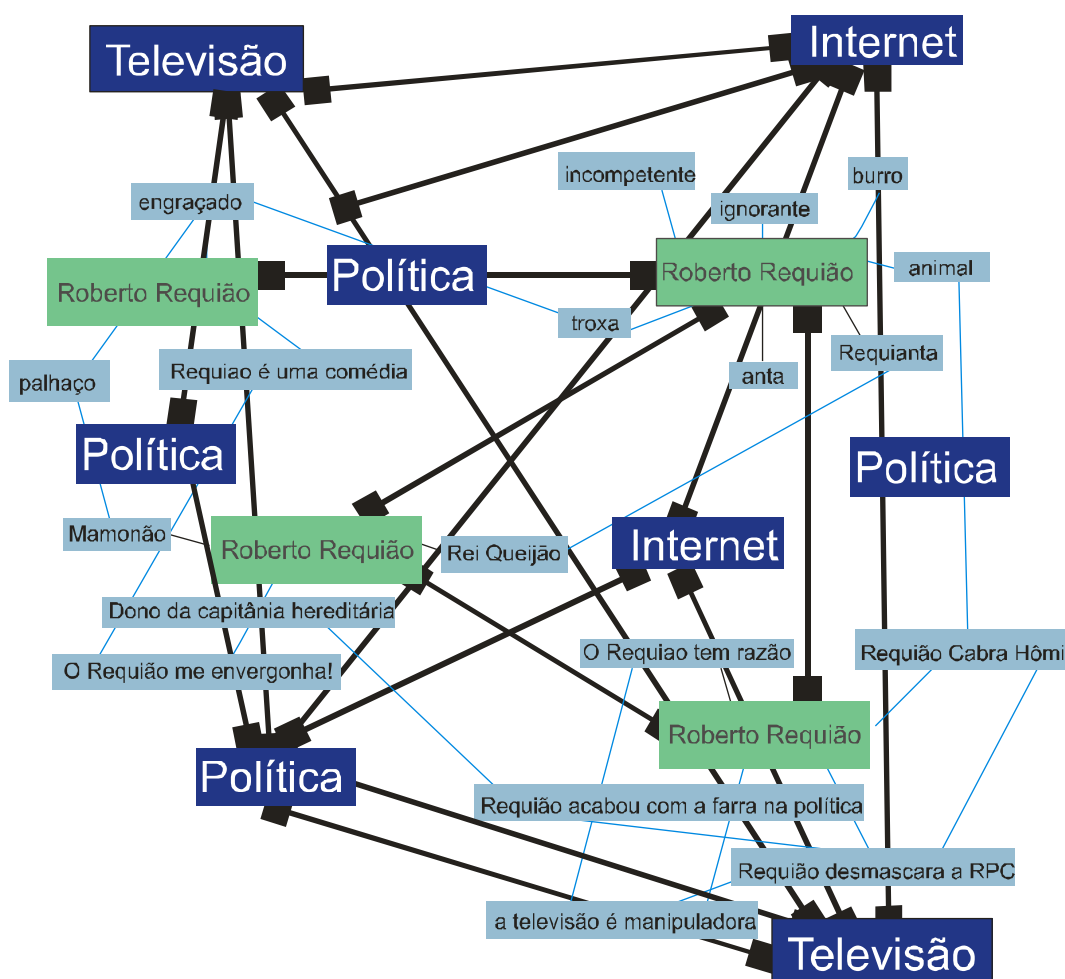
Sob o imaginário de que são “livres” para dizer o que quiser e, como forma de resistência político-ideológica, os sujeitos e-leitores constroem um verbete sobre RR, a partir de enunciados cômicos e engraçados, recuperando sentidos que circulam

pelos mais variados *sites*, desqualificando o político RR, e, às vezes, a própria prática discursiva midiática (como transmissora de informação), e que desqualificam, ainda, a prática discursiva wikipedista por utilizar um ambiente colaborativo para construir artigos “imparciais”, linearizando os sentidos, e, apagando as diferentes possibilidades de se “contar a história” de RR.

#### 4.7 MAPA DE NAVEGAÇÃO DOS SENTIDOS ANALISADOS EM TORNO DE RR: Política, Televisão, Internet

O “mapa de navegação” nos permite visualizar a “teia” e os “nós” que a circulação dos enunciados políticos estabeleceram na Internet, nos indicando que os caminhos agora se reiventam, mas não são quaisquer caminhos. Os discursos político, midiático e eletrônico se misturam, mas também se (re)organizam na direção de sentidos determinados. Paradoxo da abertura/fechamento dos caminhos e sentidos. Diante desta (re)configuração para o discurso político nos perguntamos: Navegar ainda é preciso? Sim, mas

Nunca mais os pés pousarão na paisagem estavél de uma terra firme: habituar-se a “navegar é preciso”, sem um norte fixo, como ponto de vista geral sobre esta superfície tumultuada e movente. Não há mais apenas uma forma de realidade com seu respectivo mapa de possíveis. Os possíveis agora se reinventam e se distribuem o tempo todo, ao sabor da onda de fluxos (...) (Suely Rolnik, 1997).





## O FIM DA VIAGEM: RELATANDO O PERCURSO E ATRACANDO EM AREIAS MOVEDIÇAS

*“[...] A gente vai contra a corrente até não poder resistir.  
Na volta do barco é que sente, o quanto deixou de cumprir”.  
(Roda Viva – Chico Buarque)*

No percurso realizado, desde a construção de nosso projeto para admissão no curso de mestrado, até as últimas análises realizadas sobre nosso arquivo em torno dos episódios envolvendo o político RR, nos deparamos com muitas surpresas diante de alguns pré-conceitos que alimentávamos sobre o funcionamento discursivo da Internet.

Inicialmente caímos em inúmeras armadilhas da rede, tomando muitos efeitos como evidentes ou certos, e talvez muitos sentidos ainda nos escapem neste momento em que somos obrigados a “lançar âncoras” em terras (ou águas?) que, para nós, não são nada estáveis, mas abrem para outras infinitas possibilidades.

Compreendermos nesse percurso que tratar da Internet é tratar de questões paradoxais, sendo difícil fechar questões. No entanto, mesmo sem fechar questões podemos mostrar alguns caminhos possíveis e algumas regularidades que se mostraram para o discurso político-eletrônico.

Em nosso percurso teórico buscamos delimitar o conceito de político, de política e de discurso que nortearam nossas análises, o que nos permitiu descrever o modo do funcionamento dos sujeitos políticos no espaço-tempo da virtualidade estabelecendo características específicas para o discurso político-eletrônico, pouco investigado no campo discursivo.

Buscamos ao longo de todo o trabalho, descrever as alterações que a interferência da prática discursiva midiática provocou no discurso político, e, ainda, como estamos atravessando novas transformações, com a entrada em cena das redes sociais e sites colaborativos, que tornam o discurso político contemporâneo ainda mais complexo, através da emergência de novas formas discursivas para o político que estão constitutivamente relacionadas ao caráter midiático, e, em formato de rede, da sociedade atual.

A partir de nossa pesquisa é possível compreender que o discurso político-eletrônico é efeito de uma conjuntura histórica, que se refere ao modo como o

político é atravessado pelo discurso midiático na sociedade contemporânea e, ainda, pelo acontecimento histórico do surgimento das redes sociais como novas tecnologias de linguagem.

Ao entrar para um novo espaço-tempo (o da virtualidade), cujas relações, como vemos, não são nada simples, pesam sobre os enunciados político-eletrônicos condições específicas de produção que são da ordem do eletrônico, mas também são da ordem do político, do midiático e, conseqüentemente, do histórico e do social, afetando o campo político e contribuindo para “formar opiniões”.

Assim, entendemos que, a partir das considerações finais sobre as análises e dos pontos acima destacados, foi possível cumprir os objetivos gerais e específicos de nossa pesquisa, analisando a circulação de enunciados em torno de RR e descrevendo o modo de constituição dos sujeitos políticos na Internet, compreendendo assim como esta nova materialidade discursiva afeta e reconfigura o discurso político na atualidade.

Acreditamos, ainda, termos destacado, no decorrer das análises, o fato de que os novos meios de manifestação política alteram significativamente os discursos políticos, sendo essas alterações possibilitadas e engendradas pelo acesso que estes sujeitos têm a recursos tecnológicos que lhes permitem criar produções como as analisadas e, ao mesmo tempo, torná-las públicas.

Confirmamos, assim, nossa hipótese inicial de que a pluralidade dos ambientes virtuais e dos enunciados que aí circulam instaura um novo campo de discussão, argumentação e opinião, que afetam tanto a vida social quanto a esfera política, antes reservada aos profissionais da política, da comunicação e do jornalismo.

No entanto, é preciso observar que embora esses discursos político-eletrônicos funcionem sob o efeito de que quem fala aí é “o povo”, já que esse é um espaço coletivo, nossas análises mostraram que este lugar é o lugar do múltiplo, mas não é, por isso mesmo, o lugar do “todo”. Nas análises vimos que a articulação entre os discursos político-midiáticos e o discurso político-eletrônico coloca em cena um sujeito que é ao mesmo tempo coletivo (pois fala do lugar do cidadão, anônimo, não identificável socialmente, doméstico), e individualizado (midiático, capitalista, publicizado, apolítico).

Esse duplo funcionamento discursivo é, em nosso entendimento, muito significativo para o campo político, uma vez que pode funcionar para, a partir de

seus efeitos de unidade, legitimam sentidos que não são os efetivamente produzidos pelo coletivo, uma vez que os ambientes virtuais analisados tendem a se fechar em seu próprio campo, limitando os eventuais deslocamentos de sentidos que o espaço eletrônico poderia possibilitar, por sua dupla capacidade de abertura/fechamento.

Assim, vimos que paradoxalmente o espaço eletrônico permite aos sujeitos tanto a participação coletiva, a imersão em um “nós” constitutivamente anônimo, quanto a afirmação, muitas vezes extrema, de suas identidades pessoais, segundo o uso de alguns recursos midiáticos e espetaculares que os projetam ao espaço público da virtualidade.

Como vimos, para avançarmos em uma investigação sobre o discurso político desse ambiente é preciso submetê-lo a uma análise que não desconsidere suas especificidades técnicas que estão em relação direta com os discursos institucionais (principalmente os midiáticos) e as linguagens tecnológicas, ou informática.

Ressaltamos, aqui, que os efeitos de sentidos produzidos em torno dos enunciados sobre o político RR, nos fez compreender que é necessário voltarmos nossos olhares para o que está sendo produzido nesse ambiente, principalmente para o discurso político, uma vez que são esses discursos, esses sentidos, que irão compor o arquivo político-eletrônico, e serão, por sua vez, representativos do que esses sujeitos dizem, pensam e arquivam, na atualidade, sobre o campo político de um modo geral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana. **Fãs-usuários-produtores**: uma análise das conexões musicais nas plataformas sociais MySpace e Last.fm. In: PERPETUO, Irineu Franco e SILVEIRA, Amadeu (orgs.). O futuro da música depois da morte do CD. Disponível em: < <http://www.futurodamusica.com.br/futuro-da-musica.pdf>>. Acesso em 15 de mai. 2009. p. 91-106

BARONAS, Roberto Leiser. **Formação discursiva em Pêcheux e Foucault**: uma estranha paternidade. In: SARGENTINI, Vanice e NAVARRO-BARBOSA, Pedro (orgs.). M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade. São Carlos, SP: Claraluz, 2004. p. 45-61.

BOBBIO, Norberto. **A teoria das formas de governo**. Tradução de Sergio Bath, 10. ed. Brasília: Editora da Universidade e Brasília, 1997.

BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo, Sociedade**: para uma teoria geral da política. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (Coleção Pensamento Crítico, vol. 69).

BERNERS-LEE, Tim. **Giant Global Graph**. 2007. Disponível em <<http://dig.csail.mit.edu/breadcrumbs/node/215>>. Acesso em: 19 mai.2008.

CARMAGNANI, Anna Maria. **Impacto das Novas Tecnologias nas Identidades: o caso de cursos de línguas online**. In: MAGALHÃES, Izabel: CORACINI, Maria José e GRIGOLETTO, Marisa (orgs.). Práticas Identitárias: língua e discurso. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAUDURO, Flavio. **O Design na era digital**. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado (orgs.). Para Navegar no séc. XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura. 3.ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003. p. 231-246

CAZARIN, Ercília Ana. **Identificação e representação política**: uma análise do discurso de Lula. Ijuí: Unijuí, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CORACINI, Maria José. **Identidades Múltiplas e Sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias**. In: MAGALHÃES, Izabel: CORACINI, Maria José e GRIGOLETTO, Marisa (orgs.). Práticas Identitárias: língua e discurso. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

CORTEN, André. **Discurso e Representação do Político**. In: INDURSKY, F; FERREIRA, M.C.L. Os múltiplos territórios da análise do discurso. 1. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

COURTINE, J.J. **O Discurso inatingível**: marxismo e lingüística. Porto Alegre, 1999. (Cadernos de Tradução, nº6, p, 5-18).

COURTINE, J.J. **Metamorfoses do Discurso Político**: derivas da fala pública. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

DERTOUZOS, Michel. **O que será**: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DONATI, Luisa Paraguai. Espaços dimensionais de presença mediada. In: LEMOS, André e [et al.] Livro da XII Compós: Mídia.br. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 195-205.

EINSENBURG, José; CEPIK, Marco. (orgs.). **Internet e Política**: teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FELINTO, Erick. **A Religião das máquinas**: pressupostos metodológicos para uma investigação do imaginário na cibercultura. In: LEMOS, André e [et al.] Livro da XII Compós: Mídia.br. Porto Alegre: Sulina, 2004. p.223-239.

FIDALGO, Antonio. Sintaxe e Semântica das Notícias On-line: para um jornalismo assente em base de dados. In: LEMOS, André e [et al.] Livro da XII Compós: Mídia.br. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 180-192

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GADET, F; e HAK, T. (orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani [et. Al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

GOMES, Wilson. **Opinião Política na Internet**: uma abordagem das questões relativas a censura e liberdade de expressão na comunicação em rede. In: Associação Nacional dos Programas de pós-graduação em Comunicação. GT Comunicação e Política, 2001. Disponível em: <<http://www.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/>>. Acesso em: 5 de nov 2007.

GUILHAMOU, J.; MALDIDIER, **Efeitos do Arquivo**: a análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E.P (org.). Gestos de Leitura: da história no discurso. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

INDURSKY, Freda. **A Fala dos Quartéis e as outras vozes**. Campinas: Ed. Unicamp, 1997. Indursky, 1997

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A Construção de sentidos no hipertexto**: demandas lingüísticas e cognitivas. 2005. Disponível em: <http://ufpe.br/hipertexto2005/index.html>. Acesso em: 12/10/ 2007.

KOMESU, Fabiana. **Entre o público e o privado**: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de *blogs* da internet. Tese (doutorado) - Universidade

Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP : [s.n.], 2005.

LAGAZZI, Suzy. **O Recorte Significante na Memória**. In: III Seminário de Estudos em Análise do Discurso: o discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras, 2007. Disponível em: [http://www.discurso.ufrgs.br/sead/trabalhos\\_aceitos/O\\_RECORTE.pdf](http://www.discurso.ufrgs.br/sead/trabalhos_aceitos/O_RECORTE.pdf) . Acesso: 12 de Dezembro de 2007.

LEÃO, Lucia. **O Labirinto da Hipermídia**: Arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 1999.

LEVINE, Rick. [et al.] **O manifesto da economia digital**: o fim dos negócios como nós conhecemos. Trad. Maria José Cyhlar Monteiro. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A Revolução contemporânea em matéria de comunicação**. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado (orgs.). Para Navegar no séc. XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura. 3.ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003. p. 183-204.

MAAR, W. L. **O Que é política**. 9. ed. Série Princípios. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MAFESSOLI, Michel. **Mediações simbólicas**: a imagem como vínculo social. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado (orgs.). Para Navegar no séc. XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura. 3.ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003. p.13-35

MIGUEL, Luis Felipe. **Política e Mídia no Brasil**: episódios da história recente. Brasília: Plano Editora, 2002.

MORELLO, Rosângela. **Definir e linkar**: em que sentido?. p, 121-132. In: ORLANDI, E.P (org.). Para uma enciclopédia da cidade. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003 p.121-131

MURILLO, Luis Felipe Rosado. **O Virtual e o Político**: a Análise de um Confronto Discursivo da Comunidade Brasileira de Software Livre. In: Observatório (OBS\*) *Journal*, 2, 2007. p. 227-238

NATERCIA, Flávia. **Em nome do dissenso, filósofo francês redefine termos e conceitos na arte e na política**. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 57, n. 4, Dec. 2005 . Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000400011&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 June 2009.

ORLANDI, E.P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 5 ° edição, 2003.

ORLANDI, E.P. (org.). **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003a.

ORLANDI, E.P. **Ler a Cidade**: o arquivo e a memória. In: ORLANDI, E.P (org.). Para uma enciclopédia da cidade. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003b.

ORLANDI, E.P. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2º edição. Campinas, SP: Pontes, 2005a

ORLANDI, E.P. **O Sujeito Discursivo Contemporâneo**: um exemplo. In: II SEAD, Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005b

ORLANDI, E.P. **Análise do Discurso**. Conversa com Eni Orlandi. In: Revista Teias. Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez 2006a. Disponível em: [HTTP://www.revistateias.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewPDFInTerstitial/210/209](http://www.revistateias.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewPDFInTerstitial/210/209). Acesso: 12/04/2008.

ORLANDI, E.P. **Análise do Discurso**. p, 13-31. In: ORLANDI, E.P e Lagazzi-Rodrigues, Suzi (orgs.) Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006b.

OLIVEIRA, Maria Regina Momesso. **Weblogs**: a exposição de subjetividades adolescentes. In: SARGENTINI, Vanice e NAVARRO-BARBOSA, Pedro (orgs.). Michel Foucault e os domínios da linguagem. p. 201-213.

PAYER, M. Onice. **Linguagem e sociedade contemporânea** – Sujeito, mídia, mercado. In: Rua: Revista do Núcleo de desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP-NUDECRI. Campinas, SP, n.11, março de 2005.

PÊCHEUX, Michel. **O Estranho Espelho da Análise do Discurso**. In: Langages, Volume 15, Número 62, 1981

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. **A propósito da Análise Automática do Discurso**: atualização e perspectivas. In: GADET, F e HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1975.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso (AAD-69)**. p, 61-105. In: GADET, F. e Hak, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, M. **Ler o arquivo hoje**. In: ORLANDI, E. (org), Gesto de Leitura. Da história no discurso. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2º edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995 .

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 4º edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, M. **Papel da Memória**. In: ACHARD, Pierre...[et al]. 2° edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

POSSENTI, Sírio. **Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido**. In: Os Limites do Discurso. Curitiba-PR: Editora, Criar edições Ltda, 2002.

POSSENTI, Sírio. **Análise do discurso e acontecimento**: breve análise de um caso. In: NAVARRO, Pedro (org.). Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **Os Riscos da Razão**. Entrevista. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 10 de setembro de 1995. Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/entrevista\\_filosofia\\_jacques\\_ranciere.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/entrevista_filosofia_jacques_ranciere.htm). Acesso em: 14 de Agosto de 2008

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet**: Uma proposta de estudo. 2005. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/seminario2005.pdf>. Acesso: 15/03/2008.

ROMÃO, Lucilia Maria Sousa. **Nós e Fios do Discurso Eletrônico**: Tentativa de uma costura, 2007, Disponível em: [http://www.discurso.ufrgs.br/sead/textos/nos\\_e\\_fios.pdf](http://www.discurso.ufrgs.br/sead/textos/nos_e_fios.pdf) Acesso em: 15/11/2007.

ROSNAY, Joël de. **O Salto do Milênio**. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado (orgs.). Para Navegar no séc. XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura. 3.ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003. p. 205-211.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e Política**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

SANT`ANA. Affonso Romano. **Paródia, Paráfrase & Cia**. 7.ed. Rio de Janeiro: Ática, 2002.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. **Arquivo e acontecimento**: a construção do *corpus* discursivo em Análise do Discurso. In: NAVARRO, Pedro (org.). Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

SCHALLER, Jean-Jacques. **Construir um Viver junto na Democracia Renovada**. In: Revista Educação e Pesquisa, São Paulo-USP, v.28, n.2, p. 147-164, jul/dez. 2002

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo : Loyola, 2003

SILVEIRA, Sergio Amadeu. Biodiversidade, Software livre e a liberdade do conhecimento. In: **Revista Bayte**, ed. n 149, CELEPAR, 2006. P. 11.

TRIVINHO, Eugênio. **Epistemologia em ruínas**: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do ciberespaço. p, 167-180. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado (orgs.). Para Navegar no séc. XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura. 3.ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003. p.167-182.



VIRILIO, Paul. **O Resto do Tempo**. In: CASALEGNO, Frederico (org.). Memória Cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 90-104.

VIRNO. Paolo. **A Gramática da Multidão**: para uma análise das formas de vida contemporânea. Catanzaro, Italia: Rubettino Editore, 2001. Disponível em: [http://br.geocities.com/autoconvocad/gramatica\\_da\\_multidao.html](http://br.geocities.com/autoconvocad/gramatica_da_multidao.html). Acesso em 24 Mar 2008.

# **ANEXOS**

## Anexo 1


**Site:** Curitiba Center Notícias

**URL:** [http://www.curitibacenter.com.br/noticias/20060203-Politica-Lula\\_encontra-se\\_hoje\\_com\\_Requião\\_no\\_Planalto](http://www.curitibacenter.com.br/noticias/20060203-Politica-Lula_encontra-se_hoje_com_Requião_no_Planalto)


**Acesso em:** 25 Agosto de 2007

# Lula encontra-se hoje com Requião no Planalto

Paraná - Curitiba - 03/02/2006



## Informações Gerais



Está marcado para hoje às 11 horas, no Palácio do Planalto, o encontro solicitado pelo governador Roberto Requião (PMDB) ao presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O que motivou o governador a pedir a audiência com o presidente foi a queda-de-braço com o banco Itaú em torno do

resgate dos títulos podres adquiridos pelo extinto Banestado, mas a pauta dos assuntos que Requião pretende tratar com Lula é bem mais extensa.

Nesta conversa, a primeira oficial e com hora marcada com o presidente em Brasília depois de encontros breves nos últimos dois anos, Requião quer apresentar a lista completa de todas as queixas que tem contra o governo federal. E que inclui assuntos que inflamam o governador, como os contratos com as concessionárias de pedágio no Paraná assinados pelo seu antecessor no cargo, o Porto de Paranaguá, que é alvo de sucessivos relatórios da Antaq, Agência Nacional de Transportes Aquaviários, e ainda as obras em rodovias federais e recursos devidos pela União, como os repasses da Lei Kandir.

Para ajudar na condução dos assuntos administrativos e técnicos, Requião leva com ele a Brasília o secretário da Fazenda, Heron Arzua, que tem todos os números das obras que o Paraná reclama e das transferências de recursos da União para o estado.

O governador pretende repetir ao presidente as críticas que faz a alguns dos integrantes do primeiro escalão do seu governo. Requião costuma dizer que Lula é seu amigo, mas que alguns dos seus ministros não são amigos do Paraná.

Conforme a assessoria do governador, não é intenção discutir assuntos eleitorais com o presidente da República. Requião é um dos defensores da candidatura própria do PMDB à presidência da República, o que confronta com a posição do presidente da República que busca atrair o PMDB para uma composição para sua reeleição em outubro. Por enquanto, o governador continua alinhado à ala peemedebista que não quer aliança com o PT na sucessão presidencial. No Paraná, Requião e o partido do presidente da República também não planejam uma composição, pelo menos no primeiro turno da eleição.

Antes de hoje, o último encontro entre o presidente e o governador foi em novembro, quando Lula veio por algumas horas a Curitiba, onde participou de um evento promovido pela Rede Paranaense de Comunicação. Lula e o governador conversaram no aeroporto, mas não houve tempo para Requião apresentar todo o inventário das pendências entre o Paraná e o governo federal.

## Anexo 2

**Site:** Site de vídeos YouTube

**URL:** <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=requi%C3%A3o+come+mamona&meta=>

**Acesso em:** 15 de Julho de 2008



**Episódio 1:** Episódio em que o governador realiza um discurso na cidade de Santo Antonio, interior do Paraná. Neste evento ocorre a manifestação de alguns agricultores que carregavam faixas e vaiavam o governador.



**Episódio 2:** Refere-se ao discurso eleitoral realizado durante a campanha de 2006, na sociedade Thalia em Curitiba.



**Episódio 3:** Refere-se ao episódio em que o governador RR em visita a uma escola é abordado por um agente penitenciário que deseja lhe entregar um documento com pedido de aumento para a categoria.



**Episódio 4:** Refere-se a uma entrevista concedida por RR veiculada pela televisão Paraná Educativa durante o período em que o Paraná esteve sob suspeita da existência da febre aftosa. do Requião, apenas a sua imagem.



**Episódio 5:** Vídeo em que RR declara que poderia fazer qualquer tipo de aliança para ganhar as eleições, sem que isso significasse negar suas convicções. Deste contexto ficou famoso o enunciado “Eu subo no palanque com o diabo”. Muito usado em períodos eleitorais por adversários.



**Episódio 6:** Já relatado neste trabalho refere-se ao episódio bastante divulgado durante as eleições em que o governador em uma visita a uma indústria se dirige a uma das trabalhadoras e pergunta a ela se é casada e se trai o marido.



**Episódio 7:** Trata-se de uma imagem em que Lula e Requião se abraçam divulgada durante o Horário Gratuito Eleitoral de Requião, durante as eleições de 2006. Deste episódio também só teremos a recuperação da seguinte imagem.



**Episódio 8:** Trata-se de um episódio bastante antigo, também bastante divulgado na internet em que Roberto Requião aparece posando para uma filmagem ou foto ao lado de dois sujeitos desconhecidos que na imagem do vídeo aqui analisado serão “sombreados” para evitar reconhecimento, deixando-se evidente somente a imagem de RR. Deste vídeo são retirados

## Anexo 3

orkut Início Perfil Página de recados Amigos Comunidades [mestrado.corpus@gmail.com](#) Sair

### Requião: ISSO É MAMONA PÔ!!!

Início > Comunidades > Governo e Política > Requião: ISSO É MAMONA PÔ!!!

descrição: Se vc como eu viu o fiasco, o mico gigante que o Governador Roberto Requião ao puxar o saco do Lula a ponto de comer sementes de mamona, e com a cara mais amarrada do mundo, dizer que ainda é gostoso.... se vc rachou o bico de dar risada ao ver o Lula pronunciar a frase: " ISSO É MAMONA PÔ!" faça parte dessa comunidade tbém.  
" ISSO TEM TOXINA , NÃO PODE COMER NÃO!"

idioma: **Português**  
categoria: Governo e Política  
dono: ☆☆☆Nay ▾ La nada nos separa☆☆☆  
moderadores: PROFª. ANDRÉIA, ☆♥☆☆Bruh  
tipo: moderada  
privacidade do conteúdo: aberta para não-membros  
fórum: anônimo  
local: Foz do Iguaçu, Paraná, 85855, Brasil  
criado em: 4 de fevereiro de 2006  
membros: 353

**membros (353)**

Wilson Patricia Fabi  
Julio Cezar Luci Rodrigo  
Jonathan M. Thiago ΨκασΦ ΆñσЯ ΨH

[ver membros >>](#)

**comunidades relacionadas**

orkut Início Perfil Página de recados Amigos Comunidades [mestrado.corpus@gmail.com](#) Sair

### Requião Comeu a Mamona do Lula

Início > Comunidades > Governo e Política > Requião Comeu a Mamona do Lula

descrição: eu tenho como provar....  
O GOVERNADOR ROBERTO REQUIÃO JÁ COMEU A MAMONA DO LULA!!!!!!

duvida?!!?!!

dique no link e assista o vídeo...

<http://www.youtube.com/watch?v=-oE4sflRi4&mode=related&search=>

iss naun eh montagem eh real eu juro...

idioma: **Português**  
categoria: Governo e Política  
dono: André Luis Sabbi  
tipo: pública  
privacidade do conteúdo: aberta para não-membros  
fórum: anônimo  
local: Renascença, parana, Brasil  
criado em: 9 de fevereiro de 2006  
membros: 234

**membros (234)**

...VINIH Rafa\_Lgarashi □RAFAELD  
Guilherme [S.E.P]Fred \_Sr\_Burns\_  
Rafa... RAFAEL FANTIN Evandro andré

[ver membros >>](#)

**comunidades relacionadas**

orkut Início Perfil Página de recados Amigos Comunidades [mestrado.corpus@gmail.com](#) Sair

### Roberto Requião Comeu Mamona

Início > Comunidades > Culinária, Bebidas e Vinhos > Roberto Requião Comeu Mamona

descrição: Ei Roberto, Mamona é usada para abrir com estilingue, não foi feita para comer.  
Quando você passa por ignorante na frente do Lula, a seleção natural cuida do resto.  
Lula falando: Você sabia que isto tem uma toxina que não pode comer?  
link p/ o Vídeo. acredite se quiser.  
<http://www.youtube.com/watch?v=uR1J-w9QUEA&search=Roberto%20Requi%C3%A3o>

idioma: **Português**  
categoria: Culinária, Bebidas e Vinhos  
dono: Lucas Romeiro  
tipo: pública  
privacidade do conteúdo: aberta para não-membros  
fórum: anônimo  
local: Brasília - DF, Brasil  
criado em: 16 de fevereiro de 2006  
membros: 35

**membros (35)**

Gabriela LOURIVAL Lucas  
Adolpho bruna Rodrigo  
Rodrigo André Paulo

[ver membros >>](#)

**comunidades relacionadas**

orkut Início Perfil Página de recados Amigos Comunidades [mestrado.corpus@gmail.com](#) Sair

### requião o comedor de mamonas

Início > Comunidades > Outros > requião o comedor de mamonas

descrição: quem viu a anta do governador roberto requião qí comeu as mamonas(sementes)depois que o presidente as mostrou-as entra aii

idioma: **Português**  
categoria: Outros  
dono: &#39;rique9;&lt; ; mor&#39;ira  
tipo: pública  
privacidade do conteúdo: aberta para não-membros  
fórum: anônimo  
local: piritatutva, campinas, 000000, Brunei Darussalam  
criado em: 19 de agosto de 2006  
membros: 1

**membros (1)**

&#39;rique9;&lt;

[ver membros >>](#)

orkut Sobre o orkut [Acesse orkut.com](#) [Blog](#) [Desenvolvedores](#) [Centro de segurança](#) [Privacidade](#) [Termos de uso](#) [orkut in English](#) [Ajuda](#) [Google](#)

Site: Orkut  
Disponível em: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=7215447>  
Acesso em: 15 jan 2008

## Anexo:4

Site: Wikipedia

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto\\_Requi%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Requi%C3%A3o)

Acesso em: 10 de Setembro de 2008

Roberto Requião - Wikipédia, a enciclopédia livre - Windows Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Roberto Requião - Wikipédia, a enciclopédia livre

Entrar / criar conta

artigo discussão editar história

## Roberto Requião

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

**Roberto Requião de Mello e Silva** (Curitiba, 5 de março de 1941) é um político brasileiro, governando atualmente o estado do Paraná.

Membro de influente família política paranaense, é filho do médico e ex-prefeito de Curitiba, **Wallace Thadeu de Mello e Silva** e Lucy Requião. É casado com Maristela Quarenghi de Mello e Silva, com quem tem dois filhos, Maurício e Roberta.

É advogado formado pela Universidade Federal do Paraná e jornalista pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curso Urbanismo na Fundação Getúlio Vargas.

**índice** [esconder]

- Trajetória política
- Historiografia
  - 1 Prefeitura de Curitiba (1986-1988)
  - 2 Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Paraná (1989-1990)
  - 3 Governo do Paraná (1991-1994)
  - 4 Senador (1995-2002)
  - 5 Governo do Paraná (2003-2006)
  - 6 Reeleição ao Governo do Paraná em 2006
- Ligações externas

**Roberto Requião de Mello e Silva**



**Governador do Paraná**

**Mandato:** 1º - 15 de março de 1991 até 3 de abril de 1994  
2º - 1º de janeiro de 2003 atualidade

**Precedido por:** Álvaro Dias (1º) Jaime Lerner (2º)

**Sucedido por:** Mário Pereira (1º)

**Prefeito de Curitiba**

**Mandato:** 1 de janeiro de 1986 1 de janeiro de 1989

**Precedido por:** Maurício Fruet

**Sucedido por:** Jaime Lerner

**Nascimento:** 5 de Março de 1941 (67 anos) Curitiba, PR

**Partido político:** PMDB

**Profissão:** Advogado e Jornalista

**Trajetória política** [editar]

Em sua trajetória política militante pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), sucessor do antigo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), o partido de oposição à ditadura militar.

**Historiografia** [editar]

- 1981 - Eleito deputado estadual no Paraná
- 1985 - Eleito prefeito de Curitiba, derrotando Jaime Lerner. Primeiro prefeito eleito após a ditadura militar
- 1989 - Aceitou o convite do então governador Álvaro Dias para assumir a pasta de Desenvolvimento Urbano do Estado do Paraná
- 1991 - Eleito sucessor de Álvaro Dias no governo do estado
- 1994 - Eleito senador pelo Paraná, com mais de dois milhões de votos
- 1998 - Vencido por Jaime Lerner, reeleito para o governo do estado
- 2002 - Eleito governador do Paraná, derrotando Álvaro Dias no segundo turno
- 2006 - Governador reeleito, derrotando Osmar Dias no segundo turno.

**Prefeitura de Curitiba (1986-1988)** [editar]

- Instituição da "ouvidoria geral" e das sub-prefeituras.
- Construção da "Via Vêneto", importante elo entre o bairro de Santa Felicidade e o resto da cidade.
- Implantação do "Mercado Popular", que comercializava produtos da cesta básica para a população de baixa renda.
- Criação da "Associação dos Meninos e Meninas de Rua de Curitiba" (Assoma).
- Construção de um bom número de postos de saúde e creches.

**Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Paraná (1989-1990)** [editar]

- Criação do "Projeto de Saneamento Ambiental no Paraná" (Prosam).
- Execução do programa "Paraná Urbano", que realizou um grande número de obras, atingindo todos os municípios do estado.

**Governo do Paraná (1991-1994)** [editar]

**Obras**

- Construção da Ferroeste, ferrovia que ligou a cidade de Cascavel ao Porto de Paranaguá, feita em parceria com o Exército Brasileiro (batalhão de engenharia).
- Conclusão da Usina Hidrelétrica de Segredo, que conquistou a auto-suficiência energética para o estado.
- Duplicação da rodovia Curitiba-Garuva (trecho paranaense da BR-376, que leva à Santa Catarina), conhecida, na época, pelo alto número de acidentes fatais. A obra foi realizada com recursos do estado.
- Início da construção da Ponte Ayrton Senna, entre Guaira (Paraná) e Mundo Novo (Mato Grosso do Sul), que é a maior ponte fluvial do Brasil.
- Início das obras da Usina de Salto Caxias.

**Programas sociais**

- "Casa da Família": Construção de sessenta mil pequenas casas de alvenaria, pagas com prestações inferiores a 20% do salário mínimo.
- "Escola Oficina": Formação educacional direcionada a menores de rua.

**Programas de geração de emprego e desenvolvimento econômico**

- Isonção de tributos estaduais para micros e pequenas empresas.
- "Bom Emprego": Abertura de crédito destinado a pequenas e médias empresas, vinculado à contratação de mão-de-obra.

**Programas agro-pecuários e ambientais**

- "Painel Cheia": Financiamento de plantações agrícolas com prestações calculadas em função do preço de mercado do milho, na data do pagamento.
- "Paraná Rural": Desenvolvimento de técnicas para recuperação do solo, posteriormente eleitas como modelo, pelo Banco Mundial.
- Programa de melhoria genética das criações de bovinos (gado leiteiro) e ovinos.
- Criação de cinco parques ambientais, que duplicaram a área de preservação no Paraná.

**Senador (1995-2002)** [editar]

A partir 1º de fevereiro de 1995, Roberto Requião assumiu uma das três cadeiras paranaenses no Senado. Requião foi oposição ao governo FHC, defendendo que o Estado não vinha sendo tratado como Nação, mas sim como Mercado. Teve destaque especial na CPI dos Precatórios.

## Continuação (Anexo 4)

Site: Wikipedia

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto\\_Requi%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Requi%C3%A3o)

Acesso em: 10 de Setembro de 2008

[editar]

### Governo do Paraná (2003-2006)

#### Eleição

Na sucessão de **Jaime Lerner**, em 2002, houve um dos maiores embates políticos da história do **Paraná**. Antes aliados, agora adversários políticos, **Roberto Requião** e **Ávaro Dias** disputaram as eleições para o governo do Estado. **Ávaro Dias** foi o primeiro colocado no primeiro turno com 1,62 milhão de votos (31,40%) contra 1,35 milhão de Requião (26,18%). No segundo turno, Requião venceu com 2,68 milhões de votos (55,15%) contra 2,18 milhões de Ávaro.

#### Obras

- Segundo o **Departamento de Estradas de Rodagem do Paraná** (DER/PR), no início do governo, em 2003, 40% de toda a malha rodoviária do **Paraná** estava em condições ruins ou péssimas. No final de 2005 esse índice foi reduzido para 14%. A meta do governo é terminar o ano de 2006 com somente 5%.
- Pavimentação da rodovia entre **Rio Branco do Sul** e **Cerro Azul**, no **Vale do Ribeira**.
- Melhoria de acesso e inclusão de acostamentos na **PR-412**, entre **Praia de Leste** e **Balneário Marisol**.
- No litoral, recuperação completa do trecho entre **Garuva** e **Guaratuba**.
- Início da duplicação da **BR-467** entre **Cascavel** e **Toledo** e da **Avenida Carlos João Strass**, em **Londrina** (PR-545).
- Conclusão do Contorno Norte de **Curitiba**.
- Início das obras da **Escola Antônio dos Três Reis**, em **Apucarana**, que será a escola mais moderna do estado do Paraná.

#### Software livre

Em sua campanha ao governo de 2002 o candidato se mostrou simpatizante ao uso do **software livre** e sua adoção virou uma grande bandeira do governo, sendo que nesses últimos quatro anos o governo do estado economizou aproximadamente 127 milhões de reais em licenças e contratos de softwares. O valor poderia ser maior se empresas como a **Copel** e a **Sanepar** tivessem adotado o software livre.

A **Ceapar** hoje desenvolve sistemas baseados nos **Software Livre**, como administradores de site, gerenciadores de documentos, e assistência aos meios de comunicação. Projeto que embasou o governo estadual da **Bahia** e o Governo Federal para o desenvolvimento software livre.

#### Outras iniciativas

- Segurança Pública: Mapeamento georeferenciado da ocorrência de crimes.
- Educação: **Paraná Digital**, projeto de **inclusão digital**.
- Saúde pública e Receita estadual: Softwares livres de gestão.

#### Críticas de nepotismo

O governador é acusado pela oposição de **nepotismo**, por ter diversos familiares ocupando cargos públicos ou assemelhados.

- Maristela Requião, sua esposa, é presidente do **Museu Oscar Niemeyer** (organização social civil de interesse público, sem fins lucrativos e sem relação direta com o governo).
- Eduardo Requião, irmão do governador, é superintendente do **Porto de Paranaguá**.
- Maurício Requião, outro irmão, é secretário estadual da educação.
- Heitor Wallace de Mello e Silva, primo do governador, é diretor de investimentos e de administração da **Sanepar**.
- João Arruda Júnior, sobrinho, é assessor da **Cohapar**.
- Paikam Salomon de Mello e Silva, sobrinho, é editor da **Paraná Educativa**.

Em julho de 2008, houve nova polémica com a nomeação de seu irmão Maurício Requião para o cargo de Conselheiro do **Tribunal de Contas do Estado do Paraná**, cuja vaga deveria ser escolhida pela Assembleia Legislativa do Estado. Adversários políticos acusaram o governador de ter usado sua influência política para convencer os parlamentares a votar no irmão.

[1]

#### Polêmicas sobre transgênicos

O governo do estado proibiu o embarque de **transgênicos** no **Porto de Paranaguá**. Opositores da medida alegam que a restrição favoreceu a movimentação dos portos nos estados vizinhos de **Santa Catarina** e **São Paulo**.

### Reeleição ao Governo do Paraná em 2006

[editar]

No primeiro turno concorreu com **Osmar Dias** (PDT), **Flávio Ams** (PT), **Rubens Bueno** (PPS) e outros candidatos, tendo recebido 42,8% dos votos, contra 42,6% de **Osmar Dias** e 9,4% de **Flávio Ams**.

Foi reeleito no segundo turno por uma apertadíssima diferença de 10.479 votos, equivalentes a 0,2% dos votos válidos (recebeu 2.668.611 votos, contra 2.658.132 de **Osmar Dias**). É o primeiro governador do Paraná a conquistar três mandatos por eleição direta.

#### Ligações externas

[editar]

- Página pessoal no site do Senado Federal
- Entrevista à revista "Caros Amigos" em junho de 2005 (no site da campanha eleitoral de 2006)

Precedido por <b>Maurício Fruet</b>	<b>Prefeito de Curitiba</b> 1986 — 1989	Sucedido por <b>Jaime Lerner</b>
Precedido por <b>Ávaro Dias</b>	<b>Governador do Paraná</b> 1991 — 1994	Sucedido por <b>Mário Pereira</b>
Precedido por <b>Jaime Lerner</b>	<b>Governador do Paraná</b> 2003 — 2006	Sucedido por <b>Hermas Brandão</b>
Precedido por <b>Hermas Brandão</b>	<b>Governador do Paraná</b> 2007 — 2008	Sucedido por —

v · d · e · h [Expandir]

v · d · e · h [Expandir]

v · d · e · h [Expandir]

Categorias: Governadores do Paraná | Senadores do Paraná | Prefeitos de Curitiba | Deputados estaduais do Paraná | Partido do Movimento Democrático Brasileiro | Paranaenses de Curitiba

Esta página foi modificada pela última vez às 13h45min de 30 de Setembro de 2008. O texto desta página está sob a GNU Free Documentation License. Os direitos autorais de todas as contribuições para a Wikipédia pertencem aos seus respectivos autores (mais informações em direitos autorais). [Política de privacidade](#) [Sobre a Wikipédia](#) [Avísos gerais](#)

Internet 100%

## Anexo: 5

Site: Deciclopedia

Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requião>

Acesso em: 10 de Setembro de 2008

Roberto Requião - Desciclopédia - Windows Internet Explorer

http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requião

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Roberto Requião - Desciclopédia

artigo discussão editar história atualizar

## Roberto Requião

(Redirecionado de [Requião](#))

**EsTE artigo não tem sotaquE, genTE!**

EsTE artigo é *Quêôôôôô*. Então, se você não tiver intimidaDE cultura, foi um *genTE* ou morar em outro lugar do Brasil que não seja *Quêôôôô*, não se aproxime, pois ele não fala com genTE da sua laia.

Se você *genTE*, Requião vai ao palanque com o *Quêôôô* e fará um pacto com o *Administrado Maravôôô*, que vai curtir banir *atôôôô* como VOCÊ!

**Roberto Requião é mentiroso(a)!**

*"Serei aliado do diabo / Com todo respeito / ENFIA ESSA FAIXA NO RAAABO!!!!!!!"*

**Você quis dizer: *Requeijão*!**

Google sobre Roberto Requião

**Bom!**

Requião sobre mamona

**Isso é mamona PÔ!**

Lula sobre comentário acima

**Você sabe que isso tem uma toquicina que não pode comer?!**

Lula sobre mamona

**Vou compilar você e o Movimento Software Livre Paraná.**

Kernel sobre Requião

**Requião tem razão!**

Um pixador de Curitiba sobre Requião

**Roberto Requião**, (aka. *Roberto Catupiry* ou *Rex*, o *feroz* ou *Rei Queijão*) é o atual *Dono da Capitania Hereditária do Paraná*, *ex-Imperador do Mercosul* e aspirante a *Ditador do Brasil*. Atualmente no *FMDB*, é conhecido pela camisa *jeans*, além do seu suave temperamento que gerou o carinhoso apelido de "Maria Louca". Apoiou Lula nas eleições de 2002, mesmo o PT já tendo seu candidato próprio. Em 2006 voltou a contar com o apoio de Lula, que, meses antes, concedeu a Requião um banquete tóxico.

Tabela de conteúdo [esconder]
1 Um pai de família
1.1 Alimentação
1.2 Grandes Obras
1.3 Escolinha do Professor Rei Queijão
1.4 Cozinha Maravilhosa do Rei Queijão
2 No "mundo fashion"
3 Na política
4 Veja Também
5 Links Externos

### Um pai de família

Requião tem a maior família do Paraná e é um patriarca bastante generoso. Hoje muitos dos familiares dele trabalham como funcionários públicos em cargos de confiança mas possuem o notável saber que emana dos super-genes da família Requião, o que os qualifica para os cargos.

A família Requião atual resulta do cruzamento de várias espécies da elite da província. É daí que vem a ideia de que ser um Requião é ter "notável saber".

Que tipo de saber? Não importa.

O porto de Paranaguá, por exemplo, foi entregue ao irmão de Requião cujo "notável saber" se resume à psicologia.

Dizem as más línguas que Requião fica chateado por ter na família um psicólogo capaz de constatar empiricamente que ele tem Transtorno Obsessivo Compulsivo, Transtorno Bipolar, Hiperatividade, Esquizofrenia (vê opositores imaginários), Transtorno de Personalidade Borderline, Síndrome de Down e propensão ao *Cheiramento de Gatinhos*.

Arrumar um outro emprego que fosse ocupar o irmão(ou não) foi uma tentativa de fazê-lo abandonar a psicologia e os diagnósticos nada positivos do governador.

### Alimentação

Roberto Requião é o único político do Brasil a realizar um atentado contra si mesmo. Requião pegou um punhado de mamonas e enfiou na boca, ameaçando engolir as sementes e, com elas, as toxinas.

Foi advertido por Lula de que as mamonas eram tóxicas e apesar da advertência, Requião estava disposto a engolir tudo, argumentando que a morte dele representaria uma renovação na política paranaense. No final ele acabou sendo convencido por Lula a cuspir e sobreviver, infelizmente.

A tática de "cuspir e sobreviver", aliás, é a preferida de Requião que garante cuspir apenas "nos poderosos" embora ninguém saiba quem é mais poderoso no Paraná que o dono da capitania hereditária.

Depois do incidente com as mamonas, Requião mudou a dieta e hoje em dia prefere a carne crua da *Gralha Azul*.

### Grandes Obras

O jornalista de quatro dedos: Requião tentou arrancar o dedo de um jornalista que divergia ideologicamente dele e do presidente Lula. Na ocasião Requião afirmou que, com um dedo a menos, o jornalista entenderia melhor o presidente.

O nepotismo esclarecido: Requião cunhou o termo, hoje usado mundialmente por políticos que querem empregar seus parentes.

O vídeo das mamonas: [http://www.youtube.com/watch?v=tw-GBa0\\_Rpo#](http://www.youtube.com/watch?v=tw-GBa0_Rpo#)

A camisa jeans: Antes de querer ser político, Requião queria ser desenho animado e usar sempre a mesma roupa. Optou pela camisa jeans e deu uma grande contribuição para a moda, provando que o jeans serve mesmo para todas as ocasiões (inclusive para correr no parque).

A filha.

### Escolinha do Professor Rei Queijão

Todas as terças-feiras é realizado no majestoso Museu *Oscar Nyemaier* a aula do ProF Rei Queijão, a famosa terça-insana. Todavia, recentemente Rei Queijão foi proibido pelo *Mágico de Oz* de lecionar para os secretários de Estado e resolveu enveredar para o ramo da culinária.

### Cozinha Maravilhosa do Rei Queijão

Em seu primeiro programa de culinária, Rei Queijão ensinou seus secretários e seus súditos da *Capitania Hereditária do Paraná* a cozinhar e fritar ovos. Trata-se de arte muitíssimo complicada só podendo ser exercida com refinada arte. O primeiro passo é checar se o ovo não contém um pintinho dentro, uma vez que constituía imensa tragédia se cozinhou com pinto dentro.



## Continuação (Anexo 5)

**Site:** Deciclopedia

**Disponível em:** <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Requião>


**Acesso em:** 10 de Setembro de 2008

**No "mundo *fashion*"** [editar]


Algumas fotos do artigo mostram sua tendência para passarelas. Ele possui um vasto armário com camisetas *jeans* de todas as grandes lojas do Mundo. Junto com Fidel Castro, Heloisa Helena e Hugo Chavez participou da semana *fashion* do comunismo moderno.

**Na política** [editar]


Conhecido por ter postura extremamente concisa, coerente, coordenada e outros co's, uma equipe de **pesquisares** sociólogos contratada pela Desciclopédia está avaliando as posições políticas e sexuais deste líder, que não parecem ser de esquerda, direita ou centro, mas um 69, sendo que a pesquisa até agora não rendeu resultados frutíferos.



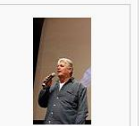
Roberto Requião, nos trajes típicos



Traje normal de trabalho



Moda Requião, primavera-verão



Moda Requião, outono-inverno

**Veja Também** [editar]



- Mamonas Assassinas
- Mamona

**Links Externos** [editar]

- Requião vs. Agentes Penitenciários [↗](#)
- Degustando Mamona [↗](#)
- Requião Cabra Hômi [↗](#)

Categorias: Curitiba | Mentirosos | Políticos brasileiros

---


 Esta página foi modificada pela última vez a 10h05min, 2 de Julho de 2008. Esta página foi acessada 6 643 vezes. Conteúdo disponível sob Attribution-Noncommercial-Share Alike
 

[2.5](#) · [Política de privacidade](#) · [Sobre](#) · [Alerta de Conteúdo](#)

Internet 100%